

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

UEMS

Dissertação

**Adriano Rogério Cardoso**

**REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE E DOS GÊNEROS  
ATRAVÉS DOS GRAFITOS EM UMA AMBIÊNCIA  
ESCOLAR**

**REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE E DOS GÊNEROS ATRAVÉS DOS**

**GRAFITOS EM UMA AMBIÊNCIA ESCOLAR**

**Adriano Rogério Cardoso**

\*

**Paranaíba/MS**

**2.020**

**2.020**

**Adriano Rogério Cardoso**

**REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE E DOS GÊNEROS ATRAVÉS DOS  
GRAFITOS EM UMA AMBIÊNCIA ESCOLAR**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.**

**Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Educação.**

**Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Zimmermann**

**Paranaíba - MS**

**2.020**

C872c Cardoso, Adriano Rogério

Representações da sexualidade e dos gêneros através dos grafitos em uma ambiência escolar/

Adriano Rogério Cardoso. Paranaíba, MS: [s.n.], 2.020.

194f.; 30cm

Orientador(a): Tânia Regina Zimmermann

Dissertação (Mestrado) - Unidade Universitária de Paranaíba. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Didática – pesquisa. 2.Dissertação. 3. Formação profissional .I. Título

CDD - 340.1

**ADRIANO ROGÉRIO CARDOSO**

**REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE E DOS GÊNEROS ATRAVÉS DOS  
GRAFITOS EM UMA AMBIÊNCIA ESCOLAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em ...../...../.....

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Tânia Regina Zimmermann (Orientadora)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Dra. Adriana Aparecida Pinto  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Erótica é a alma

Todos vamos envelhecer...

Querendo ou não, iremos todos envelhecer.

As pernas irão pesar, a coluna doer, o colesterol aumentar.

A imagem no espelho irá se alterar gradativamente e perderemos estatura, lábios e cabelos.

A boa notícia é que a alma pode permanecer com o humor dos dez, o viço dos vinte e o erotismo dos trinta anos.

O segredo não é reformar por fora.

É, acima de tudo, renovar a mobília interior: tirar o pó, dar brilho, trocar o estofado, abrir as janelas, arejar o ambiente. Porque o tempo, invariavelmente, irá corroer o exterior.

E, quando ocorrer, o alicerce precisa estar forte para suportar.

Erótica é a alma que se diverte, que se perdoa, que ri de si mesma e faz as pazes com sua história.

Que usa a espontaneidade para ser sensual, que se despe de preconceitos, intolerâncias, desafetos.

Erótica é a alma que aceita a passagem do tempo com leveza e conserva o bom humor apesar dos vincos em torno dos olhos e o código de barras acima dos lábios.

Erótica é a alma que não esconde seus defeitos, que não se culpa pela passagem do tempo.

Erótica é a alma que aceita suas dores, atravessa seu deserto e ama sem pudores.

Aprenda: bisturi algum vai dar conta do buraco de uma alma negligenciada anos a fio.

Adélia Prado, Poesia Reunida, 2015.

Aos meus pais, Cida  
e Silvio, com  
humildade  
ensinaram-me a crer na  
força interior e a lutar pelos  
meus sonhos.

Aos irmãos Regiane  
e Junior pelo carinho e  
incentivo incondicional de  
sempre.

Aos sobrinhos:  
Pedro Felipe, Isadora,  
Giovana e João Antônio,  
pelos sorrisos, que me  
possibilitaram atravessar  
momentos de tensão com  
leveza.

## AGRADECIMENTOS

Em especial a orientadora, Profa. Dra. Tânia Regina Zimmermann, por ter me acolhido como seu orientando, acreditado nesse projeto e me apresentado o universo acadêmico. Agradeço pelas valiosas horas de leitura e orientações, pela competência, dedicação, parceria acadêmica, carinho para a realização desta pesquisa e pela amizade que guardarei com estima e apreço ao longo da vida.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, por proporcionar um curso de relevante contribuição à comunidade acadêmica, social e pessoal.

Aos professores(as) Doutores(as) do Programa de Pós-Graduação, em especial a: Andreia Militão, Carlos Eduardo França, Doracina Aparecida de Castro Araújo, Elson Luiz de Araújo, Maria José Jesus Alves Cordeiro, Silvane Aparecida de Freitas, Fernando Guimarães Oliveira da Silva e Tania Zimmermann. Exemplos de competência e comprometimento com o saber.

Aos membros da banca de examinadores(as) na qualificação e defesa: Profa. Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro, Profa. Dra. Adriana Aparecida Pinto pelos apontamentos de leituras, atentas e despertadas pelas temáticas, interessadas pelas dinâmicas que envolvam o ambiente escolar, com base na proposição aqui apresentada.

Ao diretor de escola o Sr. Horácio dos Reis Marques Ferreira por autorizar a coleta das imagens no interior da escola e permitir a divulgação dos resultados acadêmicos. Ao Vice-diretor o Sr. Ricardo Uchôa Damiano, pela atenção ao longo desse trajeto.

Aos funcionários da limpeza: Aparecida Donizete e Claudio Pereira, que sempre estiveram presentes durante meu trajeto no interior da escola na busca pelos grafitos. Abrindo portas, permitindo observar cada pedacinho das salas, carteiras, paredes, muros e toda a ambiência escolar. Deixo registrados meus sinceros agradecimentos.

Aos alunos e alunas, produtores dos grafitos que diariamente deixavam materiais a serem fotografados e utilizados nesta pesquisa.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

CARDOSO, Adriano Rogério. *Representações da sexualidade e dos gêneros através dos grafitos em uma ambiência escolar*. 2020. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2020.

## RESUMO

Nesta dissertação apresentam-se resultados da pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “História, Sociedade e Educação”, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Relações de Gênero Cultura e Sociedade”. Este trabalho objetiva uma reflexão sobre as representações das sexualidades e de gênero em grafitos produzidos por adolescentes na Escola Estadual “Profª Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes” da cidade de Pontalinda, SP entre os anos de 2018 e 2019. Buscou-se identificar e analisar nas imagens alguns anseios, dúvidas, construção de masculinidades e feminilidades, as subjetividades bem como estigmas e preconceitos de gênero. Em relação a metodologia optamos por uma pesquisa descritiva-exploratória, de cunho qualitativo, no qual utilizaremos elementos da análise de discurso. Nesse sentido, a Análise Crítica do Discurso (ACD) contribui para pensar o conjunto da produção das falas e imagens presentes nos grafitos, pois permite examinar os aspectos linguísticos, imagéticos com aspectos socioculturais. Na lida com as imagens se aduz que estas devam ser tratadas pelo que dizem, como dizem e disposições, da linguagem alocados com os grafitos, a variedade de formatos, pelos conceitos/termos que estes jovens utilizam, pelas zonas de silêncio/superfície ali estabelecidas. Os resultados da pesquisa apontam a carência de pesquisas sobre essa temática e a existência crescente de preconceitos de gênero e de sexualidades nas escolas. Advogamos a necessidade de problematizar questões de gênero e sexualidades nos discursos das políticas curriculares e nos processos de formação de educadores(as). Medra-se a possibilidade de uma reflexão, de (des)construção de preconceitos e de estereótipos generificados permitindo a formação de cidadãos críticos e conscientes em suas subjetividades.

**Palavras-chave:** Sexualidades. Relações de Gênero. Grafitos. Escola. Adolescentes.



CARDOSO, Adriano Rogério. *Representations of sexuality and gender through graffiti in a school setting*. 2020. 194 f. Dissertation (Master in Education) - University Unit of Paranaíba, State University of Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2020.

### ABSTRACT

In this dissertation the results of a Master's Degree in Education developed by the Graduate Program in Education of the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), University Unit of Paranaíba, are presented in the research line "History, Society and Education", linked to the Research Group "Gender Relations Culture and Society". This paper aims to reflect on the representations of Sexualities in graffiti produced by adolescents in the state school, "Prof<sup>a</sup> Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes" of the city of Pontalinda, SP between the years 2018 and 2019. The aim was to identify and analyze the images observing desires, doubts, and construction of masculinities, femininity and subjectivities as well as gender prejudice. In relation to the methodology applied, it is a descriptive-exploratory research, of qualitative nature, in which we will use elements of discourse analysis. In this sense, the Critical Discourse Analysis (CDA) contributes to think the whole of the production of the speeches and images in the graffiti, because it allows examining the linguistic aspects, imaged with sociocultural aspects. Fairclough and Teun van Dijk substantiate the theory of this discursive analysis. In dealing with the images it is said that they should be treated by what they say, as they say and dispositions of the language allocated with the graffiti, the variety of formats, by the concepts (terms) that these young people use, by the areas of silence/surface there established. The research results indicate the lack of research on this subject and the growing existence of gender and sexualities prejudices in schools. We advocate the need to problematize issues of gender and sexualities in the discourses of curricular policies and in the processes of teacher training. Thriving the possibility of a reflection, of (des) construction of prejudices and generified stereotypes allow the formation of critical and conscious citizens in their subjectivities.

**Keywords:** Sexualities. Gender Relations. Graffiti. School. Adolescents.

## ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1</b> – Mapa – de Pontalinda no Estado de São Paulo/Brasil .....	23
<b>FIGURA 2</b> – Mapa – Localização: Pontalinda e Região .....	24
<b>FIGURA 3</b> – Foto – Vista Aérea da cidade de Pontalinda- SP.....	25
<b>FIGURA 4</b> – Foto – Fachada da Escola/ Portão Lateral.....	27
<b>FIGURA 5</b> – Foto – Fachada da Escola.....	27
<b>FIGURA 6</b> – Croqui da Unidade Escolar.....	28
<b>FIGURA 7</b> – Escritas – Sala de Aula/carteiras e cadeiras.....	49
<b>FIGURA 8</b> – Escritas – Sala de Aula/ estojo para giz e apagador, rodapé da lousa.....	49
<b>FIGURA 9</b> – Escritas – Sala de Aula/ estojo de madeira para giz e apagador .....	50
<b>FIGURA 10</b> – Desenho – Pênis e bunda.....	54
<b>FIGURA 11</b> – Desenho – Violência .....	55
<b>FIGURA 12</b> – Escrita – Aconselhamento.....	57
<b>FIGURA 13</b> – Escrita – Romantismo.....	58
<b>FIGURA 14</b> – Desenho – Pênis.....	59
<b>FIGURA 15</b> – Desenho – (heteronormatividade: rosto).....	72
<b>FIGURA 16</b> – Desenho – (heteronormatividade: ritos de passagem).....	74
<b>FIGURA 17</b> – Desenho – (heteronormatividade: esperma).....	75
<b>FIGURA 18</b> – Desenho – (heteronormatividade: violência).....	76
<b>FIGURA 19</b> – Desenho – (heteronormatividade: futebol).....	77
<b>FIGURA 20</b> – Desenho – (heteronormatividade: mutilação).....	78
<b>FIGURA 21</b> – Desenho – (heteronormatividade: ritos).....	80
<b>FIGURA 22</b> – Desenho – (heteronormatividade: exibição do bíceps).....	83
<b>FIGURA 23</b> – Desenho – (heteronormatividade: musculação).....	83

<b>FIGURA 24</b> – Desenho – (Masculinidade: homem/pênis).....	85
<b>FIGURA 25</b> – Desenho – (heteronormatividade: soldado).....	87
<b>FIGURA 26</b> – Desenho – (heteronormatividade: soldado-Jesus).....	89
<b>FIGURA 27</b> – Desenho – (nazismo/suástica).....	90
<b>FIGURA 28</b> – Desenho – (heteronormatividade: Jair Bolsonaro).....	91
<b>FIGURA 29</b> – Desenho – (heteronormatividade: Jair Bolsonaro/Policial).....	92
<b>FIGURA 30</b> – Desenho – (heteronormatividade).....	92
<b>FIGURA 31</b> – Desenho – (heteronormatividade: cowboy).....	94
<b>FIGURA 32</b> – Desenho – (animais bovinos).....	95
<b>FIGURA 33</b> – Desenho – (heteronormatividade: cowboy/domador).....	95
<b>FIGURA 34</b> – Desenho – (arma/pênis).....	96
<b>FIGURA 35</b> – Desenho – (pênis).....	99
<b>FIGURA 36</b> – Desenho – (pênis).....	99
<b>FIGURA 37</b> – Desenho – (pênis).....	100
<b>FIGURA 38</b> – Desenho – (heterossexualidade: ato sexual).....	102
<b>FIGURA 39</b> – Desenho - (heteronormatividade: masculinidade).....	108
<b>FIGURA 40</b> – Desenho - (heteronormatividade: músculos).....	110
<b>FIGURA 41</b> – Desenho - (heteronormatividade).....	110
<b>FIGURA 42</b> – Desenho - (Pênis).....	114
<b>FIGURA 43</b> – Desenho e escrita –(MATAR).....	117
<b>FIGURA 44</b> – Desenho – (Masturbação heterossexual).....	120
<b>FIGURA 45</b> – Desenho – (corpo feminino).....	131
<b>FIGURA 46</b> – Desenho – (corpo feminino) .....	134
<b>FIGURA 47</b> – Desenho – (modelo de feminilidade).....	135
<b>FIGURA 48</b> – Desenho – (corpo feminino) .....	136

<b>FIGURA 49</b> – Desenho – (olhar para o corpo feminino) .....	137
<b>FIGURA 50</b> – Desenho – (vulva) .....	138
<b>FIGURA 51</b> – Escrita – (expressão para órgão feminino) .....	138
<b>FIGURA 52</b> – Escrita – (Fila da puta).....	139
<b>FIGURA 53</b> – Desenho – (Homossexualidade: preconceito/violência ) .....	152
<b>FIGURA 54</b> – Desenho – (preconceito) .....	155
<b>FIGURA 55</b> – Desenho – (Homossexualidade feminina) .....	159
<b>FIGURA 56</b> – Desenho – (Homossexualidade: sexo anal).....	160
<b>FIGURA 57</b> – Escrita – (Pega aqui na minha bunda) .....	162
<b>FIGURA 58</b> – Desenho – (Homossexualidade masculina) .....	163
<b>FIGURA 59</b> – Escrita/ desenho – (“Toma no cu”) .....	164
<b>FIGURA 60</b> – Escrita – (Cú grátis) .....	164
<b>FIGURA 61</b> – Desenho – rosto masculino/pênis .....	166
<b>FIGURA 62</b> – Desenho – figura humana.....	167
<b>FIGURA 63</b> – Desenhos – sol, lua, homem, pênis .....	168

## SIGLAS

AIDS – *Acquired Immune Deficiency Syndrome* (Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida)

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNS – Conselho Nacional de Saúde

COESTER – Companhia Oeste de Terras

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis

EEPG – Escola Estadual de Primeiro Grau

EEPSG – Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau

FEBEM – Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor

HIV – *Human Immunodeficiency Virus* (Vírus da Imunodeficiência Humana)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBTQIAP+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transn(Travestis, Transexuais ou Transgêneros), Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli, e mais.

LGBTs+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

n.p. – não paginado

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNE – Plano Nacional de Educação

PPG – Programa de Pós-Graduação

PPP – Projeto Político Pedagógico

PSL – Partido Social Liberal

SE – Secretaria da Educação

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WhatsApp – aplicativo cujo nome sugerido é “o que está havendo?”; “o que está rolando?”; APP abreviatura de *application program*.

**LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1</b> - Trabalhos acadêmicos.....	30
<b>QUADRO 1</b> - Organização da coleta das fotos.....	32
<b>TABELA 2</b> - Organização dos grafitos.....	32

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>29</b>
<b>SESSÃO 1 – EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GRAFITOS ESCOLARES E SUBJETIVIDADES JUVENIS.....</b>	<b>44</b>
<b>SESSÃO 2 – A REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO E DA SEXUALIDADE HEGEMÔNICA.....</b>	<b>69</b>
2.1– PEDAGOGIA CULTURAL DA MASCULINIDADE E MASCULINIDADE TÓXICA .....	108
<b>SESSÃO 3 – A CONSTRUÇÃO DO FEMININO E SUAS SEXUALIDADES.....</b>	<b>125</b>
<b>SESSÃO 4 – A SEXUALIDADE E O GÊNERO CONSTRUÍDO E DESCONSTRUÍDO NOS GRAFITOS ESCOLARES.....</b>	<b>142</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>175</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>188</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>191</b>

## INTRODUÇÃO

A ambiência escolar é o local onde os(as) adolescentes passam boa parte do tempo de suas vidas, desta forma, a instituição assume grande responsabilidade na formação destes(as) jovens. A adolescência é um período de intensas mudanças no âmbito físico, psicológico e social. O ambiente escolar deve acolher esse(a) adolescente, muitas vezes, questionadores(as) e transgressores(as). Hodiernamente, a instituição escolar, com suas normas e regras, tenta adequar os corpos e silenciar determinados assuntos, como é o caso da sexualidade adotando como norma o modelo heteronormativo (LOURO, 1997; LOURO, 2008; AUAD, 2012) ou cisheteronormativo.

Com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 2001), seguindo uma proposta de trabalho transversal para o Ensino Fundamental, objetivou-se uma formação para a cidadania, de cidadãos(ãs) críticos(as), conscientes, que reconhecem a diversidade sociocultural do país e aprendam a se posicionar contra todos os tipos de preconceitos e discriminações requeridos as(os) alunos(as). Os PCNs apontam a escola como um lugar adequado para tematizar a sexualidade, principalmente devido ao tempo de permanência dos jovens e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos desses jovens (BRASIL, 2001). No entanto, isso parece ter tomado outro caminho. Questões referentes a gênero e sexualidade foram extintas dos documentos oficiais, principalmente da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (BRASIL, 2018), devido ao posicionamento de políticas públicas pautadas por representantes retrógrados(as).

De acordo com Paraíso (2018) no capítulo intitulado: “Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos” se observa esse processo de extinção:

[...] no *Seminário sobre Corpo, Gênero e Sexualidade* que, sabiamente e estrategicamente, coloca em foco *resistências e ocupa(ções) nos espaços da Educação*. Pergunto: Como interromper os ataques que os currículos e os temas gêneros e sexualidades, estão sofrendo, hoje, no Brasil? Como introduzir nesse processo uma resistência que não somente “diga não”, mas que crie *possíveis*, nestes tempos de tantas políticas reacionárias que querem, entre inúmeros retrocessos, impedir qualquer discussão de gênero no currículo escolar? Como enfrentar os esgotamentos da política e de muitas instituições sem se contaminar com os poderes tristes, e fazendo permanentemente a afirmação da vida? É possível criar heterotopia em espaços em que as possibilidades parecem esgotadas? [...] (PARAÍSO, 2018, p.8).



A criação desses espaços heterotópicos é uma empreitada árdua nos currículos escolares e conseqüentemente em sala de aula, mas se faz necessário. De acordo com Mendonça Filho, ex-Ministro da Educação “[...] a BNCC expressa o compromisso do Estado Brasileiro com a promoção de uma educação integral e desenvolvimento pleno dos estudantes, voltada ao acolhimento com respeito às diferenças e sem discriminação e preconceitos” (BRASIL, 2017, p.5). “Isso tudo parece não condizer em sua totalidade com a realidade de nossas escolas atualmente. As questões de gênero, por exemplo, permanecem ponto obscuro e polêmico no cotidiano discursivo de nossas escolas, falar ou não, problematizar ou não?” (CARDOSO, 2018, p.6).

Nas instituições acadêmicas esses espaços heterotópicos existem, pois a Universidade é um local apropriado para se pensar, refletir e problematizar questões sociais incluindo questões de gênero e sexualidade (SEFFNER, 2014; PARAÍSO, 2018). Os programas de licenciaturas podem incluir na formação de professores(as) as temáticas, dos estudos de gênero e de sexualidade humana.

Paraíso (2018) reverbera ainda que a invisibilidade desses temas se fez presente em vários documentos:

[...] gênero e sexualidade terem sido retirados do Plano Nacional de Educação (PNE), dos Planos Estaduais e Municipais de Educação de vários estados e municípios brasileiros, recentemente, no final do ano 2017, esses temas foram também invisibilizados na última versão da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) (PARAÍSO, 2018, p.8).

Temas como gênero e sexualidade estariam a cargo das ciências biológicas e do ensino religioso. Paraíso relata sobre *currículos e possibilidades*, pois acredita que possa haver no currículo espaços para encontros que escapam à regulação, pois sabemos que “[...] um currículo é um espaço de ensino e de aprendizagem incontrolável. Por isso mesmo, ele seja objeto de tantas cobiças, de tantos poderes” (PARAÍSO, 2018, p.8). A criação de espaços de heterotopias nos currículos escolares é possível e devem garantir que temas como gênero e sexualidade estejam contemplados na ambiência escolar. Nessa perspectiva cabe a cada profissional ter essa consciência, esse posicionamento, conforme nos indicou Foucault (2001 apud PARAÍSO, 2018, p.8).

Importa que temáticas de gênero e sexualidade adentrem a sala de aula e no ambiente escolar, independente das terminologias utilizadas, sejam: Orientação sexual, Educação sexual,

Educação e (para) sexualidade, educação integral em sexualidade, convergindo para que os objetivos pautados aos direitos humanos, direito à cidadania, em conhecer o próprio corpo sejam assegurados e respeitados para ambos: feminino e masculino. A sexualidade e estudos de gênero podem ser introduzidos desde a infância, adequando a cada faixa etária com conteúdos específicos até alcançar a adolescência. Entretanto, nós sabemos que trabalhar com questões de gênero e sexualidade não podem ser impostas aos(as) professores(as). Para que essa prática funcione é necessário, além da formação acadêmica, um processo contínuo de formação para professores(as), afinal não sabemos tudo. Para que educação para sexualidade aconteça precisamos estar engajados(as) com a vida em sua plenitude.

O primeiro passo é a consciência que a educação para a sexualidade é necessária, pois envolve bom senso, responsabilidade e ética. Ela pode ser prismada por meio do afeto e do respeito a(o) outro(a), nos relacionamentos a(o) outro(a). O melhor recurso educacional é o humano, a escuta e o olhar sensível, buscar agregar, trazer as famílias ou os(as) cuidadores(as) nesse processo de acolhida e discussão sobre a sexualidade e educação, afinal as famílias cuidaram de imprimir nas crianças as crenças, os preconceitos, valores de respeito ou (não) ao próximo e a diversidade, portanto são coparticipes desse processo de mudança.

Os(as) professores(as) poderão ser aqueles(as) que abordem essas temáticas para produzir espaços heterotópicos contrários às políticas retrogradadas que intentam controlar a educação sexual. Esta educação é para a vida conforme arremete hooks (2013) em sua obra “Ensinando a Transgredir”.

hooks (2013) aduz que há formas libertárias de educação que corroboram com a composição de nossas observações e análises. Esta autora toma as leituras de Paulo Freire e os ensinamentos do budista vietnamita Thich Nhat Hanh, arrazoando o agir e refletir sobre o mundo para modificá-lo e a educação só pode ser libertária se todos(as) a tomarem como uma plantação exercendo um trabalho coletivo (hooks, 2013, p.26).

Isso perpassa o currículo, território de disputa político-pedagógico, pois nele ainda encontram-se cidadãos(ãs), crianças, adolescentes e adultos que não se fazem representar de modo significativo. Os(as) professores(as) e estudantes são os(as) agentes na linha de frente dessas disputas sobre os conhecimentos, sobre o modo de pensar, ensinar, aprender e estar no mundo (ARROYO, 2011).

A invisibilidade da sexualidade e do gênero na BNCC (BRASIL, 2018) possibilitam a extinção de suas abordagens nos currículos oficiais educacionais e conseqüentemente em sala de aula. A sexualidade e gênero, podem ser interpretados como inexistentes, de pouco ou

nenhuma importância para o processo de ensino aprendizagem e poderão cair nas malhas do esquecimento.

Os(as) jovens, com menos espaços sociais para serem ouvidos sobre o tema sexualidade, procuram outras maneiras de se expressar, uma delas é a confecção dos grafitos de conotação sexual. Grafito é um termo de origem italiana e significa: “inscrição ou desenho de épocas antigas, toscamente riscado a ponta ou a carvão, em rochas, paredes, vasos, etc.” (FERREIRA, 1986, p.862).

De acordo com Vilela (2017) os grafitos encontrados no interior das salas de aula podem demonstrar a realidade destes(as) alunos(as), suas relações com seu corpo, gênero e com sua orientação sexual, seus preconceitos, seus desejos, anseios, incertezas, seus desabafos, mesmo com o risco de serem pegos(as) e reprimidos(as).

Os(as) adolescentes muitas vezes se deparam com o inefável, dada a falta de formação dos profissionais da educação nesses assuntos, logo em uma fase crucial de suas vidas, cheia dúvidas e incertezas. Esses(as) mesmos(as) professores(as), muitas vezes, cobram dos(as) seus(suas) alunos(as) uma postura contrária a deles(as), muitos(as) professores(as) trazem consigo preconceitos, traumas e limitações sobre a sexualidade e/ou silenciam como assunto proibido (BRASIL, 2001; LOURO, 1997).

Neste sentido, a prática da educação sexual poderia contribuir na formação da personalidade destes(as) adolescentes(as), influenciando também de modo positivo e responsável nas manifestações sexuais e de gênero presentes no ambiente escolar, das quais, os grafitos fazem parte. O ato da grafiteagem, antes visto como algo transgressor constitui um material rico para reflexão, discussão e desconstrução de valores e preconceitos (SPERLING, 2011; SEFFNER, 2014; VILELA, 2017).

Os grafitos são um importante fenômeno de expressão da sexualidade no ambiente escolar, uma potencial fonte do saber popular assim como das representações sociais sobre o cotidiano dos(as) alunos(as) e suas concepções de mundo, gênero e sexualidade. Essas representações nos permitem adentrar no universo destes(as) jovens, compreendendo melhor suas vivências sexuais subsidiando novos estudos que possam intervir de forma eficaz e efetiva na vida dos(as) mesmos(as) (BARBOSA, 1984; JODELET, 2001; SILVA, 2012).

Por meio de representações do universo adolescente é possível criar políticas públicas que correspondam às reais necessidades e anseios expostos ou interditos destes(as) jovens. Além disso, podem-se criar intervenções educativas, cursos de formação, capacitação para professores(as), para que o processo educativo seja mais eficiente, acolhedor, priorizando a

reflexão, o questionamento, a (des)construção de valores, preconceitos, estereótipos presentes sobre a sexualidade e gênero (LOURO, 1997; AUAD, 2012; SEFFNER, 2014).

O interesse por essa temática surgiu devido as indagações pessoais, observações do elevado número de grafitos no ambiente escolar acompanhadas, muitas vezes, pelo silenciamento dos(as) professores(as) em relação a sexualidade na escola. Inspirada na Dissertação de Mestrado de Vilela (2017) intitulada “*Um Estudo sobre representações de sexualidade e atitudes sexuais de adolescentes de uma Escola Pública: análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares*”. Vilela (2017) busca colher grafitos em carteiras escolares, ampliamos essa busca por grafitos em toda a ambiência escolar. A pesquisa objetiva identificar elementos da sexualidade e questões de gêneros por meio dos grafitos produzidos por adolescentes em uma ambiência escolar.

Diante do exposto, definimos a seguinte questão norteadora: sexualidade e gênero: o que dizem os grafitos na ambiência escolar?

Vilela (2017) intencionou uma análise das questões de sexualidade por meio de grafitos. Nós incluímos em nossa pesquisa: questões de gênero; buscamos além da análise descritiva das imagens, embasamento semiótico peirciano pela interpretação de Santaella (2012; 2018); associamos posicionamentos teóricos relacionados às questões de gênero e sexualidade. Buscamos realizar questionamentos, destacar elementos que permitissem a reflexão e problematização das temáticas gênero, sexualidade dos adolescentes em ambiência escolar e propor alguns direcionamentos ao longo do texto sugeridos por Paraíso (2018), Seffner (2011, 2014) e outros(as).

Os conceitos basilares utilizados serão gênero (BUTLER, 2003; LOURO, 1997, 2007, 2008, 2017, 2018; GROSSI, 1998), sexualidade (FOUCAULT, 2018, 1990; SANTOS, 2010), representações (JODELET, 2001; SANTOS, 2012), masculinidades (GROSSI, 2004, 2010; WELZER-LANG, 2001; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; CONNELL, 1995; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013), feminilidade (LOURO, 2006, 2018; Grossi, 1998, 2004, 2005), hegemonia (ALVES, 2010; GRAMSCI, 2002), patriarcado (CHAUÍ, 2001; DELPHY, 2009; SEGATO, 2012) e serão discutidos ao longo dessa dissertação.

Atentamos que o conceito patriarcado reverbera em nossa dissertação. Segundo Delphy (2009) o patriarcado é uma palavra muito antiga, antes do século XIX estava ligada ao sentido religioso, os patriarcas e seus patriarcados “designavam os dignatários da Igreja, seguindo o uso dos autores sagrados, para os quais os patriarcas são os primeiros chefes de família que viveram, seja antes, seja depois do Dilúvio” (DELPHY, 2009, p.173), ainda encontrado na Igreja Ortodoxa, na expressão “o patriarca de Constantinopla” (DELPHY, 2009, p.173).

Por volta dos séculos XVIII e XIX, com a evolução da sociedade humana, a organização global da sociedade, e antes das denúncias dos autores socialistas o patriarca, chefe e pai de família, *pater familias* se firma em uma época de ouro, simplista, agrária, época que antecede a vida nas cidades, a corrupção, a industrialização e o assalariamento (DELPHY, 2009, p.174). No século XX, na década dos anos 70, no Ocidente, com a segunda onda feminista, houve críticas severas sobre a formação social em que o homem detêm o poder, ou seja, o poder é dos homens (DELPHY, 2009, p.173).

De origem latina *pater*, significa pai, não o genitor, mas uma figura jurídica, definida pelo antigo direito romano, como “[...] senhor, chefe, que tem a propriedade privada absoluta e incondicional da terra e de tudo o que nela existe, isto é, plantações, gado, edifícios (‘pai’ é o dono do *patrimonium*), e o senhor, cuja, vontade pessoal é lei, tendo o poder de vida e morte [...]” (CHAUÍ, 2001, p.9). O pai impera sobre todos(as) que formam seu domínio, isto é, sua casa, seu *domus*, sua família, “[...] (mulher, filhos, parentes, clientes e escravos). Pai se refere, portanto, ao poder patriarcal e pátria é o que pertence ao pai e está sob seu poder” (CHAUÍ, 2001, p.9), pertencer a uma pátria é estar sobre as ordens de um pai, nem sempre zeloso e afetivo.

“[...] O patriarcado é literalmente a autoridade do pai. Como o pai é forçosamente o primeiro e a origem em relação às gerações seguintes [...]” (DELPHY, 2009, p.174), a palavra patriarcado comporta a noção de autoridade, mas não de filiação biológica (DELPHY, 2009, p.174). Portanto, não sendo pai genitor, impera a autoridade, poder de vida e morte sobre tudo e todos(as).

É nesse sentido jurídico preciso que, no latim da Igreja, Deus é Pai, isto é, senhor do universo e dos exércitos celestes. É também essa a origem da expressão jurídica “pátrio poder”, para referir-se ao poder legal do pai sobre filhos, esposa e dependentes (escravos, servos, parentes pobres) (CHAUÍ, 2001, p.9).

O poder paterno é imperativo. “Se ‘patrimônio’ é o que pertence ao pai, ‘patrício’ é o que possui um pai nobre e livre, e ‘patriarcal’ é a sociedade estruturada segundo o poder do pai” (CHAUÍ, 2001, p.10). Somos patrimônios e estamos sobre o domínio patriarcal, portanto, julgam-se no direito de decidir sobre nosso gênero e nossa sexualidade.

Segato (2012) traça um interessante panorama sobre a relação do patriarcado político do colonizador atrelado a cultura da masculinidade hegemônica europeia imposta aos

colonizados e colonizadas cujas mazelas se arrastam. Percebemos raízes profundas mantenedoras de um patriarcado baseado no controle, na disciplina e na opressão das mulheres por meio de práticas discursivas muito diversas e dissipadas.

Rita Segato em seus textos procura meios de entender o patriarcado como cultura moral e religiosa, de ordem política fundamental baseada no controle disciplinar, na opressão das mulheres através de narrativas morais diversas e espalhadas, que entrelaçam várias religiões, culturas diferentes, mas por trás das quais está a ordem política de dominação que diz que as mulheres são moralmente suspeitas de uma moral vulnerável ao mal, à tentação. A tentação da mulher está presente no Gênesis (PICHEL, 2019, s.p.). Como evitar e combater isso? Subjugando-as e inferiorizando-as, assim como a todos(as) que se assemelham ao feminino valorado a masculinidade.

Connell e Messerschmidt (2013) repensam o conceito de masculinidade hegemônica, dominante, nos últimos tempos, ou seja, a masculinidade cisheteronormativas, branca, cristã, dominante, cultural, circulante e as suas mudanças, variáveis ou masculinidades diversas.

Pensando no exposto, esta pesquisa tem como objetivo geral refletir, de modo qualitativo, sobre as representações sexuais encontradas nos grafitos produzidos por adolescentes em uma ambiência escolar, percebendo seus anseios, dúvidas, preconceitos sobre gênero e sexualidade. Isto também aduz a questionamentos sobre a problemática de sexualidade e gênero nos discursos das políticas curriculares na Educação.

E como objetivos específicos buscamos:

- I. Identificar representações sexuais dos jovens a partir do conhecimento sobre sexualidades.
- II. Elencar, classificar e analisar os grafitos de cunho sexual encontrados no ambiente escolar;
- III. Problematizar a existência do interdito no ambiente escolar em relação à temática para apontar direcionamentos;

Os grafitos são expressões verbo-visuais. Para discutir sobre sexualidade representada pelos grafitos na ambiência escolar, realizamos uma busca por produções acadêmicas sobre o tema para a fundamentação teórica, por meio de teses, dissertações, artigos e livros que abordam essa temática na área da educação. A compreensão dos fenômenos e a definição do referencial teórico corroboram para a posterior análise dos dados. Essa análise visa identificar possíveis temas como preconceito, o interdito, o silenciamento, a falta de capacitação dos(as) professores(as) em relação a sexualidade devido a questões deficitárias de políticas públicas, formação acadêmica, questões pessoais, religiosa e/ou sociais.

A pesquisa foi realizada em agosto de 2018 a dezembro de 2019 junto a uma escola da rede pública de ensino que oferece o Ensino Fundamental II, anos finais e Ensino Médio, denominada EE “Prof.<sup>a</sup> Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes” (Figura 4, Figura 5 e Figura 6). A escolha do local se deu por ser o local de trabalho do pesquisador Cardoso. No primeiro contato com a direção escolar realizamos a exposição dos objetivos da pesquisa e da metodologia para a coleta de dados. Fomos autorizados a realizar a coleta das imagens para a pesquisa e divulgar os resultados.

Apresentaremos abaixo um breve panorama sobre o município de Pontalinda-SP (Figuras de 1 a 3). O município escolhido para a realização da pesquisa está localizado na microrregião de Jales, situada na mesorregião de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo, Brasil.

Pontalinda é um município brasileiro que se localiza a uma latitude 20°26'27" sul e a uma longitude 50°31'24" oeste, estando a uma altitude de 435 metros e área de 210,2 km<sup>2</sup>. A população de 4.074 habitantes em 2010, sendo que a estimativa para 2018 seria de 4.580 pessoas (IBGE, 2010). “Vale lembrar que há o processo de população flutuante que, nem sempre, entra na estatística do censo” (FERREIRA, 2013, p.21), isto é, há pessoas que vivem em Pontalinda durante alguns meses do ano, com a finalidade de trabalhar na lavoura, no corte de cana-de-açúcar para usinas da região e na colheita da laranja. No período entre safras retornam para seus estados e regiões de origem, Maranhão, Bahia e Piauí.

**FIGURA 1-** Mapa - de Pontalinda no Estado de São Paulo/Brasil



Fonte: Raphael Lorenzeto de Abreu

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pontalinda#/media/File:SaoPaulo\\_Municip\\_Pontalinda.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pontalinda#/media/File:SaoPaulo_Municip_Pontalinda.svg).

De acordo com o IBGE (2010) nos critérios de trabalho e renda temos os seguintes dados sobre o município:





**FIGURA 3-** Foto - Vista Aérea da cidade de Pontalinda- SP



Fonte: [http://www.pontalinda.sp.gov.br/novo\\_site/index.php?exibir=noticias&ID=32](http://www.pontalinda.sp.gov.br/novo_site/index.php?exibir=noticias&ID=32)

Em relação a história local pontalindense, de acordo com Ferreira (2013), por volta da década de 1940 “a família Castellá, da cidade de Catanduva, empolgada pela corrida em busca de terras férteis, resolveu investir na compra de terra na região da Vila Jales” (FERREIRA, 2013, p. 21), as terras de Pontalinda pertenciam a Vila Jales. Em síntese, necessitavam de mão de obra para o desmatamento das terras recém-adquiridas e decidiram então lotear essa área para o comércio. A empresa COESTER de Fernandópolis, SP buscou compradores, deixando uma reserva de “17 alqueires (41,14 hectares) para a construção de um vilarejo para facilitar a vida da população futura” (FERREIRA, 2013, p.21).

Pontalinda foi “fundada em 15 de agosto de 1948, segundo a história oficial local. Nessa data se levantou o cruzeiro com a celebração da primeira missa (o que marca o poderio da Igreja Católica naquela região na época), como eventos fundadores desse processo da colonização no Noroeste Paulista” (FERREIRA, 2013, p.22). Há controvérsias sobre essa data, pois o processo de emancipação necessitava da construção de uma história local e imediata. Esse local pertencia ao município de Jales-SP até sua emancipação pela Lei nº 7.664, de 30 de dezembro de 1991 (BRASIL, 1991).

As primeiras escolas nesse recente povoado eram destinadas aos meninos. “Em 1951, criou-se a primeira Escola Masculina de Pontalinda, retrato da sociedade machista, depois se estendendo para o gênero feminino” (FERREIRA, 2013, p.73). Na década de 1960 foram instaladas as escolas rurais nas fazendas, devido ao grande número de lavradores. Entre estas escolas figuravam Escola da Fazenda Boa Esperança, Escola da Fazenda Sidney, Fazenda Saad e Escola do Bairro da Rapadura, que perduraram até o final da década de 80 (FERREIRA, 2013, p.73).

O ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série, a nomenclatura atual é do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental- II, anos finais, foi oferecido em Pontalinda apenas a partir de 1974 (FERREIRA, 2013, p.74). Antes tais séries eram ofertadas apenas em Jales, ficando distante e dificultoso o avanço nos estudos. A partir de 2005 houve alteração do Ensino Fundamental para 9 anos. Alterando o termo série para “ano”.

Em relação à escola, por meio das Resolução SE 22 de 26/01/1976, publicada no Diário Oficial em 27/01/1976, foi instalada com nome de Escola Estadual de Primeiro Grau de Pontalinda; a partir de 20/07/1984, conforme Lei 4.161 de 19/07/1984, publicada no Diário Oficial de 20/07/1984, a EEPG de Pontalinda, passou a denominar-se EEPG “Prof.<sup>a</sup> Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes” e em 1987 passou a ser designada EEPG “Prof.<sup>a</sup> Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes” pela Resolução 238, de 05/10/1987, publicado no Diário Oficial em 06/10/87. A Senhora Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes foi uma professora e lecionou nesta Unidade Escolar anos antes de seu falecimento.

A Escola Estadual “Prof.<sup>a</sup> Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes” (Fig.4, Fig. 5 e Fig. 6) está vinculada a Diretoria de Ensino da Região de Jales-SP.

Em relação à Educação no Município de Pontalinda temos os seguintes dados do IBGE:

[...] em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 5.7 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 5.3. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 532 de 645. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 90 de 645. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 98.3 em 2010. Isso posicionava o município na posição 255 de 645 dentre as cidades do estado e na posição 1603 de 5570 dentre as cidades do Brasil (IBGE, 2010, p.1).

Em 2017 foram efetuadas 510 matrículas, sendo que no Ensino Médio foram 89 matrículas e 421 no Fundamental. Em 2015 havia um total de 35 docentes do Ensino Fundamental, 15 professores no Ensino Médio. São duas escolas de Ensino Fundamental 1 e um Estabelecimento que oferece o Ensino Fundamental II, anos finais e Ensino Médio em 2017 conforme dados do (IBGE, 2010, p.1).

**FIGURA 4-** Foto - Fachada da Escola/ Portão Lateral



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

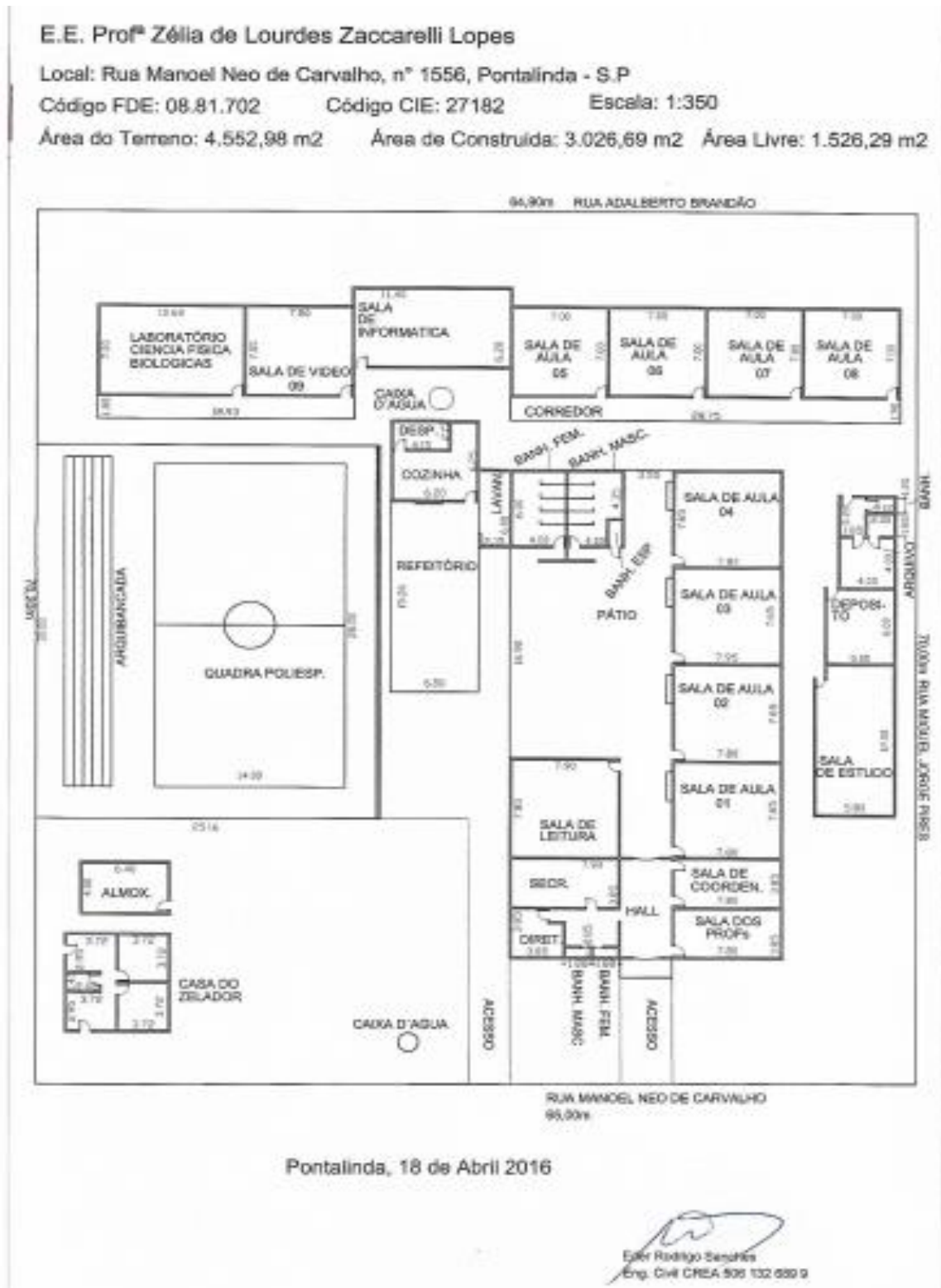
**FIGURA 5** -Foto - Fachada da Escola



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A escola está localizada em um terreno de 4.552,98 m<sup>2</sup>, um total de 3.026,69m<sup>2</sup> de área construída e 1.526,29m<sup>2</sup> de área livre. Possui uma quadra poliesportiva coberta, oito salas de aula, uma sala de recursos, sala de informática, laboratório de ciências físicas e biológicas, sala de estudos, sala de leitura, cozinha, despensa, refeitório, pátio coberto, sala dos professores, sala da coordenação, direção, secretaria, banheiro masculino e feminino para professores, banheiros masculinos e femininos para alunos(as) respectivamente, banheiro adaptado (cadeirantes), almoxarifado, casa do zelador, depósito, sala de arquivo e estacionamento. A instituição está adequada para acessibilidade e funciona em três períodos ou turnos (manhã, tarde e noite) e em 2018 havia 321 alunos(as) matriculados(as).

**FIGURA 6-** Croqui da Unidade Escolar



Fonte: Arquivos da E.E. “Profª Zelia de Lourdes Zaccarelli Lopes”, cedido pela direção.

Apresentaremos a seguir os elementos de construção da pesquisa, assim como pressupostos e objetivos da mesma.

## A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Nas tessituras iniciais, delineamos a construção do objeto de pesquisa, os pressupostos, as questões norteadoras e os objetivos. Em seguida, justificamos a opção pela pesquisa qualitativa e pelo estudo do tipo descritivo-explicativo bem como a conceituação de temas relacionados. Também apresentamos as etapas, os procedimentos, instrumentos de coleta de dados, as justificativas pela escolha de cada um deles e as dificuldades encontradas no decorrer da trajetória. Finalmente, apontamos os procedimentos de análise de dados.

Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória de cunho qualitativo, como afirma Minayo (2010, p. 26) “[...] o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo”, e considero que melhor auxilia na compreensão desse fenômeno social.

De acordo com Telma Lima e Regina Célia Miotto (2007) o uso da pesquisa bibliográfica, em suas diferentes formas e modos, precisa partir de um pressuposto. A necessidade de especificar a dinamicidade do estudo que se pretende discutir, principalmente quando ele se trata de uma temática inovadora alertando para um cuidado com o tratamento científico desordenado, inoperacionalizável e formulação de hipóteses imprecisas.

Segundo Louro (2007), o olhar da linguagem no processo de pesquisa é considerado um meio descritivo e também construtivo. O modo de apresentação da pesquisa se orienta no questionamento ao invés de apresentar meras conclusões ou respostas decisivas, possibilita a autoridade do(a) pesquisador(a).

A pesquisa visa observar nos grafitos, que entendemos como textos verbo-visuais, discursos imbricados, descrever as relações discursivas e de poder em uma sociedade com marcas patriarcais (CHAUÍ, 2001), cisheteronormativas e cristãs (FOUCAULT, 1979). O que diferente da norma for deve ser eliminado ou silenciado.

Por fim, pretendemos discutir as consequências que a sexualidade latente e pouco discutida em sala de aula traz para a comunidade escolar e na vivência plena de seus membros. Refletir sobre o princípio do respeito e da dignidade da pessoa humana, um tema embora frequente no discurso, muitas vezes esquecido na prática cotidiana pela comunidade educacional. Desta forma, teremos uma educação que priorize a formação humana, que cultive o respeito às diferenças e a responsabilidade coletiva e individual (VILELA, 2017).

Procuramos sistematizar os pressupostos teóricos que fundamentaram nossas reflexões acerca do gênero e sexualidade por meio dos grafitos no ambiente escolar, procurando refletir acerca das relações possíveis entre teorias de Michel Foucault (2014, 2018), Judith Butler (2003) e dos pesquisadores Guacira Lopes Louro (1997, 2018) e Fernando Seffner (2011,

2014), sobre teorias de educação e os fundamentos da ação docente relacionados a temática dessa dissertação.

Nosso ideal ético a ser alcançado deve pautar-se no respeito ao próximo, no direito as diversidades identitárias humanas, independente do sexo, cor, raça, religião. Acreditamos que se o tema sexualidade fosse devidamente discutido em sala de aula, provavelmente os grafitos teriam outra conotação, talvez contrária ao ódio e preconceito pelo gozo do(a) outro(a).

O trabalho foi realizado em duas fases: 1- levantamento de pesquisa bibliográfica com o objetivo de encontrar trabalhos que permeiem nossa temática de interesse, sexualidade, gênero expressos pelos grafitos em ambientes escolares. 2- coleta de fotos: paralelamente foram sendo colhidas imagens no ambiente da escola pesquisada, para os procedimentos de classificação, reflexão e análise dos dados.

Para podermos discutir sobre a temática proposta inicialmente, realizamos pesquisa bibliográfica. Recorremos ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Scielo; livros; anais de eventos e repositórios de teses e dissertações de algumas universidades, que abordem essa temática na área da educação. O recorte temporal para a realização do levantamento bibliográfico foi dos últimos 36 anos, iniciamos com a obra de Barbosa (1984).

Localizamos os seguintes trabalhos nacionais:

**TABELA 01-** Trabalhos acadêmicos

Título, autoria e ano	Itens analisados	Tipos	PPG
<i>Grafitos de banheiro: a literatura proibida</i> (BARBOSA, 1984)	Grafitos latrinais	Dissertação	Comunicação
<i>Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero</i> (TEIXEIRA e OTTA, 1998)	Grafitos latrinais	Artigo	Psicologia
<i>Análise do Discurso dos Escritos de Banheiro na Universidade</i> (VILAR; RIBEIRO; SILVA, 2006)	Grafitos latrinais	Artigo	Letras
<i>Pichação na escola e a construção da identidade juvenil</i> (MARTINS, 2010)	Grafitos	Artigo	Educação/Letras
<i>Sexo forever: Corpo, sexualidade e gênero nos grafitos de banheiro em uma escola pública de Porto Alegre</i> (SPERLING, 2011)	Grafitos latrinais	Trabalho de Conclusão de curso	Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero
<i>Abrindo as portas: o que entra nos grafitos de banheiro? Um estudo comparado dos grafitos de banheiro</i> (ALVES, 2014)	Grafitos latrinais	Monografia	Letras

<i>Um Estudo sobre representações de sexualidade e atitudes sexuais de adolescentes de uma Escola Pública: análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares (VILELA, 2017)</i>	Grafitos escolares	Dissertação	Educação Sexual
<i>Imagens do cotidiano escolar Gênero e sexualidades nos desenhos de estudantes de uma escola pública (JUNIOR; SILVA, 2020)</i>	Grafitos escolares	Artigo	Educação/Letras

Fonte: elaborado pelo autor

Os grafitos em banheiros, locais onde os(as) algozes são protegidos(as) pelo anonimato e pelo contingente de pessoas que circulam diariamente por eles, embora alguns deixam registrados contatos telefônicos, e-mails entre outros endereços midiáticos. Em nosso trabalho percebemos que os(as) adolescentes se expõe com mais facilidade. Arriscam-se mesmo sabendo das possíveis sanções. Por que isso acontece?

Nas últimas décadas, foram realizados estudos pertinente sobre grafitos em banheiros com o objetivo de desvendar o comportamento e as concepções sexuais ou dialógicas das pessoas que utilizam esses espaços. Os trabalhos de Barbosa (1984); Teixeira e Otta (1998); Vilar, Ribeiro, Silva (2006); Sperling (2011); Alves (2014) e Vilela (2017). Embora a maioria dos pesquisadores investigassem grafitos latrinais, Vilela (2017) lança um olhar para grafitos em carteiras escolares. Gerbara e Souza (2016) pesquisaram grafitos de conotação sexual em uma sala de aula (carteiras, paredes e portas) de uma instituição privada de ensino no estado do Mato Grosso do Sul. Martins (2010) que pesquisou grafitos em três escolas de Londrina observou paredes e carteiras, entrevistou alunos e diretores de escolas. A preocupação dos diretores estava voltada a limpeza das carteiras, muitas vezes, o conteúdo dos grafitos é de ordem pornográfica sendo contrários a moral e aos bons costumes burgueses. Junior e Silva (2020) analisam grafitos de ordem sexual em salas de aula de uma escola da rede pública do estado o Rio de Janeiro.

Paralelamente ocorreu a fase de coleta dos dados (fotos) para a pesquisa. Para a captura das imagens utilizamos um aparelho celular com câmera e sensor traseiro de 12 megapixels com abertura f/1.7 e tecnologia Dual Pixel, para melhorar o foco e deixar as imagens mais claras, o aparelho permitiu tirar fotos com uma resolução de 4290x2800 pixels.

As fotos foram elencadas em categorias e numeradas, buscando compreender as percepções, minúcias, detalhes, ambiguidades, paradoxos, tensões existentes nas relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar por meio dos grafitos expressos.

Segue abaixo um quadro que resume a organização da coleta das fotos.

**QUADRO 1** - Organização da coleta das fotos

<b>Instrumento de coleta de dados (fotos)</b>	<b>Registro de dados</b>	<b>Organização dos dados</b>
Celular - 12 megapixels com abertura f/1.7	Fotos	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Classificação por categorias;</li> <li>✓ Quantificação;</li> <li>✓ Tabulação;</li> <li>✓ Transcrição dos textos encontrados nas fotos;</li> <li>✓ Análise dos dados.</li> </ul>

Fonte: elaborado pelo autor

A Tabela 2- “Organização dos grafitos” ilustra organização e as subdivisões das imagens encontradas. Os números (quantidades) dos grafitos encontrados ultrapassam o número de figuras utilizadas para ilustrar nossa pesquisa. Informamos que para a realização desta pesquisa foram elencadas imagens que melhor se adequavam as propostas, possuísem qualidade para publicação e que fossem de encontro aos objetivos.

**TABELA 2-** Organização dos grafitos

<b>Temáticas</b>	<b>Categorizações</b>	<b>Quantidades</b>
<b>Corpo Feminino</b>	*****	<b>207</b>
<b>Corpo Feminino</b>	<b>Em relação sexual:</b>	<b>143</b>
<b>Corpo Feminino</b>	Heterossexualidade	132
<b>Corpo Feminino</b>	Lesbianismo	8
<b>Corpo Feminino</b>	Bissexualidade	3
<b>Corpo Feminino</b>	Vestido	25
<b>Corpo Feminino</b>	Nu	39
<b>Corpo Masculino</b>	*****	<b>382</b>
<b>Corpo Masculino</b>	<b>Em relação sexual:</b>	<b>162</b>
<b>Corpo Masculino</b>	Heterossexualidade	132
<b>Corpo Masculino</b>	Homossexualidade	27
<b>Corpo Masculino</b>	Bissexualidade	3
<b>Corpo Masculino</b>	Vestido	123
<b>Corpo Masculino</b>	Despido/Nu	97
<b>Pênis</b>	*****	<b>243</b>
<b>Pênis</b>	Heterossexualidade	132
<b>Pênis</b>	Homossexualidade	25
<b>Pênis</b>	Bissexualidade	5
<b>Pênis</b>	Isolado / ejaculando	62
<b>Pênis</b>	Arma/pênis	5
<b>Pênis</b>	Animais	14
<b>Vulva/Vagina</b>	*****	<b>75</b>
<b>Vagina</b>	Heterossexualidade	37
<b>Vagina</b>	Homossexualidade	4
<b>Vagina</b>	Bissexualidade	3
<b>Vagina</b>	Desenho isolado	8



<b>Vagina</b>	Palavras/frases	23
<b>Ânus</b>	*****	<b>46</b>
<b>Ânus</b>	Heterossexualidade	25
<b>Ânus</b>	Homossexualidade	16
<b>Ânus /Excreção</b>	Desenho isolado	5
<b>Xingamento</b>	Palavrões/Ofensas	<b>125</b>
<b>Xingamento</b>	Homossexualidade (viado/bicha/ “gay”/sapatão)	26
<b>Armas /Violência</b>	facas, espadas, armas	<b>76</b>
<b>Suástica</b>	Política	<b>9</b>
<b>Religião</b>	Cruz, palavras, frases	<b>45</b>
<b>Animais</b>	Diversos	<b>82</b>
<b>Grafitos</b>	Diversos	<b>203</b>
<b>Total</b>	*****	<b>1.529</b>

Fonte: elaborado pelo autor seguindo as normas (ABNT NBR 14724:2011 subitem 5.9)

A Tabela 2 foi subdividida em temáticas, categorizações e quantidades. Em relação as temáticas elencamos: corpo feminino (207), corpo masculino (382), pênis (243), vulva/vagina (75), ânus (46), ânus/excreção (5), xingamentos (125), xingamentos/homossexualidade (26), armas/violência (76), armas/pênis (5), suásticas (9), religião (45), animais (82), grafitos diversos (203) totalizando 1.529. Nos chamou atenção o elevado número de grafitos relacionados a questões sexuais, pênis, masculinidade, xingamentos, animais e violência e religião.

O elevado número de grafitos relacionados a questões e elementos de masculinidade em comparação feminilidade pode ser indicativos da pulsão latente de elementos da cultura pedagógica da masculinidade circulante nos veios sociais e culturais. Devido a isso, pensamos ser interessante ilustrarmos no campo Pedagogia Cultural da Masculinidade (LIMA, COUTO, 2018), nessa dissertação, reflexões sobre elementos da masculinidade tóxica, sugestão para possibilidades de pesquisa e trabalhos investigativos futuros. Acreditamos que as políticas educacionais, curriculares e processos de formação de professores(as) pudessem contemplar elementos por esse viés, de modo transversal nas múltiplas disciplinas escolares, com intuito de amenizar ou dissolver.

Outra possibilidade a ser investigada e aprofundada, refere-se aos conceitos de necropolítica de Mbembe (2016) vinculadas com os processos de precariedade de vivências segundo Butler (2019), aqueles(as) que não se quer, não querem que existam, mata-se, evita-se dar condições dignas de vida apenas o necessário para sobreviverem, nega-se direitos sociais, deixando-os(as) às margens sociais. Aqui estamos nos referindo a questões de raça, classe, gêneros, identidades sexuais, gerando crimes de transfobia (ANTRA, 2020), LGBTfobia

(GGB, 2020) feminicídios, em um processo que limita a vivência de expressões da sexualidade. Seguem alguns apontamentos na Sessão 4.

Essa dissertação é um trabalho investigativo em uma única escola, porém percebemos que professores(as) que aqui atuam, alegam que em seus processos de formação profissional acadêmica, nos currículos e políticas educacionais tais temáticas também não foram e não são significativamente contempladas.

Nas sessões 1, 2, 3 e 4, apresentamos os dados e os resultados da pesquisa em torno dos quais pudemos construir algumas compreensões acerca da sexualidade e gênero no ambiente escolar expressos pelos(as) adolescentes por meio dos grafitos.

Percebemos carência de publicações destas temáticas. Durante nosso processo investigativo oportunizamos a divulgação dos resultados parciais no I Congresso Internacional de Pesquisa e Práticas em Educação (CONIPPE), pela UNESP em Assis –SP (CARDOSO, 2018), no XII Seminário em Educação e VII Colóquio de pesquisa, na UEMS, Paranaíba-MS (CARDOSO, ZIMMERMANN, 2019), produzimos artigos acadêmicos para revistas, capítulos de *e-books* com finalidade de ampliar e contribuir com o universo acadêmico, divulgação sócio cultural, apontando as considerações que julgamos pertinentes.

As indicações das produções abaixo ilustram algumas de nossas publicações até o momento da defesa. As produções foram orientadas e publicadas em co-autoria com a Profa Dra Tânia Regina Zimmermann:

1. *Sexualidades e relações de gênero: o que dizem os grafitos na ambiência escolar* participação no I Congresso Internacional de Pesquisa e Práticas em Educação – CONIPPE, Faculdade de Ciências e Letras, da UNESP, Campus de Assis, SP – Brasil, em novembro de 2018, (CARDOSO, 2018);
2. *Cidadania sexual e “masculinidade extraordinária” apontamentos em grafitos escolares*, XII Seminário em Educação e VII Colóquio de pesquisa realizado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Paranaíba, MS, agosto de 2019, (CARDOSO, ZIMMERMANN, 2019a);
3. *Gênero e educação, interfaces com grafitos em um ambiência escolar: possibilidades de pesquisa*, Colloquium Humanarum, 2019, (CARDOSO, ZIMMERMANN, 2019b);
4. *Cidadania sexual e “masculinidade extraordinária” apontamentos em grafitos escolares*, aceito como capítulo do livro eletrônico "Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado", pela Atena Editora,

- Ponta Grossa, PR a ser divulgado em agosto de 2020, (CARDOSO, ZIMMERMANN, 2020a);
5. *Masculinidade e sexualidade hegemônica através de grafitos em uma ambiência escolar*, Revista de Educação e Sociedade: Perspectivas em Diálogo, 2020, (CARDOSO, ZIMMERMANN, 2020b);
  6. *Reflexões sobre gênero e homossexualidade em grafitos escolares*, Revista Humanidades e Tecnologia (FINOM), 2020, (CARDOSO, ZIMMERMANN, 2020c);
  7. *Educação sexual, grafitos escolares e subjetividades juvenis*, Educere – Revista de Educação da UNIPAR, 2020, (CARDOSO, ZIMMERMANN, 2020d);
  8. *A construção do feminino e suas sexualidades em grafitos escolares*, Revista Educação e Linguagens, 2020, (CARDOSO, ZIMMERMANN, 2020);
  9. *Homossexualidade e expressões em grafitos escolares*, Revista Emblemas, (em avaliação), (CARDOSO, ZIMMERMANN, 20??);
  10. *Reflexões sobre masculinidade tóxica: expressões em grafitos escolares*, Revista Nuances (em avaliação), (CARDOSO, ZIMMERMANN, 20??);
  11. *A tipologia dos grafitos sobre gênero e sexualidade em uma ambiência escolar*, capítulo de livro eletrônico (em avaliação), (CARDOSO, ZIMMERMANN, 20??).

O artigo 8 e o capítulo de e-book 11 foram aceitos para publicação, sem data definida para publicação e o artigo 9 e 10 encontram-se em fase avaliação.

Sabemos o quanto é penoso o processo de produção escrita, mas acreditamos ser importante que os(as) professores(as) em sala de aula possam realizar produções acadêmicas, individuais ou coletivas, busquem meios para registrar, divulgar, tornar pública as atividades práticas em sala de aula e na ambiência escolar, relativas a sexualidade e estudos de gênero. É interessante que educação sexual esteja presente no Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada escola, em prática contínua de modo transversal.

Muitas vezes isso não acontece, fala-se que há práxis pedagógicas sobre a educação em sexualidade porém tende a ser abordada pontualmente, não há um contínuo dessa práxis. Geralmente solicitam um(a) palestrante externo(a), uma vez ao ano e encerra-se o assunto. Professores(as) dotados(as) de criatividade, garra, comprometimento com o ensino-aprendizagem dos(as) alunos(as), podem realizar conversas no dia a dia, sempre que surgem questões relacionadas sobre gênero e sexualidade na ambiência escolar, além de organizar rodas de conversas, momentos para sanar dúvidas sobre as temáticas, gênero e sexualidade. Sugere-

se ainda providenciar uma caixa para adição de perguntas feitas pelos(as) os(as) alunos(as), manter o anonimato deles(as) se preferirem, as dúvidas podem ser comentadas por algum(a) professor(a) em algum momento do recreio, por exemplo programa de rádio escolar, criar momentos para que os(as) alunos(as) possam realizar palestras para os pais/cuidadores/responsáveis, explanando sobre temas já trabalhados pelos(as) professores dentro da educação em sexualidade, valorizando o protagonismo juvenil. Variadas são as possibilidades de arranjos para abordar temas sobre gênero e sexualidade na escola.

Na primeira sessão - “Educação sexual, grafitos escolares e subjetividades juvenis” - buscamos apresentar de forma concisa um panorama sobre a educação sexual e análise de alguns grafitos.

Na sessão 2- “A representação do masculino e da sexualidade hegemônica,” apresentaremos alguns apontamentos teóricos e definições de masculinidade sob o ponto de vista de Mirian Pillar Grossi (2004) e sobre a sexualidade hegemônica em Connel (1995), incluindo o Brasil e na sequência algumas análises dos grafitos. Quando nos reportamos as relações hegemônicas observamos em Ferreira, (1986) que hegemonia, corresponde a “preponderância de um povo sobre outras cidades ou outros povos; [...] preponderância, supremacia, superioridade” (FERREIRA, 1986, p.884).

Na visão de Fairclough (2016) o conceito de hegemonia é peça chave para Gramsci sobre o “capitalismo ocidental”. O autor harmoniza concepções de discurso e mudanças em relação as “evolução do poder”. “Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômicos, político, cultural e ideológico de uma sociedade” (FAIRCLOUGH, 2016, p.127). Fairclough (2016) conceitua que:

[...] hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um “equilíbrio instável”. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios (FAIRCLOUGH, 2016, p.127-128).

A hegemonia pode ser entendida como alianças, concessões por meio de elementos ideológicos que convencem e possibilitam o consentimento da dominação de um sobre o outro,

do dominante sobre o dominado. Envolvem formas econômicas, políticas ideológicas e transitam entre instituições sociais como família, escola (educação), igreja. Hegemonia significa liderança e na concepção do italiano Antonio Gramsci (2002) ganhou significado de dominação, mas não necessariamente pelo uso explícito da força ou violência.

Por meio da interpretação de Alves (2010)

[...] Gramsci afirma que é muito comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção do mundo deste, mesmo que ela esteja em contradição com a sua atividade prática. Ademais, ele ressalta que esta concepção do mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior é desprovida de consciência crítica e coerência, é desagregada e ocasional. Dessa adoção acrítica de uma concepção do mundo de outro grupo social, resulta um contraste entre o pensar e o agir e a coexistência de duas concepções do mundo, que se manifestam nas palavras e na ação efetiva. Gramsci (1978a, p.15) conclui, portanto, que “não se pode destacar a filosofia da política; ao contrário, pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção de mundo são, também elas, fatos políticos” (ALVES, 2010, p.74).

Em outras palavras, segundo a aceção de Gramsci (2002), hegemonia é uma dominação consentida, especialmente de uma classe social ou nação sobre seus pares. Na visão do italiano, quanto mais difundida uma determinada ideologia, mais sólida fica a hegemonia e há menos necessidade do uso de violência explícita.

Nas palavras de Gramsci (2002, p.62-63),

[...] a supremacia de um grupo se manifesta de dois modos, como “domínio” e como “direção intelectual e moral”. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a “liquidar” ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições fundamentais inclusive para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante, mas deve continuar a ser também [dirigente] (GRAMSCI, 2002, p.62-63).

Nessas asserções podemos concluir que hegemonia patriarcal (CHAUÍ, 2001; SEGATO, 2012) exerce poder sobre outrem e incluímos aqui o poder do masculino sobre o feminino, da heteronormatividade sobre a não heteronormatividade, do hegemônico sobre o não hegemônico, do macho sobre a fêmea, de machos sobre outros machos e de fêmeas sobre outras fêmeas.

Em relação a masculinidade Grossi (2004, p.5) observa que há duas “principais correntes teóricas” para entender a masculinidade: pós-estruturalismo e estruturalismo. No pós-estruturalismo “o gênero se constitui pela linguagem” pelo “discurso.” Segundo a teórica norte americana Joan Scott (1990): “o discurso é um instrumento de orientação do mundo, mesmo se não é anterior à orientação da diferença sexual” (SCOTT, 1990 apud GROSSI, 2004, p.5). Isso quer dizer que “o discurso é um instrumento de orientação do mundo, ou seja, tudo que vivemos é permeado pela linguagem, por discursos. As pós estruturalistas pensam que discursos não são apenas palavras, mas linguagem, atos que têm significado” (GROSSI, 2004, p.5), ou seja, o discurso permeia o mundo e toda questão de gênero uma vez que possibilita significados. Inferimos que o discurso se envolve na sexualidade humana impondo regras.

“Para as teóricas estruturalistas, o gênero implica em alteridade, ou seja, para que exista o masculino é necessário seu oposto, o feminino. O processo de constituição de identidade se dá pelo reconhecimento de que existem pessoas idênticas e diferentes de nós mesmos” (GROSSI, 2004, p.5). Sendo assim é possível compreender que “o gênero se constrói sobre o corpo biológico, que é sexuado. As estruturalistas pensam que só pode haver dois gêneros, uma vez que eles se constituem cognitivamente sobre o corpo sexuado, que é dual (macho e fêmea)” (GROSSI, 2004, p.5).

Na corrente estruturalista “a existência de dois gêneros não exclui a possibilidade de que estes sejam constituídos em vários modelos de feminino e de masculino, modelos que variam histórica e culturalmente, mas também que têm diferentes matizes no interior de cada cultura” (GROSSI, 2004, p.5).

“As pós-modernas pensam diferentemente. Para elas o gênero pode ser mutável; elas pensam que existem múltiplos gêneros, e não apenas o masculino e o feminino” (GROSSI, 2004, p.5). Elas se interessam pelos(as) transgêneros e sobre a forma como indivíduos não heterossexuais se veem no mundo, como vivenciam suas identidades e expressões de sexualidades. Afinal, machos e fêmeas biológicos(as) são contingências que podem ser mudadas por meio de hormônios e cirurgias de mudança de sexo (GROSSI, 2004, p.5) e por meio de outros recursos médicos ou não.

Percebemos então que

[...] a atribuição de gênero acontece quando a cultura diz: "Isto é o que você é". Na maioria das culturas, o gênero é atribuído às pessoas no momento em que elas nascem. Em nossa cultura, uma vez que lhe seja atribuído um gênero, é isso que você passa a ser. E na maior parte dos casos são os médicos que atribuem o gênero, o que mostra enfaticamente o quanto gênero é algo medicalizado. Eles olham para uma

criança recém-nascida e dizem: "Tem um pênis, é um menino". Ou então, "Não tem um pênis; é uma menina". Assim, a atribuição de gênero tem pouco ou nada a ver com vaginas. Tudo se resume a "pênis" e "não pênis". O que mostra que o processo de atribuição de gênero é também totalmente falocêntrico e genital (BORNSTEIN, 1995, p. 22 apud LANZ, 2018, p.49).

Se pensarmos na cultura ocidental, inclusive no Brasil a masculinidade indica que o gênero "masculino é ativo. Ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da(o) outra(o)" (GROSSI, 2004, p.6). Em nosso entendimento a sexualidade humana está fortemente imbricada com questões de gênero binário. O masculino, cisheteronormativo deve ser ativo e feminino cisheteronormativo passivo, não cabe mudanças. Seguindo as dinâmicas normativas patriarcalistas consagradas (CHAUÍ, 2001; DELPHY, 2009). No entanto, há dinamismos nas expressões humanas de sexualidade, sendo traçadas como anormais pelo conservadorismo patriarcal.

Ser homem é ser viril, macho, competidor, violento, agressivo, provedor no lar, cheio de crenças, teorias sobre como o homem deve ser, comportar-se no mundo e em sociedade. Será que precisa ser mesmo assim? Por que deve ser assim? Isso é bom para todos os homens? E para as mulheres isso é bom?

Segundo Grossi (2004, p.6) "num dos modelos tradicionais de gênero no Brasil, estudado por Peter Fry, homem é aquele que 'come', ou seja, que penetra com seu sexo não apenas mulheres, mas também outros homens, feminilizados na categoria 'bichas'". Isso difere de outros países como Inglaterra e Estados Unidos, a heterossexualidade está relacionada a atração e relação sexual pelo sexo oposto impreterivelmente. Entretanto, no Brasil "um homem que é homem, deve inclusive comer uns 'veados', pois o que o faz ser considerado homem é a posição de atividade sexual, de penetração. Na nossa cultura, a atitude considerada ativa é a penetração sexual" (GROSSI, 2004, p.6), não importando muito em quem esteja penetrando. A masculinidade vem acompanhada pela agressividade e é aceita como natural e esperada.

A construção do feminino e suas sexualidades, constitui a terceira sessão na qual se observa os processos de construção da sexualidade, do corpo feminino e como os órgãos são representados pelos grafitos.

O corpo feminino também é uma construção discursiva e moldada. Sabemos que os rituais de construção de feminilidade tendem a serem "menos violentos que os masculinos, pois eles não precisam separar as mulheres do mundo feminino, mas sim reforçar este vínculo pelo aprendizado das regras deste mundo" (GROSSI, 2004, p.9).

Grossi (2004, p.10) aponta como alguns rituais de feminilidades ocorrem no Brasil, mas não ligados a agressividade, como por exemplo: ato mineiro religioso do “coração de Nossa Senhora”, obrigatoriamente as meninas eram vestidas de anjos em eventos religiosos. Ou os *dèbut*, tipos de baile/festas de 15 anos em clubes onde as meninas são apresentadas em trajes de gala a sociedade local, semelhantes a princesas ou bonecas *barbies*.

Há algumas décadas as mulheres iam “ao cabeleireiro pelo menos uma vez por semana para passar uma tarde fazendo bobs no cabelo, penteando, fazendo as unhas, se depilando, etc. – atos que constituíam um ritual de feminilidade. [...]” (GROSSI, 2004, p.10), atualmente isso acontece de forma mais ágil. A ideia de complementaridade, o homem de classe média é o provedor, a mulher deve cuidar da casa, dos filhos; ao final do dia deve estar limpa, linda e cheirosa esperando o marido para jantar (GROSSI, 2004, p.10). Será que cuidar da casa e da prole é satisfatório para todas? E estar financeiramente dependente do provedor masculino, tal qual uma propriedade dele? É o esperado? De acordo com o patriarcado sim, pois a mulher é um patrimônio do homem (CHAUÍ, 2001).

Atualmente muitas mulheres frequentam as academias, malham e produzem seus corpos sarados para homens poderosos. A beleza é elemento da feminilidade para ser desejada pelo homem. Se outrora a ida ao cabeleireiro era o suficiente para salientar a beleza da mulher, com o passar do tempo houve mudanças, a ida diária as academias para moldar o corpo, ou a busca por intervenções cirúrgicas com adição de próteses para salientar os atributos corporais femininos (GROSSI, 2004, p.11).

E finalmente na sessão 4- “A sexualidade e o gênero construído e desconstruído nos grafitos escolares” procuramos elencar outras formas de exercer as sexualidades pelos jovens que não as dominantes, mesmo sabendo da possibilidade de atos de preconceito, LGBTfobia, transfobia, etc.

Prevalece um discurso ecoante de que a homossexualidade é algo não hegemônico, desviante da norma e deve ser evitada.

Seguindo essa linha, na tentativa de se evitar o preconceito, Lima e Couto (2018, p.125) atentam para a “pedagogia cultural de masculinidade ancorada em uma imagem esportiva, superviril e machista que fugisse das imagens e estereótipos do gay afeminado ou bichas”, que aconteceu nas décadas de 1970. Sendo assim os gays dos Estados Unidos como estratégias para fugir dos estereótipos passaram a “esculpir o corpo em academias. A promoção do músculo foi uma maneira de enfrentar e resistir à violência homofóbica da época” (LIMA, COUTO, 2018, p.125), vendendo o *slogan* músculo é saúde e era uma forma “de mostrar que o corpo, forte e



musculoso, mais belo e desejável, não estava infectado com o HIV-AIDS” (LIMA, COUTO, 2018, p.125).

Nos últimos anos estamos nos deparando com o *slogan* ideologia de gênero, que é difundido na sociedade em diferentes espaços, como nos pronunciamentos de políticos e religiosos reacionários, nas redes sociais, nas diferentes mídias, nos espaços de formação de professores(as), nas escolas, nas igrejas nos inúmeros Projetos de Lei apresentados no Congresso Nacional, no Senado Brasileiro, nas Câmaras de Deputados de vários Estados e de vereadores de diferentes municípios etc conforme apontou (PARAÍSO, 2016; 2018), sob a alegação de que práticas de homossexualidade e princípios de identidade de gênero são contrários a família e aos bons costumes burgueses. Algumas mulheres do atual governo brasileiro apresentam discursos misóginos, machistas, religiosos, preconceituosos, LGBTfóbicos, seguindo os dogmas ali disseminados. Aqueles(as) estranhos(as) podem sofrer repressões, perseguições, serem calados(as) e até pagarem com a própria vida.

A professora antropóloga Debora Diniz Rodrigues da Universidade de Brasília (UNB) é um exemplo, encontra-se exilada em outro país. Desde julho 2018, licenciou-se e interrompeu sua carreira como professora universitária do curso de Direito da UNB após ter recebido ameaça de morte por parte de militantes fundamentalistas cristãos contrários(as) às questões de gênero e expoentes da ideologia de gênero.

Sobre o *slogan* ideologia de gênero, Paraíso (2018) pontua:

[...] entre outras coisas: a) ataca frontalmente os feminismos, os estudos de gênero e as teorias *queer*; b) considera que gênero é uma ideologia; c) divulga que gênero não é científico; d) dissemina que gênero é uma ideologia contrária aos interesses da família; e) que gênero e sexualidade não podem ser ensinados na escola; f) que quem falar sobre gênero e sexualidade na escola deve ser processado e punido (PARAÍSO, 2018, p.15).

Para Fry e MacRae (1991) a homossexualidade “é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. [...] ela é uma coisa na Grécia Antiga, outra na Europa do fim do século XIX, outra [...] entre os índios Guaiáqui do Paraguai” (FRY, MACRAE, 1991, p. 7). Significa uma coisa para um camponês do Mato Grosso e outra para um candidato a governador do Estado de São Paulo (FRY, MACRAE, 1991).

Enfim, as ideias e práticas sobre a homossexualidade são produzidas historicamente (FRY, MACRAE, 1991, p.7). “Desejos homossexuais são socialmente produzidos como são

também produzidos desejos heterossexuais. Para nós, um, ou outro ou ambos têm o mesmíssimo valor e devem ser vistos com a mesma perplexidade normalmente [...]” (FRY, MACRAE, 1991, p.16). Cada indivíduo deve sentir-se livre para vivenciar suas subjetividades independente com quem se deita ou tem relacionamento sexual- afetivo (COSTA, 1994). Ambos precisam estar em comum acordo e não transgredirem as leis criminais, que se referem a todos(as) heterossexuais ou não, como o abuso sexual de vulnerável e/ou incapaz.

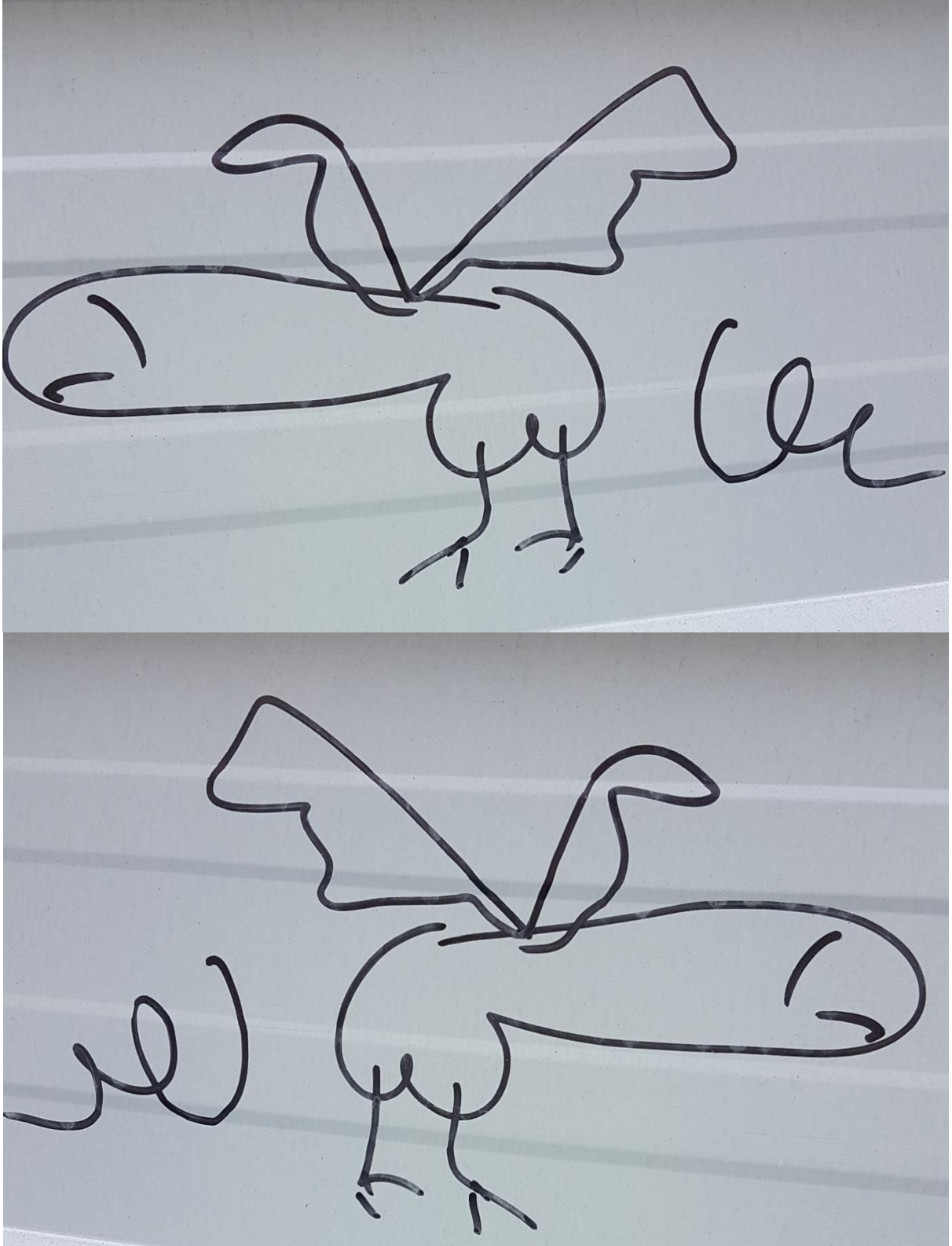
Meu sonho é que toda pessoa possa ser quem ela é, independentemente de raça, etnia, classe socioeconômica, sexo, gênero ou qualquer outro rótulo que a sociedade persistentemente insiste em colar na cara das pessoas, sob o pretexto de representá-las, mas que serve muito mais para dividi-las, hierarquizá-las, conceder-lhes privilégios ou impor-lhes restrições (LANZ, 2018, p.49).

Somos seres sociáveis, a sociedade está em mim e em você, em todos(as) nós. Transformar a sociedade é nos transformarmos e o que está em nós. Compartilho as palavras de Ronaldo Pamplona da Costa sonhar um sonho possível e utópico que “[...] a Educação, a Medicina, o Direito, a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia ajudarão as pessoas a serem livres” (COSTA, 1994, p.205).

No futuro, esperamos que as diferenças de gênero assim como as circunstâncias da sexualidade, individualidade de cada uma(a) possam ser respeitadas, discussões sobre gênero, sexualidade sejam desnecessárias, pois estarão resolvidas, pautadas nos direitos humanos e existenciais. Afinal, “[...] somos ao mesmo tempo semelhantes e diferentes de todos os demais, em nossa indivisibilidade. Somos em cada momento, únicos e universais [...]. Tudo é muito pouco para explicar o ser humano” (COSTA, 1994, p.205).

O glossário desta pesquisa vislumbra um esforço em aclarar, termos e conceitos aqui utilizados, ainda que os conceitos já estejam em circulação no campo de conhecimento. Em uma ânsia para tornar mais palatável, ou esclarecedor àqueles(as) que possam se interessarem pelos assuntos e não esgotá-los. Pensamos que esse agrega valor à pesquisa, reflete o esforço conceitual e investimentos de leitura, possibilita ampliar a compreensão dos(as) leitores(as), sobretudo se forem professores(as), ou outros(as) profissionais das áreas de: direito, psicologia, ciências sociais, sexualidade, educação, enfermagem, arquitetura, etc. interessados(as) sobre o contexto da proposta, e das terminologias que devem ser adequadamente utilizadas para tratar cada condição humana.

A seguir apresentaremos os elementos de construção da pesquisa, educação em sexualidade, assim como pressupostos e objetivos da mesma.



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

**1 SESSÃO - EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GRAFITOS ESCOLARES E  
SUBJETIVIDADES JUVENIS**

Esta sessão objetivou refletir sobre a importância da educação em sexualidade, identificar elementos da sexualidade e questões de gêneros por meio dos grafitos produzidos por adolescentes em uma ambiência escolar. Percebemos que em nossa sociedade há a reprodução e manutenção de discursos elaborados, difundidos e validados a partir da era vitoriana, no século XIX, referente a interdição da sexualidade e isso se reflete nas práticas escolares atuais no país.

Em relação aos termos, Bernardi (1985) utiliza educação sexual e o governo brasileiro, a partir de 1997 com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 2001) trouxe a expressão Orientação Sexual, como um dos temas importantes para a educação transversalizante permeando os conteúdos educacionais nas múltiplas disciplinas. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2014) utiliza a expressão educação em sexualidade. As três expressões caminham na direção de valorizar as subjetividades humanas, baseadas nos direitos humanos.

A educação em sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo de seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade. A educação em sexualidade está presente em todos os espaços de socialização – família, escola, igreja, pares, trabalho, mídia –, mas ocorre de forma pulverizada, fragmentada e desassociada de um plano de sociedade inclusiva baseada nos direitos humanos. Portanto, torna-se relevante a atuação do sistema educacional na tarefa de reunir, organizar, sistematizar e ministrar essa dimensão da formação humana (UNESCO, 2014, p.11).

Educação em sexualidade é entendida como meio de ensinar as crianças e as futuras gerações um modo inventado socialmente de conhecimento das subjetividades de cada corpo, do sexo (relação sexual), do prazer e do amor. “Queremos nós mesmos ensinar-lhe e do nosso modo. Assim, inventamos a educação sexual. Ou melhor, inventamos o problema da educação sexual” (BERNARDI, 1985, p.12), pois acreditamos ser o único e correto modo, pois esquecemo-nos das subjetividades e individualidades. A sexualidade é pessoal e cada um(a) de nós a experienciamos de um modo particular. Sexualidade vai muito além do ato sexual (coito), abarca um universo humano em ser, estar no mundo, consigo e com outros(as).

Eis que surgem os problemas e tabus sobre esse processo de educação sexual ou de educação para sexualidade. O problema se dá pelo fato da educação em sexualidade estar assentada em estratégias pedagógicas de ampla socialização para “[...] apatia, exercitada, seja na família, seja na escola, seja nos programas políticos, seja na sociedade em geral. Vivemos numa cultura ‘sexofóbica’ e repressiva” (GOLDBERG apud BERNARDI, 1985, p.9).

Apesar das grandes transformações sociais e comportamentais no campo da sexualidade e das relações de gênero observadas nas últimas décadas, a maioria das iniciativas escolares de educação em sexualidade, ainda hoje, concentra-se no discurso biologizante e científico do corpo, silenciando sobre questões importantes como o prazer, o desejo e a diversidade sexual (UNESCO, 2014, p.11).

Falar sobre educação em sexualidade é algo problemático, pois deparamos com uma prática sexual moralista, repressora, que pouco valoriza a liberdade sexual, a qual não devemos confundir com o exercício de violência contra outrem. Somente a sexualidade adulta é comumente normal? (GOLDBERG apud BERNARDI, 1985, p.9). Portanto, seria adequado falar sobre educação em sexualidade somente com pessoas adultas? Qual seria a idade adequada para iniciar a educação em sexualidade? Qual a melhor idade para se iniciar a vida sexual? E a gravidez na adolescência deve ser problematizada?

Geralmente a educação em sexualidade quando inclusa nos planos ou projetos pedagógicos escolares tendem a “ocorrer de forma aleatória, assistemática e pontual, dentro de um calendário de datas comemorativas, em eventos ou campanhas sobre saúde, ou como resposta a alguma situação na escola (namoro, gravidez na adolescência, violência de gênero, entre outras)” (UNESCO, 2014, p.11) mas poderia fazer parte do cotidiano escolar, permeando os conteúdos programáticos de modo transversal em todas as disciplinas.

A educação em sexualidade não incentiva práticas sexuais precoces nos(as) adolescentes pelo contrário, busca prevenir situações abusivas, de violência, abusos sexuais infantis. Devido a esse conhecimento adquirido pelos(as) adolescentes espera-se que retardem o início das práticas sexuais, evitando gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), pois conhecimento é empoderamento. Isto contribui para que os(as) envolvidos(as) quando sentirem-se confortáveis para a prática sexual, que seja algo natural, saudável, consciente, consensual, com cuidados e responsabilidades entre as parcerias.

No processo de normalização sexual, muitas vezes, se desconsidera o currículo sexual pessoal que cada ser humano (re)constrói, traz em si, afinal cada um(a) de nós vivenciamos temos subjetividades, traumas, nos tornando seres eróticos(as), sedutores e somos seduzidos ao longo da vida. Não deveria haver imposições normatizantes culturais que obrigam o desejo sexual para o oposto ao seu, homem e mulher (FOUCAULT, 2018) . Isso é negar o direito da existência de múltiplas identidades sexuais (QUINALHA, 2019). As experiências de autoconhecimento das zonas erógenas podem ser traumatizantes, punitivas, castrativas, impregnadas de moralidades e proibições pecaminosas, ou não. Para Freud (2006), esse

currículo sexual subjetivo irá contribuir na formação da personalidade dos(as) indivíduos(as) ao longo da vida.

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de “sexual”. Talvez a única definição acertada fosse “tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos”. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo (FREUD, 2006, p. 309).

Freud (2006) refere-se a sexualidade humana, que nos acompanhará na viagem de nossas vidas (LOURO, 2017).

Falar em sexualidade inclui afeto, sexo, amor, envolvimento e subjetividades. A música “Amor e sexo”, do álbum *Balacobaco*, de Rita Lee (2003) (ANEXO 1) pode ser um mote interessante para reflexões sobre essas duas vertentes.

[...]  
 Amor é cristão  
 Sexo é pagão  
 Amor é latifúndio  
 Sexo é invasão  
 Amor é divino  
 Sexo é animal  
 Amor é bossa nova  
 Sexo é carnaval [...] (CARVALHO; LEE; JABOR, 2003).

*Amor e sexo* (CARVALHO; LEE; JABOR, 2003) possibilita refletirmos sobre alguns paradoxos culturais entre os atributos de amor e do sexo, ora se entrelaçam, ora são independentes, voláteis, fluidos, negados, vai depender dos acordos, desejos e organizações entre as parcerias envolvidas, porém a subjetividade perpassa as relações e práticas de amor e sexo entre os(as) envolvidos(as).

Causa-nos questionamentos sobre o que fazemos com a capacidade de sedução? Muitos(as) usam essa capacidade para imprimir sofrimentos a(os) outros(as), negando e anulando o direito de existir como é o caso da homossexualidade e da transsexualidade. Devemos refletir: será que minhas vivências curriculares sexuais, ao longo da vida, sequestram, coisificam, objetificam o(a) outro(a) com quem me relaciono? Retirando-lhes, ou dificultando-

lhes a humanidade, os direitos de viverem como se sentem felizes? Cada um(a) de nós fazemos o melhor, dentro de nossas possibilidades e naquilo que damos conta de ser.

Será que conseguimos experienciar nossas identidades sexuais e afetivas de modo satisfatório? Como isso nos foi e nos é ensinado? Como isso nos atravessou e nos atravessa? Como estamos transferindo esse legado aos(as) nossos(as) alunos(as) e para as futuras gerações?

A educação em sexualidade poderia ser tratada com naturalidade, leveza e maior fluidez nos âmbitos escolares, sociais, familiares, culturais e não ser vista como um tema tabu.

Os PCNs (BRASIL, 2001) nos deixaram o legado de compreender a sexualidade em sua amplitude, pois não é deixada pelos(as) alunos(as) fora das escolas. Engloba emoções, valores pessoais, externos, questões sobre o corpo, desejo, afeto, amor, atração, reprodução, menstruação, masturbação, gêneros e tantas outras subjetividades. Desde os anos iniciais deveriam ocorrer em formas de diálogos, esclarecimentos de dúvidas, trabalho com o respeito as diferenças identitárias, cuidados com o corpo, para se evitar situações de exploração e abuso sexual infantil, portanto, não se trata do precoce ensino do sexo. Percebemos que familiares, colegas, a mídia, a sociedade apresentam um repertório amplo sobre sexo, as mídias informam muito, porém não formam.

A puberdade e a adolescência seriam as fases mais propícias ao aprofundamento de questões relativas à sexualidade, geralmente quando se inicia a vida sexual, portanto, cuidados em relação a evitação da gravidez precoce, infecções sexuais transmissíveis, relacionar-se com outro(s) (as), o desejo, a atração, o amor, paixão, afetos, decepções, parcerias e suas nuances podem ser abordadas (BRASIL, 2001).

As discussões machistas hegemônicas contrárias aos estudos da sexualidade e gênero tendem a interpretá-los como um ensino contrário aos modos de ser da família tradicional. Seus apoiadores colocam em ação inúmeras estratégias para impedir a discussão na escola, veiculam um ódio declarado aos movimentos feministas contemporâneos e aos direitos de todos(as) que não identificam seus desejos com os desejos da cisheteronormatividade. Estes também buscam interromper as conquistas dos direitos das mulheres e dos grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans (Travestis, Transsexuais ou Transgêneros), Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli, e mais (LGBTQIAP+<sup>1</sup>) consideram controlar o currículo (ARROYO, 2011) as matérias escolares e os(as) docentes. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) é um exemplo disso, ao invisibilizar a sexualidade e

---

<sup>1</sup> O sinal “+” é uma forma de acolher expressões de sexualidades diversas.



questões de gênero de seus textos basilares. Mas é o que fazer diante de tantos grafitos que expressam a sexualidade?

O ato de grafitar é colocado pela instituição escolar como algo fora da norma, dano visual ao patrimônio público, deve ser reprimido; identificamos, no entanto, uma pulsão por parte dos(as) alunos(as) em direção aos grafitos, dado ao número diário das imagens produzidas por eles(as) e pela temática apresentada.

Para esta pesquisa muitas foram as observações das manifestações de sexualidade, gêneros por meio dos grafitos encontrados, fotografados em salas de aulas e na ambiência escolar.

Os exemplos a seguir ilustram a profusão de nomes encontrados na ambiência escolar. A Figura 7 demonstra haver carteiras e cadeiras em que os grafitos surgem, incluindo nas ferragens de sustentação.

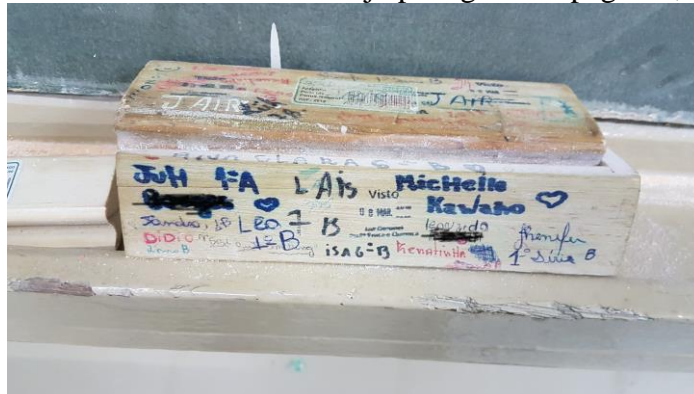
**FIGURA 7** - Escritas- Sala de Aula/carteiras e cadeiras



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Os grafitos também estão presentes em outros locais e objetos como em estojos de madeira (Figura 8 e Figura 9) para gizes e apagador em salas de aulas.

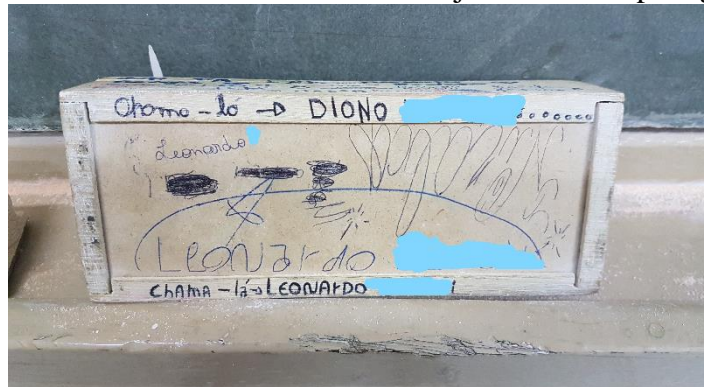
**FIGURA 8** - Escritas- Sala de Aula/estajo para gizes e apagador, rodapé da lousa



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Os grafitos são marcas deixadas pelos jovens. Seus nomes, séries, recados, alguns deixam números de telefone, solicitam que outros(as) os(as) chamem por meio de aplicativos como “WhatsApp” e até utilizam como sinônimo o termo “probleminha”. São feitas declarações amorosas ou de afetividades, são registrados xingamentos dos mais variados tipos para ambos os gêneros.

**FIGURA 9** - Escritas- Sala de Aula/ estojo de madeira para giz e apagador



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Figura 9 é mais um exemplo dos grafitos deixados pelos(as) adolescentes. Trata-se de um estojo de madeira utilizado para armazenar giz. Os estojos encontram-se nos rodapés das lousas nas salas de aulas. Na Figura 9 está sendo exibido o fundo do estojo. É possível identificarmos os dizeres “Chama-lá -Diono XXX” e “Chama-lá Leonardo XXX”, apresentando a função de um meio de comunicação entre os(as) alunos(as), referindo a chamar pelo WhatsApp.

Através dos exemplos das Figura 7, Figura 8 e Figura 9 é possível observarmos que o levantamento dos dados empíricos para a realização dessa pesquisa ocorreu por meio de fotografias *mobile* (celular). Os grafitos, no ambiente escolar, formam numerados e elencados em categorias. Nós buscando compreender as percepções, minúcias, detalhes, ambiguidades, paradoxos, tensões existentes nas relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar por meio dos grafitos expressos nas fotos.

Estamos na segunda década do século XXI, significativos avanços ocorreram no campo educacional, porém, muitas mudanças são necessárias, como: “[...] repensar o processo educacional. É preciso preparar a pessoa para a vida e não para o mero acúmulo de informações” (BERNARDI, 1985, p.5), sendo de grande importância “[...] trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua

criatividade ...” (BERNARDI, 1985, p.5). O posicionamento crítico, político, consciente de sua posição de cidadão(ã) a ser respeitado(a) pelo que é, e da conta de ser, assim como respeitar as diferenças dos(as) outros(as) pelo que são.

Este autor publicou tais sugestões em 1922 e de lá para cá sabemos das mudanças em relação a educação em sexualidade, porém muito ainda deve ser realizado. Estamos distantes de uma sociedade que aceita e respeita as diferenças de identidade sexual. Surgem demandas de gênero, sexualidade, raça, classe que podem e devem ser acolhidas, absorvidas, trabalhadas transversalmente pelo currículo educacional escolar, uma vez que são observadas pelo olhar sensível de professores(as) que nelas atuam.

Segundo Nass “[...] por educação, em sentido restrito, entende-se todo aquele processo com o qual se molda o aluno de maneira a prepará-lo para viver em harmonia com as regras codificadas da sociedade elitizada na qual está inserido” (NASS apud BERNARDI, 1985, p.15). Parece haver um consenso por parte dos(as) professores(as) nessa relação, ou agem como se estivessem de comum acordo. Sobre esse processo o filósofo Sloterdijk (2012) observa:

[...] o mal estar na cultura adotou uma nova qualidade: agora se manifesta como um cinismo universal e difuso. Diante dele, a crítica tradicional da ideologia fica sem saber o que fazer e não vê onde haveria um lugar para a consciência cinicamente lúcida o caminho para o esclarecimento. O esgotamento da crítica da ideologia tem nela sua base real. Essa crítica seguiu sendo mais ingênua que a consciência que queria desmascarar. Em sua bem intencionada racionalidade não participou das mudanças da consciência moderna para um realismo multifacetário e astuto. A série de formas da falsa consciência que teve lugar até agora – mentira, erro, ideologia – está incompleta. A mentalidade atual obriga acrescentar uma quarta estrutura: o fenômeno cínico. Falar de cinismo significar tentar penetrar no antigo edifício da crítica da ideologia através de um novo acesso (SLOTERDIJK, 2012, p.37).

Devemos nos adaptar às regras sociais vigente inclusive a sexualidade e todos(as) que distanciar da linha tradicional hegemônica, cisheteronormativa estará sujeito a desaprovação, à censura, à condenação? A reflexão de Sloterdijk (2012) nos convida a perceber que existe uma conformação cínica, na qual somos sabedores da importância de uma educação em sexualidade plural, no entanto nos acomodamos de tal forma que o diálogo interdisciplinar pouco importa para as vidas juvenis.

As aulas de educação em sexualidade podem ser um espaço em que o(a) professor(a) possa conversar com o alunado sobre temas diversos: de onde vem os bebês, diferenças entre os corpos masculinos e femininos, mudanças anatômicas, respeito, cuidados pessoais, higiene, vida a dois, relacionamentos afetivos, namorar, diferentes tipos de constelações familiares,

enfim, preservar a valorização de conversas, possibilitar que crianças e adolescentes expliquem sobre sentimentos, sem que haja exposição do(a) outro(a).

Ao realçar a igualdade entre meninos e meninas se possibilita às crianças a percepção de que há na escola espaços para se conversar sobre educação em sexualidade no cotidiano escolar, sem que haja medo de serem retaliados(as). Desvencilhar tabus, mitos, respeitar os corpos, as diferenças identitárias, as sexualidades de cada um(a). Ensinar a pensar, ouvir, debater, dar opiniões e respeitar opiniões dos(as) colegas (VILELA, 2017). A escola deveria ser um local laico (SEFFNER, 2014, 2011). Debates opinativos devem ocorrer, o falar e ouvir devem ser respeitados, sempre para que haja desenvolvimento, formação, mudanças e maiores evoluções.

A educação escolar em sexualidade pode ser planejada por meio dos jogos, letras de músicas, filmes, vídeos, poemas, imagens, grafitos, textos acadêmicos, excertos de livros, reportagens jornalísticas, espaços de conversas (reais ou virtuais), trocas de experiências verbais, séries como *Sex Education* (2019, 2020) da Netflix, procurar observar as temáticas e classificação indicada, procurar adequar as leituras às faixas etárias correspondentes, etc.

Uma sugestão de atividades sobre questões de gênero e sexualidade seria a discussão reflexiva dos episódios, ou parte deles. *Sex Education* (2019; 2020) compostos por duas temporadas com 8 episódios cada, totalizando 16 episódios, duração que varia de 47 minutos a 52 minutos, censura 16 anos, enquadra-se em comédia, drama; a Direção é de Laurie Nunn, entre o elenco, destaque para Asa Butterfield (Osti Milburn), Emma Mackey (Maeve Wiley), Ncuti Gatwa (Eric Effiong), Gillian Anderson (Jean Milburn). A nacionalidade e ambientação é do Reino Unido.

Em sinopse da série *Sex Education*, (2019; 2020) Otis (Asa Butterfield), é um adolescente do ensino médio, vive com sua mãe, uma terapeuta sexual, no Reino Unido. Apesar de não ter perdido a virgindade, na primeira temporada, Otis é uma espécie de especialista em conselhos sobre sexo. Junto com Maeve, uma colega de classe rebelde, resolvem atuar cobrando honorários clínicos de orientação e aconselhamento em sexualidade para outros(as) estudantes da escola. A demanda é grande e contínua. Dúvidas e incertezas, aconselhamentos fazem parte do temário da série.

Na série há um grande leque de opções sobre sexo, gênero, sexualidade e comportamento a serem observados tais como: gravidez na adolescência, primeira relação sexual, masturbação masculina e feminina, Infecções Sexuais Transmissíveis (ISTs), a importância de rodas de conversa franca sobre sexualidade, feminismo, abuso e violência sexual, assédio sexual, homem impor medo ao sexo feminino, LGBTfobia (agressões). Na

interpretação da série, o pecado bíblico está pautado no moralismo, na intolerância e no preconceito e não em ser homossexual (SEX EDUCATION, 2019; 2020).

*Sex Education* (2019; 2020) aborda ainda relacionamento lésbico, gay, assumir responsabilidade pelas ações são alguns dos temas que podem servir de mote inspirador para discussões na escola ou em grupos virtuais sobre questões de gênero e sexualidade.

Os(as) professores(as) podem também solicitar a opinião dos(as) alunos(as), dos pais, mães e cuidadores(as) ao planejarem o processo de ensino referente a educação em sexualidade.

A educação em sexualidade também acontece de maneira informal ocorre por meio das atitudes dos adultos, sejam elas boas ou não. Os pais, mães e cuidadores(as) são os primeiros educadores e ao se calarem, não verbalizarem sobre o ensino em sexualidade, demonstram a criança que se trata de algo proibido, feio que não se deve falar sobre. As mensagens são transmitidas nas interações cotidianas inclusive, nos gestos, olhares, torcer o canto da boca, balançar a cabeça em sinal de desaprovação e no silenciamento (LOURO, 1997).

Nesse fenômeno questiona-se a permanência de discursos normativos que regem as consciências sem algum tipo de redenção nesse processo. Assim, as práticas discursivas tendem a reiterar os velhos dispositivos fundantes. O discurso pedagógico da consciência cínica acima auferida por Sloterdijk (2012) se dá sob significantes universais, como por exemplo, seguir a proposta curricular e os livros didáticos, etc. cuja dissimulação perpassa uma linguagem específica, a qual difere entre turmas e professores(as). O sistema didático, dominado por procedimentos cotidianos naturalizados e importa para que não falemos objetivamente de temas como a sexualidade. A consciência cínica impregna o fazer pedagógico cotidianamente e tende a se perpetuar silenciamentos na ambiência escolar.

No processo de educação, de formação de meninos e meninas percebemos que os meninos são estimulados a brincadeiras relacionadas a atividades de ação, de guerra, luta e movimentos. Enquanto que para as meninas, geralmente o contrário acontece (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; AUAD, 2012).

O universo masculino, desde a infância, está voltado as aventuras. As atividades físicas são algo que se espera do masculino inclusive em vida adulta para que possa se lançar no mudo, ser um desbravador, um aventureiro, um macho alfa, viril, um pitbullzinho no cio (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013). Nesse processo de exploração e descoberta o menino tende a conhecer seu próprio corpo, por meio do toque, do manuseio do pênis, a princípio para fazer xixi e posteriormente nas ações masturbatórias. Enquanto que nas meninas a masturbação e o toque tendem a ser proibidos ou desaconselhados culturalmente e moralmente (BERNARDI, 1985; WELZER-LANG, 2001).

Espera-se que as meninas vistam-se em rosa, ao se sentarem que mantenham as pernas cruzadas, evitem tocar em suas partes íntimas, pois podem causar algum dano físico. A cor das roupas é mais um dos modismos culturais, pois houve momentos históricos em que a cor azul era voltada ao feminino, usada em mantos de santas, e a cor rosa estava associada a aproximação a cor vermelha, ao sangue e virilidade masculinidade (BOURDIEU, 2017; ADICHIE, 2015).

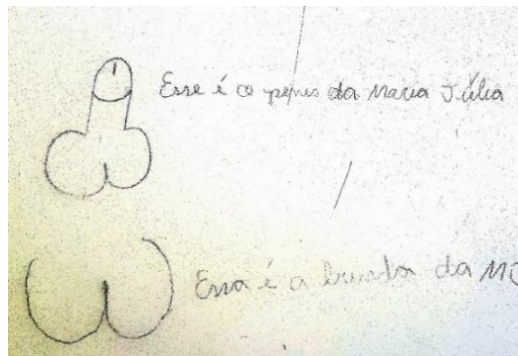
A virgindade feminina deve ser guardada até o casamento. As meninas são frágeis, delicadas e devem permanecer em casa, aprender as prendas do lar, a cuidar da prole e do marido (ADICHIE, 2015; DEL PRIORE, 2014). Do contrário não conseguirão um bom partido, companheiro e provedor. As brincadeiras infantis (casinha, escolinha) e brinquedos infantis (bonecas, fogãozinho, panelinhas, comidinhas, maquinazinhas para lavar roupas, ferro para passar roupas) é um pré-treino, indiciam a função, o lugar futuro para as mulheres, corroboram para esse universo cultural enviesado, pode ser mudado (ADICHIE, 2015).

Para crianças em séries iniciais, ao levarem os brinquedos preferidos em determinado dia da semana combinado, sugerimos que estes sejam reunidos e que cada criança possa escolher e manusear qualquer brinquedo que lhe agrade, possibilita o compartilhar, cuidar do que não é seu. Meninos podem manusear bonecas, pois podem querer vir a serem pais e esse treino pode ser ali desperto, as meninas podem manusear brinquedos típicos do universo masculino.

Causa-nos estranhamento essa visão misógina, vitoriana (FOUCAULT, 2018), no entanto percebemos ser uma fala presente no interior de muitas salas de aulas e em muitas famílias brasileiras.

Na Figura 10 identificamos um pênis seguido da frase “Esse é o pênis da Maria Júlia” e há a imagem das nádegas com os dizeres “Essa é a bunda da MJ”.

**FIGURA 10** - Desenho - Pênis e bunda



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A maioria das expressões sexuais encontradas refere-se à cisheterossexualidade. Acreditamos que nesse caso a frase “esse é o pênis da Maria Júlia” refere-se a posse, pertencimento, destinado a ela, direcionado a MJ e não que faça parte do corpo dela. Percebemos que as nádegas são avantajadas, símbolos de sensualidade feminina, muito apreciada pelos homens em nossa cultura. Refletem inclusive em monumentos da arquitetura brasileira.

De acordo com Albuquerque Júnior (2013, p.219) no processo de construção do “falo” encontramos associação com a educação para a sexualidade, isto é, um tipo de definição rigorosa de papéis entre homem e mulher. O menino não deve chorar em público, deve ser criado solto, pode ter companheiros da mesma idade, aventurar além do terreiro da casa em companhia de homens adultos, em um processo de formação para o mundo enquanto as meninas devem estar presas em casa e brincar de boneca e de casinha.

A Figura 11 ilustra um exemplo da violência expressa pelo sexo masculino, uso de armas de fogo, filmes, desenhos animados, histórias em quadrinhos, inúmeros jogos virtuais que estimulam a violência, atirar, matar para ser o vencedor. Isso pode ter consequências futuras danosas e até com vítimas fatais. O vencedor é aclamado, está sempre cercado por mulheres, é cobiçado, considerado o macho alfa.

**FIGURA 11** - Desenho - Violência



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Conforme cita Auad (2012, p.14) “educar pessoas não é, portanto, uma simples técnica, amparada por dados científicos, bem ‘amarrada e arrumadinha’ em um atraente e colorido manual. Educar homens e mulheres, para uma sociedade democrática e igualitária, requer reflexão coletiva, dinâmica e permanente.” Muitas vezes causam medo. Nesse processo inclui-se a sexualidade.

A sexualidade sempre nos dá medo, talvez porque a tenhamos “liberado” de maneira aparente e enganosa. Nosso medo é tanto que nos obriga a inventar um método de defesa contra ela. E temo que este medo da sexualidade não seja senão medo do amor, medo de amar e de ser amado (BERNARDI, 1985, p.13).

Em relação a masculinidade nos campos, percebemos que os meninos montam animais, lutam entre si, realizam queda-de-braço, empinam arraia (pipa), jogam pião, até fumam escondido cigarro de palha, valorizando a masculinidade imperativa desde cedo, estimulam a competitividade, usar punhal na cava do colete, ou nas calças. Nos banhos de rio ou no açude os homens tiram as roupas, tinham permissão para caçar passarinhos de espingarda (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.219). O exposto refere-se ao processo de construção da masculinidade do nordestino, porém identificamos elementos que entrelaçam a infância nacional brasileira, do menino sulista, nortista em geral, moldando o ideal cultural falocêntrico (LACAN, 1978).

Parece que nada é tão difícil quanto defrontar com a sexualidade infantil. Uma criança apresenta comportamentos sexuais como, por exemplo, a masturbação, nos perturba e nos aterroriza. A ideia de que são manifestações normais que não requerem nenhuma intervenção e nenhuma “educação”, nem de leve passa por nossa cabeça. Os pais progressistas agarram-se aos especialistas e aos manuais, os mais reacionários recorrem sem pensar à repressão. Uns e outros, no entanto, querem fazer educação sexual. Esta é a sua plataforma comum, este é o escudo com que cada um tenta se defender da angústia que o mortifica, o instrumento técnico requisitado em toda parte para controlar a temidíssima sexualidade (BERNARDI, 1985, p.12).

Auad (2012) reitera que “embora exista quem afirme ‘estudar gênero’ sem ser feminista” seja um movimento social interessante, afinal as “[...] pesquisas, livros e artigos podem ser portadores de reflexão e mudanças, sem deixarem de ser genuínas produções acadêmicas” (AUAD, 2012, p. 19). Tais pesquisas questionam os fundamentos das disciplinas científicas, cristalizadas, duvidam da “[...] heterossexualidade como norma e a percebem como chave do sistema de dominação” (AUAD, 2012, p.19), nos moldes foucaultianos do biopoder e da necropolítica de Mbembe para colonizar a vida.



A Figura 12 ilustra uma situação moral em classe, que diverge parcialmente, esse discurso misógino, parece que uma menina aconselha certas mudanças a um menino, pois do contrário, quem ficará solitário, será ele.

**FIGURA 12** - Escrita- Aconselhamento



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Figura 12 encontrada em uma carteira escolar com os dizeres: “Gabriel para de ser feio. Veio, se não nenhuma menina vai gostar de você. Filho, você é tão porco.” O exposto ilustra um aconselhamento, provavelmente escrito por uma garota que sugere ao Gabriel para que ele deixe de ser “feio” e “porco”. Aqui a relação talvez não esteja condicionada somente à beleza física, mas a questões de higiene pessoal. Fato que pode conduzir a uma análise social, de classes, pois dentre as representações sociais consolidadas, a beleza, dentre outros atributos incluem a higiene, possibilitando ainda, inferências de que o pobre esteja associado ao sujo, feio, desajeitado. Na passagem da Fig. 12 cremos referir-se a alguma atitude grosseira e desprezível, pois do contrário Gabriel será penalizado e nenhuma menina irá gostar dele, seu castigo será a solidão.

Entendemos que a solidão também pode ser uma representação, inclusive uma escolha pessoal. Ninguém é obrigado a casar-se para ser feliz. Casamento não deve ser visto como o único meio de ser feliz, tampouco sinônimo exclusivo de felicidade (ADICHIE, 2015).

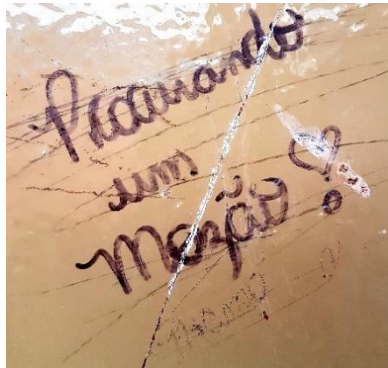
Nesse viés podemos inferir que a felicidade esteja associada em ser aceito, a pertencer, receber o aval dos(as) outros(as), ser querido por outra menina, pois do contrário “nenhuma menina vai gostar de você (Gabriel).” Talvez essa suposta conselheira esteja preocupada que no futuro, em uma possível relação matrimonial ela possa vir a ter um companheiro como o Gabriel, para ser aceito por ela deva mudar: deixar de ser “feio” e “porco”, ou seja, deixar de ser grosseiro, rude e mal-educado.

Um exemplo para pesquisa de atividades e dinâmicas com temáticas sobre sexualidade e gênero foi desenvolvido pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN) em parceria com o Ministério da Saúde – Secretaria de Políticas de Saúde – Área de Saúde do Adolescente e do

Jovem, desenvolveu o Projeto Acolher. Abarcando várias sugestões de dinâmicas relacionadas a questões de educação em sexualidade, elencadas no Capítulo 6 da revista: “ADOLESCER - COMPREENDER, ATUAR, ACOLHER” (ABEN, s.d), nos remete a reflexão-ação em direção à promoção do desenvolvimento saudável da juventude. Abordam dinâmicas sobre: Integração e Aquecimento - Sexualidade - Prevenção à DST/AIDS - Prevenção ao uso de drogas - Educação para paz - Planejamento - Encerramento e Avaliação. As atividades foram desenvolvidas por Édisa Brito Lopes, Ana Maria Hecker Luz, Maria do Perpétuo Socorro M. T. Azevedo, Wânia Teles de Moraes e revisão técnica de Ana Sudária de Lemos Serra (ABEN, s.d). Vale a pena conferir toda a revista.

Na Figura 13 há a procura por um grande amor “procurando um moço!”.

**FIGURA 13:** Escrita- Romantismo



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na adolescência, fase que os jovens estão em ambiência escolar surgem as primeiras paixões, os amores, os relacionamentos e não raras as primeiras relações e experiências sexuais (BRASIL, 2001). A sexualidade se faz presente e é expressa de diferentes formas, se não há espaços interdisciplinares que possibilitem verbalizar sobre as subjetividades dos adolescentes as manifestações surgem expressas por grafitos, em carteiras, paredes, muros e na ambiência escolar. Independente de gênero a grande maioria depara com o desabrochar da sexualidade latente.

Tais conceitos possibilitaram uma estruturação ampla, que reformulassem verdades absolutas, inquestionáveis referentes aos gêneros e a sexualidade.

[...] A meu ver, pelo simplérrimo motivo de que a sexualidade, de *per si*, não apresenta nenhum problema. Cada problema relacionado com ela deriva da sua elaboração secundária e das tensões produzidas por uma sociedade que procura constantemente autoproteção contra a própria sexualidade. É um problema inventado (BERNARDI, 1985, pp.12-13).

Auad pontua que essas relações “[...] como estão organizadas em nossa sociedade, são uma máquina de produzir desigualdade (2012, p.19). Albuquerque Júnior nos apresenta relatos de mulheres do tipo: “queria ter nascido homem, nem que fosse para ser cega de um olho ou manca de uma perna [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.220), mas ter nascido com um pênis. O destino da mulher era parir, assear, varrer, lavar... fatores que desqualificam as mulheres, nessa fala a mulher declara preferir ter uma limitação física porém ter nascido homem, tamanho o desconforto e peso da feminilidade. O “menino que brinca com boneca vira mulher, cai o pintinho [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.220). Nessa passagem percebemos a importância do pênis (pintinho), como instrumento fálico que possibilita vantagens e prazeres ao masculino, por ter nascido com um pênis. Nessa linha de raciocínio seria inconcebível um homem querer ser uma mulher, ou redesignar sua genitália, tornando-se uma mulher (mulher trans). Forte presença do patriarcado imperando.

Este discurso acima alenta para a importância que o falo tem desde cedo na vida do menino, “medo em perder o pinto”, centralidade do pênis na masculinidade, o nordestino, assim como o sulista, nortista, paulista, gaúchos etc., é e tem “um corpo construído por discurso em que fala e encarna o falo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 222). O pênis é símbolo de virilidade, potência, vigor, força, poder e deve ser invejado pelo feminino. Esse pensamento é difundido na cultura brasileira.

**FIGURA 14 - Desenho - Pênis**



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Figura 14 ilustra a profusão de pênis, na ambiência escolar, enquanto a representação de órgãos sexuais femininos é menor, geralmente apresentam relações diretas ao objeto de gozo do masculino e ao ato sexual cisheteronormativo.

Muitos(as) professores(as) não sentem-se preparados(as) para lidar com a sexualidade de seus(suas) alunos(as), até porque, isso depende de formação. Essa formação possibilitaria a(o)s jovens aprenderem sobre sexualidade, a partir de uma abordagem que agrega os indivíduos, que ensina o respeito à diversidade de identidades, isso de acordo com Vilela (2017) em concordância com Seffner (2014).

Seffner (2011) alega também que muitos(as) professores(as) procuram buscar formação diante das dificuldades, porque temas como gênero e sexualidade “[...] invadiram os ambientes escolares nos últimos anos. Muito se cobra da escola quanto a uma adequada condução das questões de gênero e sexualidade” (SEFFNER, 2011, p. 562). O que fazer? Como fazer? Como trabalhar com essas temáticas em sala de aula?

Nos setores como “(família, religião, televisão, partidos políticos, poder judiciário etc.) esses temas são tratados segundo outros critérios, o que por vezes coloca professores(as) em difícil situação” (SEFFNER, 2011, p.562). É comum cobrarem “da escola e dos professores modos ‘adequados’ de lidar com temas de gênero e sexualidade” (SEFFNER, 2011, p.562), por outro lado impõem-se a proibição, a invisibilidades das temáticas estudos de gênero e sexualidade em ambiência escolar.

Rodrigues, Ramos e Silva (2012) concordam que alguns(mas) professores(as) têm dificuldades em acessar as políticas educacionais e outros(as) encontram restrições por parte da escola, devido à resistência dos pais e da comunidade, por causa de questões culturais, morais, religiosas ou políticas limitantes. Dessa forma temas como sexualidades que deveriam ser transversais acabam sendo “temas problemas” ou “temas tabus”.

Abordar certos temas ligados à sexualidade e mesmo ao gênero diante de uma classe de alunos pode ser quase completa novidade para alguns e matéria de total conhecimento, quando não de experiência prática, para outros. Isso nos remete a uma grave questão: os conteúdos ligados a gênero e sexualidade devem ser dados para toda a classe de alunos ou teríamos que fazer uma separação? E como seria essa separação? Meninos de um lado e meninas de outro? De um lado, aqueles e aquelas que claramente já possuem um repertório de experiências no tema e, de outro lado, os que ainda não manifestam tamanho desembaraço? Não temos uma fórmula ideal para isso [...] (SEFFNER, 2011, p.563).

Junqueira (2010) observa a presença da (cis)heteronormatividade no cotidiano escolar e no currículo escolar por meio da imposição do poder discursivo abusivo, machista, preconceituoso, misógino, contrário as identidades pertencentes ao grupo LGBTQIAP+.

Estamos tateando nesse campo esfíngico da sexualidade na educação e desvendá-lo é uma tarefa árdua, com entraves e percalços na tentativa de construção desse conhecimento.

Em relação aos grafitos identificamos o uso constante de linhas sinuosas, soltas, rápidas, curvas, circulares, fragmentadas ou contínuas, em todas as figuras elencadas, isso nos sugere que tais produções são desprovidas de exigências, são produções soltas, espontâneas, produzidas em detrimento da vontade em saber, em conhecer o vasto e proibitivo campo da sexualidade, dos corpos e dos gêneros, que se descortinam nessas fases denominadas puberdade e adolescência.

O querer saber parece orientar as mãos dos adolescentes no trabalhar, na produção daquilo que se encontra latente na mente, no silêncio e se concretiza nos grafitos no ambiente escolar. Essas temáticas, sexualidade e estudos de gênero, inevitáveis na vida do ser humano tendem a se tornarem temas tabus nas carteiras escolares e no interior das escolas. Sabemos que

[...] se uma criança aprende sozinha a ler e a escrever todos se alegram com isso, mas se uma criança aprende sozinha o que é o seu corpo, o seu sexo, o seu prazer, e por isso também o amor, ficam todos horrorizados. Queremos nos mesmos ensinar-lhe, e do nosso modo. Assim, inventamos a educação sexual. Ou melhor, inventamos o problema da educação sexual (BERNARDI, 1985, p.12).

A educação sexual deveria ser trabalhada com leveza, naturalidade, não ser um problema. A sexualidade faz parte do processo de crescimento e evolução natural de cada um(a). Tornou-se problemática, por ser tratada como algo proibido, pecaminoso, sujo, é praticamente uma batalha cultural contrária a natureza vital humana (RAMADAM, ABDO, 2014).

Segundo Vilela (2017) a transgressão pelos grafitos é vista pela natureza transgressora do(a) próprio adolescente.

Nas palavras de Deleuze (1990) entendemos que o mundo (curricular/escolar) nos foi tomado e “acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem do controle, ou então fazer nascer novos espaços-tempos, mesmo de superfície e volume reduzidos” (DELEUZE, 1990, p.73). Por esse viés surgem “as heterotopias, como definidas por Foucault (2001), são ‘lugares outros’ reais; diferente das utopias que são espaços imaginários. [...] permitem ver, sentir e perceber o movimento, o dinâmico que é o social, os próprios espaços e a vida” (PARAÍSO, 2018, p.19).

Segundo Paraíso (2018, p.19) o filósofo Foucault ao inquirir sobre as heterotopias “[...] considera que nos nossos tempos, a marca tem sido a criação dos lugares destinados a pessoas que representam um ‘desvio’ em relação às normas.” Há muitos professores(as) que buscam esses espaços, são conscientes dessa importância.

Paraíso (2018) relata sobre professoras-mulheres que se organizaram em grupo de estudo criando um espaço heterotópico para discutirem as questões de gênero e sexualidades. O exposto serve de exemplo do que os(as) professores(as) em geral podem realizar em suas práticas curriculares. Outras ações criativas podem surgir e devem ser estimuladas.

Através da “‘vontade [...] de crescer, de vencer, de estender e intensificar a vida [...]’ (NIETZSCHE, 2011, p.104), leva a mobilizar, a sair do lugar” (PARAÍSO, 2018, p.23). As heterotopias foucaultianas “então, se trata de um espaço outro que agrupa professoras que representam um ‘desvio’ em relação às regras das escolas que dizem como e onde as professoras devem se reunir, o que devem discutir e como devem fazer” (PARAÍSO, 2018, p.19-20). Exemplos e criatividade são ingredientes que educadores possuem. Precisam querer, sair da zona de conforto e criar espaços para criação “(re)invenção de si.” Os(as) jovens e as futuras gerações terão o que e a quem agradecer.

Os espaços heterotópicos podem contribuir com a educação para a sexualidade.

Santos (2010) toma como definição de sexualidade os pressupostos da Organização Mundial de Saúde.

A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas (WHO TECHNICAL REPORTS SERIES, 1975 apud SANTOS, 2010, p.2).

Machado e Piccolo (2010) entendem sexualidade como um conjunto de excitações e atividades presentes na vida dos sujeitos desde sua infância ligadas as formas pelas quais se relacionam afetivamente e sexualmente, assim como dos conflitos resultantes de tais relações. Parece haver um consenso em que pesquisadores compreendem que sexualidade é um termo amplo que envolve emoções, sentimentos, comportamentos, subjetividades de cada ser humano e não se trata aqui do ato sexual “sexo”, ou do órgão sexual, sexualidade vai muito além, percorre e acompanha cada ser humano ao longo da vida.

Na sociedade que estamos inseridos nos deparamos com as sexualidades não hegemônicas, ou seja, aquelas que diferem das normas e “não são preferência da maioria”, como por exemplo, a homossexualidade. Sabemos que “a sexualidade é campo de conhecimento e disputa política [...]” (SEFFNER, 2014, p.74) ligada ao normal e ao desvio. O desviante é percebido como o incorreto, diferente, torto, pecaminoso, sujo e desprezível.

Entre a categorização de desviantes estão as “[...] sexualidades ditas alternativas, sexualidades periféricas, sexualidades concorrentes e variantes, sexualidades marginais, sexualidades não hegemônicas, minorias sexuais” (PETRY; MEYER, 2011 apud SEFFNER, 2014, p.74). As práticas de sexualidade hegemônicas, são consideradas as “normais” e aceitas pela sociedade, ou seja, a cisheteronormatividade, uma vez que ser cisheterossexual significa estar no campo de práticas tidas como normais, lícitas, saudáveis e poder escolher os melhores cargos, ter melhores salários, ser superior, autônomo ter “potência sexual, iniciativa, prestígio” (PETRY; MEYER, 2011 apud SEFFNER, 2014, p.74).

Em relação as sexualidades não hegemônicas e/ou variantes percebe-se que é uma construção social ainda polêmica na educação e nas instituições escolares, principalmente pela multiplicidade de visões, crenças, tabus, interditos e valores daqueles(as) que nelas estão inseridos(as) (BRASIL, 2001; SCHINDHELM, 2011; SEFFNER, 2011, 2014).

Observa-se que a sexualidade relacionada a infância e a adolescência é quase silenciada nas instituições sociais como a escola, quando feita está direcionada ao biológico, reprodutivo e heteronormativo (LOURO, 1997; AUAD, 2012; RAMADAM, ABDO, 2014). A sociedade contemporânea tende a manter o discurso da inocência infantil. Conforme nos aufere Zizek (2012, p.141) “uma das regras elementares da cultura é saber quando (e como) fingir não saber (ou notar), ir em frente e agir como se o que aconteceu não tivesse acontecido de fato.” Com isso, esse autor observa a perspicácia de Gérard Wajcman sobre a permanência da inocência da criança numa era de transgressões de tabus, repressões sexuais, a visão de Freud sobre a sexualidade infantil é estranhamente ignorada pela nossa sociedade e cita Wajcman:

[...] a única proibição remanescente, o único valor sagrado de nossa sociedade que parece restar, tem a ver com as crianças. [...] E sem dúvida, é a figura diabólica de Freud que condenamos hoje, vendo-o como aquele que, ao revelar a relação da infância com a sexualidade, simplesmente corrompeu nossa infância virginal. Numa época em que a sexualidade é exibida em cada esquina, é estranho que a imagem da criança inocente tenha voltado com toda a força (WAJCMAN apud ZIZEK, 2012, p.141).

O prazer e a afetividade são também conhecimentos marginalizados na escola. Segundo Seffner: “Para ser mais direto, é necessária na escola uma preocupação em falar da sexualidade como construção cultural e política, tanto quanto falar dela como algo do terreno da biologia” (SEFFNER, 2014, p.73), portanto, é necessário abordar a sexualidade como processo histórico, de construção cultural, política, biológica, no terreno do prazer e da afetividade.

Ao abordarmos questões de sexualidade, encontramos imbricadas práticas discursivas e as subjetividades. “A subjetividade é fruto de vários elementos sociais e assumida e vivida pelos indivíduos em suas existências particulares” (FOUCAULT, 2004, p.236). Sendo assim, “a palavra pode ser entendida como a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2004, p.236). Rago (2009) aponta que a subjetividade “designa práticas refletidas da liberdade por meio das quais os indivíduos se constituem” (RAGO, 2009, p. 260). Ou seja, por meio do discurso e práticas da liberdade se constitui a subjetividade do(a) sujeito(a).

Nesta esteira Joan Scott entende que “o discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta [...]” (GROSSI, HEILBORN, RIAL, 1998, p.115). Isto quer nos dizer o que? O discurso é um instrumento de orientação do mundo, tudo que vivemos é permeado pela linguagem, as palavras assim como os atos e artefatos também querem nos dizer alguma coisa como os grafitos. Então o discurso se faz por meio da produção de significantes e significados.

Foucault (2018) observa o sexo em discurso, no século XVII, pela sociedade burguesa e para dominá-lo foi “necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, baní-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível” (FOUCAULT, 2018, p. 19). Amordaçar, fazer calar, falar de sexo era algo controlado. A censura e o silêncio foram necessários, o pudor moderno não permitia que se falasse dele em qualquer local. O controle das enunciações do sexo limitou-se em onde, quando e quem poderia falar sobre ele (sexo) e em quais situações e relações sociais se poderia falar dele (FOUCAULT, 2018).

Em nosso objeto de estudo acreditamos que os jovens veem nos grafitos uma das poucas possibilidades de enunciar as suas subjetividades em relação a sexualidade. Na sociedade analisada por Foucault o tema era limitado e permitido “entre pais e filhos,” “educadores e alunos, patrões e serviçais” (FOUCAULT, 2018, p.20).

Foucault (2000) na obra *Arqueologia do Saber* apresenta noções de discurso e de práticas discursivas que nos possibilita perceber que:



[...] o discurso é um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos; conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação; é assim que se pode falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico (FOUCAULT, 2000, p.124).

As práticas discursivas são “como um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiriam, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2000, p.136). Estas práticas possuem regras próprias estabelecendo relações para que certos objetos apareçam e se fale deles. “[...] Não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época” (FOUCAULT, 2000, p.136), há normas moralizantes, práticas de bons costumes, inclusive no falar (ELIAS, 2011).

O poder que o discurso é capaz de conduzir e de produzir pode ser benéfico ou maléfico, imperativo, libertário ou castrativo; pode nos proporcionar liberdade ou nos aprisionar, dependendo dos interesses de quem detém os saberes, o poder discursivo, as estratégias, os mecanismos e o tempo. Nesse mesmo viés Judith Revel (2005) define o discurso como:

[...] um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento. Essas regras não são somente linguísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinadas [...] a ordem do discurso própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas (REVEL, 2005 p.37.)

Tendo como base sólida as estruturas do discurso torna-se menos complicado a concatenação e manutenção dos sistemas de representações sociais conforme demonstra Silva (2012) e Jodelet (2001). As representações são responsáveis por produzir a ideia de que existem comportamentos e grupos que devem ser repudiados e práticas que devem ser evitadas, incluindo aqui comportamentos de ordem da sexualidade e questões de gênero. Tais representações sociais consolidam um tipo elaborado e partilhado de interesses com objetivos práticos que contribuem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

Silva conclui que “[...] a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2012, p.91).

Embora saibamos que “no sistema social em que vivemos estamos fadados a apenas receber linguagens” (SANTAELLA, 2012, p.17), (podemos entender linguagem como discurso), “[...] que não ajudamos a produzir, somos bombardeados por mensagens que servem à inculcação de valores que se prestam ao jogo de interesses dos proprietários dos meios de produção de linguagem e não aos usuários” (SANTAELLA, 2012, p.17). Nessa linha de produção discursiva encontramos os discursos de dominação referente a misoginia, sexualidade cisheteronormativa branca como hegemônica (normal) e das formas desviantes como sendo inferiores ou menores. Ainda há o discurso da desigualdade de gênero, do preconceito e dos estigmas pululantes no interior das escolas e sociedade.

Em meio a essa situação discursiva, ao nos reportarmos ao gênero Scott (1990) auferimos que: “[...] gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado as relações de poder.” Assim Scott articula gênero com a noção de poder e não estabelece fronteiras fixas entre mulheres e homens (SCOTT, 1990, p.7-14).

Em estudos mais recentes Judith Butler (2003) aborda gênero como uma categoria temporária e performativa abrindo perspectiva para a desnaturalização das práticas de significação como, por exemplo, de que “gênero está para a cultura e sexo está para a natureza”. Seguindo a perspectiva de Foucault, Butler analisa o efeito discursivo de gênero e assim entende que o sexo é um efeito de gênero. Observa a autora:

[...] se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos (BUTLER, 2003, p.24).

Em *Problemas de Gênero*, Butler (2003) ao problematizar sobre criação cultural do gênero inclui nessa linha de raciocínio a existência de uma gama de corpos que não se identificam nesse binarismo “homem x mulher”. A autora se refere aqui a todos(as) que divergem dos padrões binários heteronormativo, incluindo as sexualidades não hegemônicas, distanciando do que se pretende culturalmente concretizar como único modelo existente a ser seguido, o cisheteronormativo branco e hegemônico.

Se entendemos que “o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...]” (BUTLER, 2003, p.25). Nesse sentido Butler interpõe que:

[...] explicar as categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder supõe uma forma de investigação crítica, a qual Foucault, reformulando Nietzsche, chamou de “genealogia”. A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. À tarefa dessa investigação é centrar-se — e descentrar-se — nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2003, p.9).

É importante percebermos e problematizarmos como se articulam a sexualidade e questões de gênero nos contextos sócio-histórico-político marcados pelos regimes discursivos de dominação e abuso de poder apresentados por Foucault (1990, 2014, 2018), uma vez que tais regimes tendem a marginalizar e excluir as diferenças em nome da dominação. As classes minoritárias tais como as mulheres, homossexuais, crianças, negros, indígenas consideradas como inferiores e marginalizadas se inscrevem como corpos que devem se mobilizar em luta pela construção e manutenção de uma democracia.

Somos favoráveis a educação em sexualidade nesse processo de construção de uma sociedade que respeite as diferenças identitárias, valorize o ser humano e suas subjetividades (COSTA, 1994). A partir do momento que se tem consciência dessa corrente discursiva e abusiva, relativa à sexualidade e questões de gênero torna-se possível a quebra dos elos, por meio (dos questionamentos, problematização, discussões e mudanças dos paradigmas sedimentados).

Os corpos devem apresentar nuances, peculiaridades de atributos dos gêneros e obrigatoriamente pressupõe-se que se expresse desejos por alguém do sexo oposto ao seu? Esse modelo nos obriga a termos corpos, comportamentos, sentimentos, afetividades e subjetividades pré-determinados e não sair dessas normas (FOUCAULT, 2018).

Os corpos e atos que resistem a sistemática hegemônica tendem a sofrer sanções punições e julgamentos. Fazem-se necessário significativas mudanças relativas as questões de

gênero e sexualidade para que possamos sonhar com escolas e com um mundo mais tolerante que preze pelo respeito as diferenças e a todas as vidas.

Na sessão 2 apresentaremos um panorama sobre os grafitos relacionados a masculinidade e sobre a sexualidade hegemônica.



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

**SESSÃO 2- A REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO E DA SEXUALIDADE  
HEGEMÔNICA**

Os grafitos representados na ambiência escolar são modificados, alterados reconstruídos e apagados constantemente quer sejam pelos(as) jovens, ou os(as) responsáveis pela limpeza. Somente por meio de registros como a fotografia conseguimos capturar tais imagens para observarmos os signos e suas representações.

“Toda foto, qualquer foto que seja, congela e eterniza o tempo. Clicar o botão significa cortar, sem revogação possível, o fluxo do tempo e, conseqüentemente, o escorrer da vida” (SANTAELLA, 2012a, p.80). Tendo esse recorte do fluxo do tempo por meio das fotos dos grafitos passamos a observar e procurar por um fio condutor sobre os processos de constituição da masculinidade hegemônica e da virilidade.

Na lida com as representações da masculinidade nos apoiaremos aos apontamentos e discussões de Grossi (2004, 2010); Welzer-Lang (2001) relacionados a construção da masculinidade e Connell (1995) que aborda as políticas da masculinidade.

Segundo Connell (1995),

[...] a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades". Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um pout-pourri de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas (CONNELL, 1995, p.188).

Ao pensarmos nas masculinidades entendemos que a “*configuração de prática* significa colocar ênfase naquilo que as pessoas realmente fazem, não naquilo que é esperado ou imaginado” (CONNELL, 1995, p.188). Há um projeto discursivo de manutenção do poder cisheteronormativo hegemônico muito bem estruturado, que impõe a construção da masculinidade de modo tóxico, misógeno, machista e violento. “Como a pesquisa feminista tem mostrado, a violência sexual é uma ação competente; ela é, em geral, propositada e tem como objetivo a manutenção da supremacia masculina” (CONNELL, 1995, p.188).

Welzer-Lang (2001) nos chama a atenção quanto “a pseudo natureza superior dos homens, que remete à dominação masculina, ao sexismo e às fronteiras rígidas e intransponíveis entre os gêneros masculino e feminino;” (WELZER- LANG, 2001, p.460), e sobre “a visão heterossexualizada do mundo na qual a sexualidade considerada como ‘normal’ e ‘natural’ está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres [...]” (WELZER- LANG, 2001, p.460), não podendo haver alterações e desvios nessa ordem. Sendo que todas “as outras sexualidades,

homossexualidades, bissexualidades, sexualidades transexuais... são, no máximo, definidas, ou melhor, admitidas, como ‘diferentes’” (WELZER- LANG, 2001, p.460).

O mesmo autor relata que “[...] a educação dos meninos nos lugares monossexuados (pátios de colégios, clubes esportivos, cafés... [...])” (WELZER- LANG, 2001, p.462) e no

[...] conjunto de lugares aos quais os homens se atribuem a exclusividade de uso e/ou de presença) estrutura o masculino de maneira paradoxal e inculca nos pequenos homens a ideia de que, para ser um (verdadeiro) homem, eles devem combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres (WELZER- LANG, 2001, p.462).

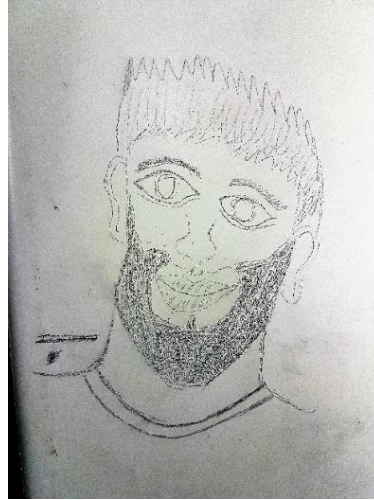
Estar em condição ou assemelhar-se com a feminilidade é algo inconcebível para a masculinidade, pois põe em xeque as rígidas estruturas hegemônicas da masculinidade, daí o contínuo combate e rechaçamento das identidades trans, ou seja, corpos identitários que transgridem, transitam e buscam proximidade com a feminilidade. Entre outras manifestações preconceituosas estão xingamentos, chamados pejorativamente de “mulherzinhas”, por estarem na condição feminina ou se assemelham ao feminino, esses corpos com genitália masculina e transgressora, transvestida para a feminina, pautados na experiência da vivência feminina tornam-se passível de retaliações, punições, sanções, crimes de transfobia e LGBTfobia.

Welzer-Lang (2001) denomina de “casa-dos-homens” os lugares onde se praticam a formação da construção dos homens em sociedade (WELZER- LANG, 2001, p.462) incluindo pátios de colégios, clubes, cafés, na rua, praçinha, quadras esportivas, campinhos de futebol, etc. “Falar de posição dos homens significa enfatizar que a masculinidade tem a ver com relações sociais e também se refere a corpos - uma vez que ‘homens’ significa pessoas adultas com corpos masculinos” (CONNELL, 1995, p.188). Aqui envolve o corpo biológico, o social, comportamental, o sócio-histórico, o andar, falar, comportar-se, movimentar-se, tornar-se e se construir homem.

Ser homem faz-se necessário um processo de ensino e aprendizagens contínuos. Não há nada de errado na masculinidade e na virilidade, o problema está nas invencionices, imposições machistas, cisheteronormativas como o padrão hegemônico imperativo. Outros modos de existir, outras identidades sexuais, podem coabitar a sociedade, devem ser respeitadas, proporcionando maior felicidade a(os) envolvidos(as).

As instituições família, igreja, escola, nos impõe verdades inquestionáveis, reforçando o posicionamento cultural cisheteronormativo refletido inclusive no interior escolar (JUNQUEIRA, 2010).

**FIGURA 15** - Desenho - (heteronormatividade: rosto)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na Fig.15 destacamos um dos muitos desenhos de rosto masculino, demonstrando atributos masculinos, como a barba, rosto quadrado, pescoço largo, cabelo ajeitado, confiante, seguro de sua condição masculina e de sua virilidade. Atributos esses que os caracterizam e distinguindo da feminilidade. Aos homens são ofertados determinados prazeres e privilégios que às mulheres são negados, desde empregos e cargos até o lugar de fala em sociedade. Torna-se possível inferirmos o desejo fálico lacaniano (LACAN, 1978), pelo poder, pelos direitos de equidade em ser, estar, fazer, que o masculino possui e nega aqueles(as) que diferem dos padrões patriarcais cisheteronormativos, cristão, branco e hegemônico.

Conforme Welzer-Lang (2001) relata

[...] a opressão das mulheres pelos homens é um sistema dinâmico no qual as desigualdades vividas pelas mulheres são os efeitos das vantagens dadas aos homens. Quando se atribui ao dividir uma torta sete partes aos homens e uma às mulheres, a luta por igualdade deve significar que se divida a torta em porções iguais. Logo, os homens terão menos! (WELZER- LANG, 2001, p.461).

Será que a hegemonia masculina quer essa divisão mais justa e equitativa? Nos parece que essa divisão encontra-se distante da equidade. De acordo com Connell (1995, p.188) o processo de exclusão de “[...] diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto



social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade”, isto significa que: “uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela” (CONNELL, 1995, p. 188). Sabemos que a desigualdade carece de muitas lutas pelos movimentos feministas, para que possam alcançar os patamares de equidade entre homens e mulheres. E como manter tais privilégios de dominação do homem sobre a mulher? Por meio das violências, sejam elas, psicológicas, econômicas, físicas, sociais, afetivas, religiosas, educacionais, pelos crimes de feminicídios.

Em relação a desigualdade do homem sobre outros homens? Veremos mais adiante.

[...] Atribui aos homens e ao masculino as funções nobres e às mulheres e ao feminino as tarefas e funções afetadas de pouco valor. Esta divisão do mundo, esta cosmogonia baseada sobre o gênero, mantém-se e é regulada por violências: violências múltiplas e variadas as quais – das violências masculinas domésticas aos estupros de guerra, passando pelas violências no trabalho – tendem a preservar os poderes que se atribuem coletivamente e individualmente os homens à custa das mulheres (WELZER-LANG, 2001, p.461).

As características da masculinidade permitem aos homens se constituírem homens, são moldados, inclusive por rituais de passagem, muitas vezes agressivos e violentos e outras vezes passam despercebidos em nosso cotidiano, ou tidos como algo natural.

Em relação ao processo de construção do masculino vejamos alguns ritos de passagem. Welzer-Lang (2001) nos apresenta a denominada casa-dos-homens no ocidente. Trata-se de uma fase ou período em que os meninos deixam de certo modo, o mundo das mulheres, ou seja, deixam a barra da saia da mãe ou das representações maternas. Nesse período “atravessam a fase da homosociabilidade” (WELZER-LANG, 2001, p. 462),

[...] na qual emergem fortes tendências e/ou grandes pressões para viver momentos de homossexualidade. Competições de pintos, maratonas de punhetas (masturbação), brincar de quem mijá (urina) o mais longe, excitações sexuais coletivas a partir de pornografia olhada em grupo, ou mesmo atualmente em frente às strip-poker eletrônicas, em que o jogo consiste em tirar a roupa das mulheres... Escondidos do olhar das mulheres e dos homens de outras gerações, os pequenos homens se iniciam mutuamente nos jogos do erotismo. Eles utilizam para isso estratégias e perguntas (o tamanho do pênis, as capacidades sexuais) legadas pelas gerações precedentes. Eles aprendem e reproduzem os mesmos modelos sexuais, tanto pela forma de aproximação quanto pela forma de expressão do desejo. (WELZER-LANG, 2001, p.462).

“Nessa casa dos homens, a cada idade da vida, a cada etapa de construção do masculino, em suma está relacionada uma peça, um quarto, um café ou um estádio. Ou seja, um lugar onde a homosociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares” (WELZER- LANG, 2001, p.462). Ocorrendo nesse grupo ou nessa casa uma espécie de ensinamento e aprendizado, no qual os mais velhos passam suas experiências ou vivências ao mais jovens (iniciado) que por meio desse processo os jovens se constituirão masculinos. “Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça, cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador” (WELZER- LANG, 2001, p.462).

**FIGURA 16-** Desenho - (heteronormatividade: ritos de passagem)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na Fig. 16 encontramos um grupo de seis possíveis ou supostos, garotos (corpo palito), o destaque fica para um deles, que usa um boné, possui um pênis avantajado e exhibe-se aos demais. O menor “garoto” do grupo, também apresenta pênis - um traço - no local do pênis, como se ambos estivessem se olhando, exibindo-se e comparando o tamanho dos membros. Enquanto os demais estão observando esse rito de passagem, como o descrito por Welzer-Lang (2001, p.462). Observamos a escrita do nome “Marcio” e ainda, uma pequena figura próxima a que traz o boné na cabeça e toca a genitália da figura desbotada.

Tais ritos tomam dimensões que variam de uma cultura a outra. A antropologia tem investigado esses ritos, por exemplo

[...] os trabalhos do antropólogo Maurice Godelier sobre os Baruya da Nova Guiné descrevem como “o esperma é a vida, a força, o alimento que dá força à vida”. Ele

mostra como, no segredo da casa-dos-homens, os jovens homens ainda não casados e os iniciados transmitem, pela ingestão de esperma (felação), os rudimentos da dominação das mulheres. Qualquer violação desse segredo é punida muito severamente e aqueles que resistem à iniciação são obrigados por força a fazê-la, diz o pesquisador (WELZER- LANG, 2001, p.462).

Há um interesse pulsante pela questão seminal, ejaculação e do gozo masculino. Trata-se de sentir-se preparado a receber os prazeres das práticas sexuais, do autoconhecimento e com elas, as, responsabilidades, proibições, restrições, cuidados necessários, e prática sexual com responsabilidade.

A Figura 17 é um dos exemplos que nos remete a tal passagem, uma vez que a palavra “PORRA..” muito utilizada pelos alunos(as) em seus cotidianos, são expressas nos grafitos, assim como estão presentes nas representações de muitos pênis. Um pênis masculino deve jorrar sêmen, pois o “esperma é a vida, a força, o alimento que dá força à vida” (WELZER- LANG, 2001, p.462).

**FIGURA 17-** Desenho - (heteronormatividade: esperma)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A aplicabilidade da expressão “PORRA..” é utilizada como forma de xingamento e também pode expressar admiração. Os atos descritos na Nova Guiné não são práticas culturais e sociais comuns no ocidente. No entanto, expressões relacionadas ao sêmen e derivações um pouco menos rebuscadas são amplamente utilizadas e fazem parte do repertório vocabular, ou seja, “está sempre na boca” de adolescentes e adultos. Tais como “caralho... e cacete...”

Segundo Vilela (2017) ao depararmos com o ambiente escolar é possível identificar que está povoado por preconceitos, estereótipos e valores morais que são reproduzidos por estes jovens em seus grafitos, fortemente ligados aos ritos sociais, culturais, religiosos e familiares nesse processo de construção da masculinidade. Segundo Welzer-Lang (2001),

[...] aprender a estar com os homens, ou nas primeiras aprendizagens esportivas na entrada da casa-dos-homens, a estar com os postulantes ao status de homem, obriga o menino a aceitar a lei dos maiores, dos antigos: daqueles que lhe ensinam as regras e o *savoir-faire*, o saber ser homem. A maneira pela qual alguns homens se lembram dessa época e a emoção que transparece então parecem indicar que esses períodos constituem uma forma de rito de passagem (WELZER- LANG, 2001, p.463).

Ser homem significa ter agilidade, força física, praticar esportes, incluindo o futebol “[...] é inicialmente uma maneira de dizer: quero ser como os outros rapazes. Eu quero ser um homem e, portanto, me distinguir do oposto (ser uma mulher). Eu quero me dissociar do mundo das mulheres e das crianças” (WELZER- LANG, 2001, p.463), para ser homem faz-se necessário sofrer. Ser homem

[...] é também aprender a respeitar os códigos, os ritos que se tornam então operadores hierárquicos. Integrar códigos e ritos, que no esporte são as regras, obriga a integrar corporalmente (incorporar) os não-ditos. Um desses não-ditos, que alguns anos mais tarde relatam os rapazes já tornados homens, é que essa aprendizagem se faz no sofrimento (WELZER- LANG, 2001, p.463).

Este rito pode causar severos “sofrimentos psíquicos de não conseguir jogar tão bem quanto os outros. Sofrimentos dos corpos que devem endurecer para poder jogar corretamente” (WELZER- LANG, 2001, p.463). Uma vez que sabemos que os jovens envolvidos sofrem e flagelam-se, muitas vezes choram as escondidas pelo fato de que “os pés, as mãos, os músculos... se formam, se modelam, se rigidificam por uma espécie de jogo sado-masoquista com a dor” (WELZER- LANG, 2001, p.463). Sem esquecermos das exigências de virilidade masculina, tamanho e força para adentar os orifícios de outras(os).

**FIGURA 18-** Desenho - (heteronormatividade: violência)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Conforme podemos observar na Fig. 18 atos de violência e agressividade são quase sempre esperados no masculino. Sendo assim “o pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento – sem dizer uma palavra e sem ‘amaldiçoar’ – para integrar o círculo restrito dos homens. Nesses grupos monossexuados se incorporam gestos, movimentos, reações masculinas [...]” (WELZER- LANG, 2001, p.463). Enfim, faz-se necessário “[...] todo o capital de atitudes que contribuirão para se tornar um homem” (WELZER- LANG, 2001, p.463).

O futebol é sinônimo de atividade esportiva masculina e no Brasil é considerado uma paixão nacional. Para ser homem é esperado culturalmente que seja um apreciador nato dessa modalidade esportiva. Caso contrário o indivíduo encontra-se em discordância com os padrões normatizantes da masculinidade. Isso reflete nos grafitos encontrados na Fig. 19.

**FIGURA 19-** Desenho - (heteronormatividade: futebol)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Em relação a cisheteronormatividade é possível identificarmos na Fig.19, vestimentas e brincadeiras pertencentes ao universo masculino, como o uso de bandana na cabeça, cabelos volumosos e ao vento, símbolo de rebeldia, de agilidade; uso de bermudão, tênis, camiseta, com dobras nas mangas. Um deles carrega, nas mãos, um tipo de rádio portátil que lhe permite levar consigo sua trilha sonora preferida, parte de seu estilo musical, cultural e pertencimento da tribo urbana.

O logotipo da *Nike* na camiseta e na bermuda são indicativos do consumo ou desejo em adquirir produtos de grifes internacionais, sejam originais ou não. O desejo pelo *status* agregado a determinadas marcas. Inclui-se aqui outras como, *Puma* e *Adidas*. Uma continua busca em constituir sua identidade, em pertencer ao coletivo e ser único, o destaque.

Talvez poderíamos inferir que na Fig. 19 trata-se de algum tipo de uniforme de time de futebol e a *Nike* seja a patrocinadora. A bola de futebol nos possibilita essas inferências. Logo

acima da figura da bola é possível identificarmos o emblema com as letras “SP” sugerindo o brasão do time do São Paulo Futebol Clube.

Para se conquistar o direito de estar entre os homens, podem ocorrer choros, decepções, lástimas e sofrimentos.

Para ganhar o direito de estar com os homens ou para ser como os outros homens. Para os homens, como para as mulheres, a educação se faz por mimetismo. Ora, o mimetismo dos homens é um mimetismo de violências. De violência inicialmente contra si mesmo. A guerra que os homens empreendem em seus próprios corpos é inicialmente uma guerra contra eles mesmos. Depois, numa segunda etapa, é uma guerra com os outros (WELZER- LANG, 2001, p.463).

No processo de constituição da masculinidade se faz presente a masculinidade tóxica constituída pelo patriarcado, machismo, misoginia e preconceitos (CHAUI, 2001; DELPHY, 2009; SEGATO, 2012). O mimetismo na educação dos(as) meninos(as) ocorrem por meio de adaptações e ajustes das características individuais a uma nova situação, no caso a masculinidade. Parece-nos definido a existência do processo cultural educacional para a constituição de vivências da masculinidade. Como observamos na imagem que segue.

**FIGURA 20-** Desenho - (heteronormatividade: mutilação)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Fig. 20 ilustra essa fase metafórica e física de mutilação para que o jovem possa ter o direito conquistado em pertencer ao time dos homens. Cartoons, filmes, séries, mídias, o convívio social, familiar, religioso, esportivo, escolar ilustram exemplos de ritos de passagens, formas de castração, autoflagelo para ser aceito, acolhido e estar entre os homens, poder gozar das delícias, dos prazeres e desprazeres em ser homem, transferindo aos mais jovens esse legado. O time superior é campeão.

Em relação a prática de atividades físicas e o culto ao corpo Lima e Couto (2018) nos chama a atenção sobre

[...] uma pesquisa realizada pelo Movimento LGBT Brasil (QUINALHA, 2016), divulgada no Dia Internacional Contra a Homofobia, revela que gays brasileiros que não se enquadram em masculinidades viris sofrem mais discriminação e violência, inclusive, entre seus pares. Esse rechaço pode ser compreendido através da tendência cultural em promover e valorizar a virilidade e inferiorizar e marginalizar a feminilidade, que, por diversos fatores, ganhou impulso nos meios de socialização gay a partir da década de 1970 (LIMA, COUTO, 2018, p.125).

As colocações de Lima e Couto (2018) indicam o quanto ser macho e pertencer ao grupo dos homens se faz importante, incluindo todos os atributos da masculinidade devem ser moldados; o gay masculino se é afeminado, tende a ser mais inferiorizado e pertencente a uma classe desprezível, aproximando-se do feminino.

Como demonstra Fairglough e Wodak (2000, p.368) “las prácticas discursivas pueden tener efectos ideológicos de peso, es decir, pueden ayudar a producir y reproducir relaciones de poder desiguales [...]” por meio do modo como as classes sociais situam os envolvidos, sejam homens jovens, pobres, gays e mulheres.

O processo de criação da masculinidade individual e coletiva se consolida nas tramas discursivas, concatenadas aos ritos de “iniciação”, aprendemos a ser masculinos ou femininos. A mensagem dominante: ser homem é ser diferente do outro, diferente de uma mulher. Além da casa-dos-homens há o denominado “vestíbulo da gaiola da virilidade” possibilitando a ocorrência de alto risco de abuso, um lugar de passagem obrigatório fortemente frequentado, trata-se de “[...] um corredor onde circulam, ao mesmo tempo, jovens recrutas da masculinidade (os pequenos homens que acabaram de abandonar a saia das mães)” (WELZER-LANG, 2001, p.463), além da existência daqueles homens recém-iniciados vêm também para transmitir uma parte de seus saberes e seus gestos outros já iniciados, assim são os costumes da casa.

Welzer-Lang (2001) nos alerta sobre os possíveis abusos ocorridos na antecâmara da casa-dos-homens:

[...] antecâmara da casa-dos-homens é também um lugar frequentado periodicamente por homens mais velhos. Homens que ocupam, ao mesmo tempo, o lugar de irmão mais velho, modelo masculino a ser conquistado pelos pequenos homens e agentes

encarregados de controlar a transmissão dos valores. Alguns se nomeiam pedagogos, outros monitores de esporte, ou ainda padres, chefes de escoteiros... Alguns estão presentes fisicamente. Outros agem através de suas mensagens sonoras, de suas imagens que se manifestam nesse lugar. Outros ainda são denominados artistas, cantores, poetas. (WELZER-LANG, 2001, p.463).

Essa antecâmara é perigosa e tende a ser abusiva, incluindo aqui práticas de abuso sexual ou trocas sexuais. Pode ocorrer a barganha dos favores sexuais por dinheiro, alimentos, drogas, celulares, tênis de determinada marca entre outros. Entendemos que não se trata de um local fixo, a casa-dos-homens é algo mutável, o conceito é fixo mas a dinâmica não; ocorrem alterações de uma cultura para outra, em diferentes níveis de classe social, ou até mesmo em regiões, campos, cidades ou vilarejos (WELZER-LANG, 2001).

O exemplo, criminoso a nosso entender, ilustra parcialmente o que estamos relatando. Deparamos com uma manchete da *Deutsche Welle* (2020), intitulada: *Por 30 anos, experimento em Berlim deu órfãos a pedófilos*, de 18 de junho de 2020. Durante quase 30 anos autoridades de Berlim, na Alemanha, entregavam crianças sem-teto a homens reconhecidamente pedófilos para adoção, com pressupostos científicos de que eles seriam pais carinhosos. Vários dos pais adotivos eram acadêmicos de alto nível e altos membros do Instituto Max Planck, da Universidade Livre de Berlim, e da famosa Escola Odenwald, em Hessen, na Alemanha Ocidental. A Universidade de Hildesheim, investigou o denominado “experimento Kentler”, comandado pelo professor Helmut Kentler (1928-2008), com início nos anos 1970, Berlim Ocidental, o experimento foi tolerado por décadas pelas autoridades locais (DEUTSCHE WELLE, 2020, p.1).

As considerações anteriores nos remete a Fig. 21 abaixo.

**FIGURA 21-** Desenho - (heteronormatividade: ritos)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador



“Alguns homens mais velhos se aproveitam da credulidade dos novos recrutas [...]”(WELZER- LANG, 2001, p.464), nesse processo ritualístico “não somente o pequeno homem começa a descobrir que, para ser viril, é preciso sofrer, mas também [...] o menino é, às vezes, iniciado sexualmente por um adulto. Iniciado sexualmente pode também significar violado” (WELZER- LANG, 2001, p.464). A Fig. 21 nos sugere esse tipo de rito, ambas imagens apresentam uma linha extensa no local do pênis. A figura menor com cabelos longos sugere tratar de um menino transvestido, que supostamente esteja sendo iniciado ou abusado. Talvez possa ser uma mulher trans, ou uma criança.

Não compete a nós, afirmarmos ou negarmos que a pessoa que tenha feito o grafito Fig. 21 esteja sendo ou tenha sido violado(a) sexualmente, desconhecemos a autoria do(a) do grafito. A existência de pedofilia, do abuso sexual infantil, da exploração sexual infantil são temáticas universais, e não olhar para essa temática é preocupante. O trabalho de educação em sexualidade pode contribuir nesse viés, em orientar os(as) alunos(as) sobre essas situações e como proceder, desvencilhar-se, denunciar situações abusivas que outros(as) estejam vivenciando, seja pelo disque 100 ou pessoas que possam ajudá-los(as).

A educação em sexualidade pode contribuir para prevenção de possíveis crianças e jovens vitimizadas(os) em situação de vulnerabilidade. Aqui estamos ilustrando o processo ritualístico de constituição da masculinidade, leitura possibilitada pelo grafito. Sendo assim, nesse processo o recruta pode

[...] ser obrigado – sob obrigação ou ameaça – de acariciar... de chupar ou de ser penetrado de maneira anal por um sexo ou um objeto qualquer. Masturbar o outro. Deixar-se acariciar...Compreende-se que os homens a quem uma tal iniciação é imposta guardem seguidamente marcas indeléveis (WELZER- LANG, 2001, p.464).

Traumas e marcas podem surgir e arrastarem-se por toda a vida. Tais marcas podem levar os iniciados a reproduzirem tais rituais futuramente em outros iniciantes, o abuso sexual é tido como uma espécie de “exorcismo, uma conjuração da desgraça vivida anteriormente” (WELZER- LANG, 2001, p.464), já “outros se fecham em uma couraça, incorporando, de uma vez por todas, que a competição entre homens é uma selva perigosa onde é necessário saber se esconder, se debater e onde *in fine* a melhor defesa é o ataque” (grifos do autor) (WELZER- LANG, 2001, p.464). Além dos abusos sexuais há os abusos físicos: socos, pontapés, cotoveladas, empurrões, pseudobrigas, “as ofensas, o roubo, a ameaça, a gozação, o controle, a

pressão psicológica para que o pequeno homem obedeça e ceda às injunções e aos desejos dos outros...” (WELZER- LANG, 2001, p.464).

Concluimos que “todas as formas de violência e de abuso que cada homem vai conhecer, seja como agressor, seja como vítima. Pequeno, fraco, o menino é uma vítima marcada. Protegido por seus colegas, ele pode agora fazer os outros sofrerem o que ele tem ainda medo de sofrer” (WELZER- LANG, 2001, p.464). Essa união faz a força da irmandade “a solidariedade masculina intervém para evitar a dor de ser uma vítima; essa casa-dos-homens é o lugar de transmissão de valores positivos. Ter prazer juntos, descobrir o interesse do coletivo sobre o individual, são valores que fundam a solidariedade humana” (WELZER- LANG, 2001, p.465).

O macho deve sobrepor-se a fêmea. No patriarcado a mulher é patrimônio do homem (CHAUÍ, 2001). Nesse complexo sistema, o ser mulher, deve ser rejeitado e afastado da masculinidade, “para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o polo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher [...]” (WELZER- LANG, 2001, p.465).

Percebemos que ao longo da história ocidental, vivemos em relações de oposições múltiplas, homem x mulher, masculino x feminino, dominante x dominado, ativo x passivo, negro x branco, Deus x diabo, bem x mal, céu x inferno, rico x pobre, enfim há essa exigência normativa binária de pertencimento a um grupo ou não, em ser de determinada maneira ou não, possibilidades de coexistências são rejeitadas e negadas e (re)transmitimos isso pedagogicamente. Segundo Seffner (2014) esse binarismo classifica um dos polos como superior ao outro. E o patriarcado acima de todos(as) (CHAUÍ, 2001).

A casa-dos-homens não se limita a infância e a juventude, estende-se a fase adulta.

Mesmo adulto, casado, o homem, ao mesmo tempo que “assume” o lugar de provedor, de pai que dirige a família, de marido que sabe o que é bom e correto para a mulher e as crianças, continua a frequentar peças da casa-dos-homens: os cafés, os clubes, até mesmo as vezes a prisão, onde é necessário sempre se distinguir dos fracos, das femezinhas, dos “veados”, ou seja, daqueles que podem ser considerados como não-homens (WELZER- LANG, 2001, p.465).

Sendo Welzer- Lang (2001, p.465) para “o masculino, as relações entre homens são estruturadas na imagem hierarquizada das relações homens/mulheres”. Ou seja, aqueles que não possuem os atributos de masculinidade ou virilidade são “ameaçados de serem

desclassificados e considerados como os dominados, como as mulheres [...]” (WELZER-LANG, 2001, p.465) indignos de serem homens.

[...] É assim que na prisão um segmento particular da casa-dos-homens, os jovens homens, os homens localizados ou designados como homossexuais (homens ditos afeminados, travestis...), homens que se recusam a lutar, ou também os que estupraram as mulheres, dominadas, são tratados como mulheres, violentados sexualmente pelos “grandes homens” que são os chefões do tráfico, roubados, violentados. Frequentemente, eles são apenas colocados na posição da “empregada” e devem assumir o serviço daqueles que os controlam, particularmente o trabalho doméstico (limpeza da célula, da roupa...) e os serviços sexuais (WELZER-LANG, 2001, p.465).

“[...] Nessa perspectiva que eu propus que se definisse a *homofobia como a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero*. A homofobia engessa as fronteiras do gênero” (WELZER-LANG, 2001, p.465). Afinal, “a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade” (WELZER-LANG, 2001, p.465). Com isso evita para si os atributos de feminilidade ou de ser comparado a mulher. Por meio desse discurso misógino e abusivo identificamos o culto ao físico: forte é um sinal de virilidade, de masculinidade e se distancia da feminilidade.

As Fig. 22, Fig. 23 e Fig. 24 são exemplos de que a prática de musculação é um dos meios mais acessíveis para se apresentar um corpo másculo e viril. Essa prática é amplamente encontrada entre os grafitos, ou seja, a exibição de corpos musculosos, viris e/ou “sarados” tanto aos cisheterossexuais quanto as sexualidades não hegemônicas. De acordo com Lima e Couto (2018, p.125) há uma busca em “valorizar a virilidade e inferiorizar e marginalizar a feminilidade” até mesmo entre os gays e seus pares, refutam gays afeminados.

**FIGURA 22-** Desenho - (heteronormatividade: exibição do bíceps)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Fig. 22 nos chama atenção por dois motivos. Primeiro por ser uma das poucas imagens em que a cor aparece. A figura masculina parece estar segurando uma possível lata na cor vermelha, que poderia ser uma cerveja ou algum tipo de refrigerante, produtos apreciados pelos(as) jovens e adultos. A figura ainda exhibe seu bíceps avantajado, sugestivo de força física e virilidade, atributos esperados na cisheteronormatividade. É possível ainda identificarmos a palavra “GAY” logo acima da mão fechada e do braço que exhibe o bíceps.

**FIGURA 23** - Desenho - (heteronormatividade: musculação)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na Fig. 23 encontramos uma imagem supostamente masculina, praticando supino (levantamento de peso), sugerindo demonstração de força física, inerente ao corpo masculino. Embora não seja uma figura que demonstre apresentar músculos avantajados parece estar em fase de treino na direção de um corpo saudável, musculoso e viril.

Os traços do desenho foram feitos com lápis sobre a superfície do tampo liso de uma carteira escolar. As linhas apresentam reforços nos traços. O desenho apresenta riqueza em detalhes, pois temos linhas pontilhadas nos dois lados da bermuda que sugerem serem bolsos e detalhes na camiseta que sugerem algum tipo estamparia, além de um zíper na frente da bermuda. A imagem demonstra um certo cuidado com os detalhes da vestimenta. Percebemos o uso de borracha na elaboração dos pesos nas duas extremidades da barra, refeitas, adequando as proporções.

Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideias da cultura (LOURO, 2018, p.69).

“Ao longo dos séculos, a maioria das sociedades vem estabelecendo a divisão masculino/feminino como uma divisão primordial. Uma divisão usualmente compreendida como primeira, originária ou essencial e, quase sempre, relacionada ao corpo” (LOURO, 2018, p.70). Ter ou não ter pênis? Eis a questão! E o que isso implica em nossa sociedade atual?

**FIGURA 24-** Desenho - (Masculinidade: homem/pênis)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Os traços na Fig. 24 são soltos, foram utilizadas formas arredondadas. Os músculos peitorais foram desenhados por duas semiesferas, assim como o nariz, já a boca e os olhos 3 esferas ovais solucionaram tudo.

A Fig. 24 representa uma imagem masculina, músculos avantajados e pênis grande, adicionado com caneta azul. Eis a exaltação da masculinidade pulsante. Um corpo másculo e sarado pressupõe quesitos essenciais ao macho, cisheteronormativo, incluindo pênis latejante, ereto e ejaculador, capaz de fecundar e perpetuar a espécie humana.

Os adolescentes demonstram estar interessados em saber sobre o prazer sexual. A Fig.24 sugere isso. Fernando Seffner (2014) aponta as obras “*Human sexual response* e *Human sexual inadequacy*, publicadas nos anos 60 (MASTERS & JOHNSON, 1976, 1981)” (SEFFNER, 2014, p.72). Os trabalhos dos autores consistiam em realizar medições de “pênis flácidos e eretos, fotografadas vaginas durante o orgasmo, media a pressão arterial antes, durante e depois do ato sexual, anotada a distância atingida pelo jorro da ejaculação, etc” (SEFFNER, 2014, p.72).

Tais pesquisas repousam na fase orgásmica “sobre a investigação do ato sexual em si, estruturado por uma teoria das quatro fases: a fase de excitação, a fase platô, a fase orgásmica e a fase de resolução” (SEFFNER, 2014, p. 72). Se pensarmos pelo viés das ciências humanas

estes estudos “deixam de fora os elementos centrais da nossa cultura, no sentido da produção da sexualidade, ligados a afeto, amor, romantismo, proteção, solidão e companheirismo, etc.” (SEFFNER, 2014, p.72) e o desejo que antecede a fase de excitação (ABDO, 2014).

Será que todo homem de corpo sarado é heterossexual? Não existem homossexuais musculosos? Será que todo homem de corpo escultural tem um pênis avantajado como na Fig. 24? O tamanho do pênis realmente é importante? (ABDO, 2014). Homossexuais são gerados(as) pela união sexual entre heterossexuais, então logo são os heterossexuais responsáveis diretos pelas massas de gays e lésbicas existentes? Se a homossexualidade é desviante, a causa está nos heterossexuais? Seria essa a principal justificativa da superioridade heterossexual? “[...] Os corpos vêm sendo ‘lidos’ ou compreendidos de formas distintas em diferentes culturas [...]” (LOURO, 2018, p.70).

Na Fig. 24 o braço nos sugere um símbolo fálico. Um homem com dois pênis. A sexualidade se faz presente em tudo, no entanto,

[...] julgamos sujeitos e instituições por conta de suas preferências sexuais, como estigmatizamos pessoas e grupos por conta do que gostam ou não de fazer na vida sexual, como inserimos elementos de sedução sexual em capas de cadernos para serem vendidos a alunos e alunas da educação infantil, e depois nos constrangemos quando estas mesmas crianças fazem perguntas sobre o que é sexo. Se nossa sociedade fala de sexo o tempo todo, o passo seguinte é perguntar-se de que forma ela fala? (SEFFNER, 2014, p.70).

Não estamos questionando nem desmerecendo os benefícios da prática de atividades físicas e tão pouco em relação ao cuidado com o corpo, mas sim a visão distorcida que a sociedade apresenta muitas vezes aos jovens que estão em processo de constituição de suas personalidades e de suas subjetividades. Nas escolas surgem questionamentos interessantes e constantes sobre a sexualidade e o que fazer com tais questões?

Na leitura de teses e dissertações que envolvem a conexão sexualidade, gênero e espaço escolar, onde se verifica, sempre e cada vez mais, que os alunos falam, manifestam interesse e fazem perguntas sobre gênero e sexualidade, e os professores ficam constrangidos, e não sabem responder, ou encaminham a outros profissionais (SEFFNER, 2014, p.68).

Os autores Lima e Couto (2018) relatam que

Esses mesmos modelos passaram a ser cultuados na pornografia gay. Deste então, essa pedagogia cultural de masculinidade viril ganhou prestígio nos espaços em que as vivências das homossexualidades eram mais permitidas: nas pegações em banheiro público (SOUZA, 2012) na prostituição (PERLONGHER, 2008), nas salas de bate papo e em diversos sites na internet (NOGUEIRA, 2014 apud LIMA, COUTO, 2018, p.125).

Mais exemplos de grafitos que ilustram o excerto acima estão presentes na Sessão 4 desta pesquisa. Corpos viris e sarados são apreciados entre os heterossexuais, bissexuais e homossexuais, porém sabemos que há uma miríade de outros perfis e estereótipos corporais dentre os quais identificamos os “bears” ursos, gordos e peludos.

Incluiremos nas análises que seguem elementos de semiótica peirciana interpretados por Santaella (2012a, 2018). Nesse processo de constituição em se fazer um corpo masculino, destacamos os militares Fig. 25. Símbolos de agilidade, defensores de nação brasileira e do território nacional. Os homens de guerra são bem treinados.

**FIGURA 25-** Desenho - (heteronormatividade: soldado)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Nas palavras de Santaella “em primeiro momento, pelo menos, temos de dar aos signos o tempo que eles precisam para se mostrarem. Sem isso, estamos destinados a perder a sensibilidade para seus aspectos qualitativos, para seu caráter de qualissigno” (SANTAELLA, 2018, p.30).

As qualidades aparecem no signo. Na Fig.25 encontramos um signo de um soldado, usando capacete camuflado, mochila nas costas e saco de dormir. Há algumas folhas em seu capacete, nos sugerem estar em batalha em local hostil, utilizando elementos do ambiente como camuflagem, em estado de alerta e tensão.

O mesmo encontra-se com uma arma de fogo do tipo metralhadora, atirando três projéteis sequenciais direcionados a um tipo de alvo no solo. No alto da foto em diagonal oposta ao alvo e ao caminho que os projéteis estão direcionados encontra-se um avião de guerra. Direcionado estrategicamente ao alvo, caso o mesmo não seja atingido pelas balas da arma do soldado um suposto piloto do avião poderá finalizar a ação do possível comando.

Em relação aos níveis interpretativos efetivos Lúcia Santaella (2018) “distribuem-se em três camadas” a primeira é a “camada emocional, ou seja, a qualidade de sentimento e a emoção que o signo é capaz de produzir em nós”; a segunda é “a camada energética, quando o signo nos impele a uma ação física ou puramente mental”; e terceira é “a camada lógica, está a mais importante quando o signo visa produzir cognição”. (SANTAELLA, 2018, p.40). Percebemos que estas camadas caminham juntas.

O signo presente representado pelo “soldado” nos remete ao fato de ser uma figura com traços masculinos. Embora encontramos na atualidade mulheres na corporação da polícia militar e em outros setores das forças armadas, parece ser imperativo que armas, guerras, lutas, sejam coisas destinadas ao universo masculino, ou seja, coisas para homens e a mulher em oposição como o masculino ser delicado, sexo frágil.

No processo de estruturação funcional da masculinidade os “Grandes Homens” exercem poder sobre as mulheres, se pensarmos por exemplo nos legionários, que ao voltarem das “[...] ações no exterior, lhes são permitidas algumas liberdades como trazer álcool e mulheres” (WELZER- LANG, 2001, p.466) nas bagagens. “Essas mulheres imigrantes, na maior parte das vezes ilegais, que em geral nem falam francês (muitas são inclusive analfabetas), tornam-se então dependentes dos guerreiros que as trouxeram consigo” (WELZER- LANG, 2001, p.466), sendo portanto, consideradas propriedades de quem as trouxe. “Essas mulheres (ou rapazes), oriundas de países pobres, são um privilégio associado ao status de guerreiro pós-colonial” (WELZER- LANG, 2001, p.466).

Na região onde vivem esses legionários, segundo nossas informantes – fato que se pode verificar de maneira mais empírica examinando as queixas nos serviços telefônicos de ajuda a mulheres vítimas de violência –, os homens de armas (legionários, mas também policiais...) parecem concentrar mais as queixas das mulheres sobre suas práticas domésticas do que outros homens. Em todo caso, porque



eles têm uma arma em casa, eles são mais assassinos. São portanto as mulheres que pagam o preço dos privilégios masculinos (WELZER- LANG, 2001, p.466).

Na Fig. 25 caso uma mulher queira ser soldado ou policial militar. Qual lei estaria infringindo? Ou qual seria o problema se uma menina quisesse jogar futebol, usar um helicóptero de brinquedo, um carrinho ou usar roupas da cor azul? Um garoto que goste de desenhar, dançar ou que seja sensível, delicado, foge aos padrões de sexualidade heteronormativa vigente. Nesse momento estamos destacando elementos interpretativos da camada lógica, pois propicia produzir cognição.

**FIGURA 26-** Desenho - (heteronormatividade: soldado- Jesus)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Algo semelhante a temática (soldado) exposto na Fig.25 se repete na Fig. 26. Nesta última o elemento que nos chama a atenção é a palavra JESUS, sulcada na madeira do tampo da carteira, provavelmente com algo duro e de ponta, como a ponta cega de um compasso. Indicativo de fé e influência da religiosidade. O soldado dessa imagem pode estar caminhando em direção a Jesus ou ao lado de Jesus. Sugerindo a força que a religiosidade católica exerce na cidade, estado e no país, assim como as vertentes neopentecostais.

Soldados imprimem a ideia de defesa da nação, união, virilidade e práticas constantes de atividades físicas. Nação e nacionalismos são eivados de simbologia patriarcal e machista. Desde sua origem latina *nascor* e *natio* aos sentidos negativos no medievo, as sociedades modernas lhe imprimiam um novo sentido similar ao termo pátria. Este último entrelaçado também ao patriarcado (CHAUÍ, 2001, p.9) Deste modo, associou-se ao termo nação a guerra e a masculinidade.

Nesse processo de construção da masculinidade e de identidades não são raros os exemplos de posicionamentos políticos extremistas, extrema-direita, como exemplo citamos a suástica Fig. 27, fortemente associada aos símbolos do nazismo, de Adolf Hitler.

**FIGURA 27-** Desenho - (nazismo/suástica)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Encontramos nove exemplos de suásticas na ambiência escolar em carteiras escolares. A “[...] suástica vem do sânscrito *svtika*, que significa ‘boa sorte’ ou ‘bem-estar’. O desenho (uma cruz gamada) parece ter sido utilizado pela primeira vez na Eurásia, há cerca de 7.000 anos, talvez como uma representação do movimento do Sol no céu [...]” (MUSEU DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS, 2019, n.p.). No início do século vinte, a suástica estava em moda na Europa, tornou-se símbolo da identidade ariana, Adolf Hitler escreveu em seu livro *Mein Kampf*: "Enquanto isso, eu mesmo, depois de inúmeras tentativas, havia chegado a uma forma final; uma bandeira com fundo vermelho, um disco branco e uma suástica preta no meio" (MUSEU DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS, 2019, n.p.).

A partir de 1945 sucederam a destituição dos símbolos nazistas. No início da década de 1950 “algumas gangues de motociclistas nos EUA começaram a usar a suástica, [...], para destacar sua natureza ilegal. No final da década de 1970, alguns intérpretes de punk-rock seus seguidores passaram a mostrar abertamente a suástica como um símbolo de rebelião juvenil [...]” (MUSEU DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS, 2019, n.p.).

O exposto acima e as Fig. 28, Fig. 29 e Fig. 30 que seguem abaixo nos indicam o modo dinâmico de elaboração dos grafitos, uma vez que podem sofrer interferências constantes pelos(as) autores(as) agentes circulantes em salas de aulas e no interior da escola. Essas fotos foram colhidas na semana que antecederam o primeiro turno das eleições de 2018. Fig.31 trata-se de um personagem masculino, supostamente um policial, devido as vestimentas. Encontramos ainda uma seta indicativa com o nome “Jair Bolsonaro”.

**FIGURA 28** – Desenho - (heteronormatividade: Jair Bolsonaro)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Jair Bolsonaro foi eleito e assumiu em 1 de janeiro de 2019 sendo o 38º Presidente da República do Brasil. Nos chama atenção esse grafito, pois houve reações desse candidato em relação ao posicionamentos sobre as questões de gênero. Sua posição política, além de defensor, está voltada para a privatização de estatais, reforço na segurança pública, abertura econômica e manutenção de programas sociais. “Sua campanha baseou-se na bandeira da segurança pública, do nacionalismo e do fim da corrupção. [...] Comprometeu-se a implementar uma política econômica de cunho liberal” (DA REDAÇÃO, 2018, n.p.) e manutenção da família tradicional hetero-cristã e de valores conservadores.

Uma das primeiras ações do atual presidente eleito no País foi a expedição da medida provisória de nº 870/19, que retira a população LGBT da lista de Políticas e Diretrizes destinadas à promoção dos Direitos Humanos.

Também é favorável ao armamento de civis. Foi aclamado como salvador da Pátria, aquele que colocaria ordem ao caos, o honesto, o “Messias”. Associado ao seu nome “Jair Messias Bolsonaro”. Militar do Exército, 1977 e formou-se de educação física em 1983. Até 1987 concluiu cursos no Exército Brasileiro chegando a patente de capitão e foi para a reserva. Talvez daí tenha sido realizada a associação da figura com o policial militar.

Na Fig. 28 podemos identificar uma imagem masculina, que não se parece nem caricaturalmente com Jair Bolsonaro talvez essa inclusão do nome tenha sido adicionada por um outro(a) aluno(a). A figura apresenta uniforme da polícia militar do Estado de São Paulo, é possível identificarmos o boné com estrela (possivelmente alguma patente elevada de comando), um colete protetor, braços largos e peludos como símbolo de masculinidade, virilidade e força. Braço forte sugestiona treino, práticas de atividades físicas. Os dedos

encolhidos, prontos para um ataque ou proferir golpes, os lábios sugerem rigidez e contração, denteição serrada. Olhos em direções opostas em alerta, sobrancelhas espessas e arqueadas.

Nos chama a atenção o fato de não possuir pés e falta uma perna. Talvez não tenha havido tempo para concluir o grafito naquele dia.

**FIGURA 29-** Desenho - (heteronormatividade: Jair Bolsonaro/Policial)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

No dia seguinte na Fig. 29 inseriram uma perna, levemente apagada, utilizando lápis para complementar o desenho, os pés não aparecem, possivelmente tenha sido inserido por uma outra pessoa, dado as dobras da barra da calça apresentarem um estilo de traços diferentes se compararmos com a versão anterior. Há indício no desenho de um pé com três dedos. A Fig. 29 foi desenhada com o auxílio de uma caneta de tinta na cor preta. Houve exclusão da seta do nome “Jair Bolsonaro”, ficaram marcas visíveis. A Fig. 30 é a mesma imagem da Fig. 29.

**FIGURA 30–** Desenho - (heteronormatividade)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na semana seguinte às eleições do primeiro turno pudemos observar na Fig. 30 que o desenho sofreu intervenções, principalmente a cabeça, tronco e parte dos braços, no entanto percebemos um tipo de calçado em ambos os pés, um pênis ereto e saco escrotal. E com auxílio de caneta de tinta na cor azul, uma figura possivelmente feminina foi adicionada, cabelos cacheados e abastados (formato de nuvem), seio, exposição das costas, nádegas aparentes, posição de “4”, sugerindo posição de monta no ato sexual.

Nos chama a atenção a proporção do tamanho do pênis, praticamente do tamanho da figura feminina. O pênis desproporcional parece ser algo de grande importância no campo da masculinidade. Um patriarca portador de um cajado poderoso que conduzirá a nação brasileira, durante seu mandato presidencial. Nos remete a definição do patriarcado de Chauí (2001) e Segato (2012).

Os grafitos Fig. 28, Fig. 29 e Fig. 30 ilustram como ao longo dos dias, partes são adicionadas ou retiradas. Temática são alteradas. Percebemos que

[...] os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. Um setor dos estudos feministas atuais tende, aliás, a quantificar estes privilégios e a mostrar concretamente os efeitos da dominação masculina. A política atual, que, em nossa sociedade, visa a diminuir as “desigualdades”, não deve nos deixar esquecer que elas perduram, sob pena de tomarmos nossos sonhos por realidade e não compreendermos mais nada (WELZER-LANG, 2001, p.461).

A Fig.30 nos permite um caminhar reflexivo. Sugere como a mulher é percebida por alguns adolescentes. Numa posição submissa, devendo estar de quatro, quase sem roupas, para servir como objeto de prazer ao homem, macho, poderoso e viril. Nessa posição não sugere um ato sexual para fins de procriação mas sim de prazer sexual e/ou abusivo. Não há uma relação de igualdade e sim de inferioridade e submissão (SEGATO, 2012). Daí identificarmos que “da análise crítica da opressão das mulheres, nasceram as lutas contra o sexismo, o patriarcado e o viriarcado” (WELZER- LANG, 2001, p.462).

O homem deve cumprir essa função de mantenedor do patriarcado, do viriarcado, cisheteronormativo (CHAUÍ, 2001; SEGATO, 2012; DELPHY, 2009). Os estudos de Albuquerque Júnior (2013) sobre a construção do falo e do homem nordestino nos relatam que “o nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se

encontrava” antes de 1924 (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p.150). Esse modelo se arrasta pelo Brasil num contínuo processo discursivo que impõe essa masculinidade cisheteronormativa, patriarcal, hegemônica e pulsante como a única e imperativa que deve ser aceita.

A literatura regional e nacional corrobora na ilustração e identidade constitutiva do homem sertanejo e rude. No final do século XIX, calcada nos moldes científicos naturalistas e ou românticos, destacam-se *Aves de arribação*, de Antonio Sales, o qual retrata os “retirante das secas e do sertanejo; *O cabeleira* de Franklin Távora, o primeiro romance a tornar o cangaceiro um personagem de literatura; *Luzia Homem* de Domingos Olímpio, que participa da elaboração da figura da ‘mulher macho’ sertaneja [...]”. Também destaca-se ainda *O sertanejo*, de José de Alencar, detalhes de cunho “determinista e racial” e *Os sertões* de Euclides da Cunha, ilustra traços psicológicos e físicos do sertanejo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.157).

Os estereótipos de masculinidade, de homem do campo pululam e povoam todo o território nacional brasileiro, inclusive no interior do estado de São Paulo, no Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e pelo país a dentro. Nas imagens a seguir percebemos elementos da masculinidade, rude, viril pulsante nos grafitos observados.

**FIGURA 31** – Desenho - (heteronormatividade: cowboy)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Fig. 31 sugere a representação de como são vistos e percebidos os corpos masculinos em relação aos comportamentos, um exemplo do que é esperado para o masculino. Muitos dos adolescentes dessa escola vivem em áreas rurais, lidam com animais bovinos e equinos. Daí as vestimentas, botas de couro bico fino, que compõem o traje típico dos *cowboys* no Brasil, assim como cinturões com fivelas grandes, uso de bonés e chapéus para compor o estilo de peão ou vaqueiro, sertanejo, rústico, macho, viril, “bruto e sistemático”. Muitos dos adolescentes e seus pais lidam com gado, como sugere a Fig.32.

**FIGURA 32** – Desenho - (animais bovinos)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na Fig.32 observamos que ambos os bois apresentam pênis eretos, visível e saliente. Os cupins avantajados demonstrando certa maturidade, robustez, assim como devem ser os machos, sejam homens ou animais.

Albuquerque Júnior (2013, p. 228) nos apresenta um universo da masculinidade e virilidade e exemplifica que o macho “[...] torna o sexo um lugar de verdade do indivíduo. Daquele sexo feito sem culpa, atrás dos canaviais, daquelas cenas de ‘despudor’ do mundo rural, onde os bichos convidam à prática desse sexo ‘acanalhado, anônimo e animal’ [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 228). Os animais servem como exemplificações da sexualidade, doravante “[...] passamos para uma sociedade onde se tem maiores oportunidades de variar nos papéis sexuais, mas onde todas as práticas devem ser vigiadas, descritas, analisadas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 228). Esse universo rural contribui no processo de formação da masculinidade dos envolvidos.

**FIGURA 33-** Desenho - (heteronormatividade: cowboy/domador)

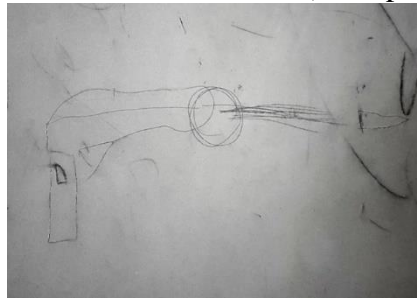
Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

O homem para mostrar que é macho, deve gostar de esportes, atividades de ação, força, animais brutos, bovinos, equinos, coisas do universo masculino, atributos de homens, agilidade, destreza para dominar as feras e a natureza. O *cowboy*, homem do campo, domina, laça, monta, amansa, castra, é capaz de derrubar um boi, mesmo este sendo muito maior que ele, pois um bovino pesa aproximadamente duas ou três vezes mais que um homem.

Na Fig.33 o sujeito usa chapéu, botas e domina o animal com apenas uma das mãos. Tamanha sua habilidade, coragem e destreza. Ele esboça um largo sorriso. O bovino com dois chifres para defesa é vencido, encontra-se boquiaberto, exausto, entregue a vontade do homem; as patas trazeiras estão voltadas para o alto e as duas dianteiras no solo. O animal está dominado. O homem domina a natureza, a mulher é associada a natureza, o domínio masculino se impõe a elas.

Destacamos que a bagagem cultural, moral e social exposta nos grafitos são ensinadas por agentes, fora dos muros escolares conforme cita Vilela e Ribeiro (2014). Louro (1997) entende que a família constitui a primeira instância para a educação sexual informal, transmitem seus valores, preconceitos e silenciam determinados assuntos como a sexualidade.

**FIGURA 34** – Desenho - (arma/pênis)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A imagem da Fig. 34 encontrada no tampo de uma carteira, sugere a princípio se tratar de uma arma de fogo. É possível identificarmos que há um projétil em lançamento, no sentido esquerda direita para quem olha. Conforme sugere o conjunto de linhas que o antecede. As linhas são traços finos, trata-se de algo espontâneo.

Nos chama a atenção a possível proximidade da imagem da arma como um símbolo de poder, um símbolo do desejo fálico, aliás “a representação fálica era bastante familiar no cotidiano do mundo romano, egípcio, grego e etrusco antigo. Imagens de falo podiam ser encontradas em muros, joias, sinos, lamparinas, máscaras, paredes e tigelas, simbolizando a fertilidade [...]” (COSTA, BONFIM, 2014, p.230). Essas autoras referem-se ao pênis.

Para Lacan (1966) “[...] o falo é aqui esclarecido por sua função. [...] E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência do simulacro que ele era para os antigos” (LACAN, 1966, p.690-691).

O falo parece ser compreendido como uma espécie de “desejo latente” daquilo que o outro possui, no caso o falo interpretado como “desejo pelo poder” daqueles que o possuem,



por terem nascido com esse cajado peniano e todo o poder que este nos possa proporcionar. O fato de ter nascido com pênis é uma espécie de garantia que o homem possa dominar.

Nesse processo de criação da masculinidade do homem brasileiro Albuquerque Júnior (2013) enfatiza que: “[...] o homem nordestino [...] é macho, é pensado no masculino, não há lugar para o feminino nesta figura. No Nordeste, até as mulheres seriam masculinas [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.153), sendo a masculinidade uma construção discursiva que coloca a falo como centro. Assim percebemos que questões de gênero, de identidade sexual atravessam nossa sociedade, sendo fundantes na constituição dos seres humanos. Somos forçados a confessar nossas preferências sexuais e estamos sendo constantemente vigiados(as), inclusive em ambientes escolares.

Na Fig. 34 as imagens circulares na ponta do cano da arma, nos sugere a glândula peniana e as linhas o esperma expelido.

Pelo viés psicanalítico percebemos que “[...] os antigos viam no falo um objeto poderoso, perpetuador da vida de todas as espécies do planeta e neutralizador das coisas ruins. Também era possível encontrar na antiguidade o culto ao falo, manifesto em procissões religiosas (falofórias) em que se levavam uma ou várias imagens fálicas” (BRANDÃO, 1991 apud COSTA, BONFIM, 2014, p.230). O pênis era visto como sinal de fertilidade e de proteção.

Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante (LACAN, 1966 p.691).

Negar o pênis e a significância de veneração representada por esse objeto fálico, implicaria ameaça a virilidade. “Sua articulação com o desejo, com a sexualidade, está aí demarcada e Freud não desprezou o valor que ele tinha no mundo antigo, muito possivelmente porque em sua clínica tenha encontrado eco de sua importância” (COSTA, BONFIM, 2014, p.231). Portanto, aqui podemos perceber indícios da justificativa ao preconceito gerado as mulheres transexuais que desejam ou concretizam cirurgias de redesignação sexual, colocam em xeque a virilidade do segmento da masculinidade cisheteronormativa patriarcal.

“Freud utiliza mais o termo ‘pênis’ do que ‘falo’, servindo-se com frequência maior de sua forma adjetiva (fálico/a)”, ao mesmo tempo que sustenta que “o que está presente, portanto,

não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (1923b, p.158 apud COSTA, BONFIM, 2014, p.231). Porém, na perspectiva lacaniana é possível aferir que:

Lacan (1999 [1957-58]) afirma que o falo, na antiguidade grega, não era idêntico ao órgão, seja em termos de acessório do corpo, prolongamento ou em seu estado de funcionamento — sendo seu uso mais predominante no sentido de simulacro, uma insígnia. Segundo este autor, isto nos coloca na pista do falo em seu papel preponderante como representante do desejo (COSTA, BONFIM, 2014, p.230).

Percebemos que “o que é sustentado como elemento organizador da sexualidade não é o órgão genital masculino, mas a representação psíquica imaginária e simbólica construída a partir desta região corporal do homem” (COSTA, BONFIM, 2014, p.231).

Como já dito,

[...] o falo é o significante privilegiado dessa marca, onde a parte do logos se conjuga com o advento do desejo. Pode-se dizer que esse significante foi escolhido como o mais saliente do que se pode captar no real da copulação sexual, e também como o que é mais simbólico no sentido literal (tipográfico) desse termo, já que ele equivale aí à cópula (lógica). Também podemos dizer que, por sua turgidez, ele é a imagem do fluxo vital na medida em que ele se transmite na geração (LACAN, 1966 p.699).

Isso nos direciona a acreditar que o falo é um desejo primitivo que segue e perdura na raça humana ao longo de sua evolução e ao longo de nossas vidas.

Um tema importante observado em nossa pesquisa foi a valorização do órgão sexual masculino, seja por meio do desenho do pênis como uma arma ou pela quantidade considerável do órgão isolado, se comparado ao órgão sexual feminino. Como vemos nas Fig.35, Fig. 36 e Fig. 37 encontramos elementos associados a simbologia peniana e fálica.

O pênis, na maioria das vezes é representado ereto nos grafitos, como sugerem as Fig. 35 e Fig. 36. Estes dados evidenciam o significado do pênis para os jovens: a afirmação de poder, masculinidade e virilidade, quesitos estes, impostos por uma sociedade cisheteronormativa, patriarcal, que não espera do “macho” outras características, conforme Vilela (2017) nos aponta.

**FIGURA 35** – Desenho - (pênis)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A imagem da Fig. 35 encontrada em um muro escolar externo, apresenta linhas curvas demarcando as duas circunferências que representam os dois testículos (saco escrotal), assim como as linhas do corpo do pênis e da glande peniana. Algo semelhante ocorre na Fig. 36.

**FIGURA 36** – Desenho - (pênis)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na Fig. 36 também encontrada em um muro da escolar. A representação de um pênis ereto. As linhas são traçadas com agilidade e pressa, talvez por medo do(a) autor(a) ser descoberto(a). Embora de modo ágil é possível identificarmos elementos essenciais de um pênis como os dois testículos, corpo e glande peniana.

A temática sexualidade está latente nos adolescentes e manifesta-se diariamente por meio dos grafitos representados. Fernando Seffner (2014) em seu artigo, aborda a temática da sexualidade latente no ambiente escolar, uma vez que “não há como deixar de perceber a enorme polêmica sobre inserir ou não estes temas nas grades curriculares, que conta com o envolvimento de padres, pastores, médicos, cientistas, advogados, psicólogos, juízes da infância e adolescência, pais e mães, policiais, comunicadores” (SEFFNER, 2014, p.68) e as opiniões se divergem. Grafitos são produzidos constinuantemente no ambiente escolar e expressam interesses, anseios e dúvidas dos(as) adolescentes.

A Fig. 37 encontrada em um tampo de carteira. Na imagem há um pênis semi-flácido, um dos raros exemplos.

**FIGURA 37** – Desenho - (pênis)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A grande maioria dos grafitos contendo pênis, estão em estado ereto ou em práticas sexuais. Identificamos nessa figura dobras de pele em torno da glândula peniana e pelos pubianos.

Grossi (2004) ao abordar a questão do processo de construção da masculinidade atrelada aos atos de iniciação masculina nos relata que “o corpo é, portanto, o suporte no qual são produzidas as diferenças simbólicas de gênero. Pierre Clastres mostrou em seu livro ‘*A Sociedade Contra o Estado*’ que a violência corporal nos rituais de iniciação tem o poder de igualar todos os membros da sociedade” (GROSSI, 2004, p.7).

No caso dos meninos, os rituais mostram que é necessário marcar no corpo a masculinidade, marca que se faz geralmente com muito sofrimento. Por exemplo, nas culturas islâmica e judaica, existe a circuncisão, que é um corte no pênis, uma forma de imprimir no órgão sexual masculino a marca da cultura. Alguns autores, como Françoise Héritier, dizem que a circuncisão significa, para algumas culturas africanas, tirar a marca do feminino no corpo do menino, pois para estes grupos aquele pedacinho que se tira do pênis é o resto de feminino no corpo do homem. [...] (GROSSI, 2004, p.7-8).

Pensando no apresentado acima observamos em culturas africanas uma anulação das marcas da feminilidade impressas no corpo masculino. Essa forma de pensar se estende a algumas tribos indígenas sul americanas, deixando as mulheres de fora desse processo de iniciação, sob pena de agressões em caso de descumprimento (GROSSI, 2004, p.7). Os grafitos que ilustram pênis foram a maioria, órgão sexual femininos foram menos encontrados.

Os grafitos que estavam limitados aos reservatórios latrinalis agora parecem tomar dimensões variadas, circulam com os(as) adolescentes. As marcas gráficas são deixadas por eles(as) e o anonimato dos(as) autores(as) permanecem preservados(as).

O binarismo é um elemento cultural forte em nosso meio, e ele ajuda a explicar a importância e o modo como lidamos com a sexualidade. Definidos alguns polos binários (homem e mulher, ativo e passivo, heterossexual e homossexual, branco e negro, rico e pobre, jovem e velho, ocidental e oriental), de imediato valorizamos um dos polos, em detrimento do outro, que é visto como inferior ou uma versão degradada do primeiro (SEFFNER, 2014, p. 69).

Se pensarmos nos padrões sociais da heteronormatividade, tanto o homem quanto a mulher são prejudicados(as), por ser cobrado dos rapazes o perfil de “machão”, caso contrário, poderá ser julgado como *gay*. Para as mulheres, esse padrão heteronormativo impõe uma carga de estereótipos (maternal, frágil, pura) e aquelas que fogem ao padrão são julgadas, como puta, conforme Vilela (2017) nos chama a atenção.

Para quem está no campo da heterossexualidade, não recaem tantas indagações como para quem está no campo da homossexualidade, ou da bissexualidade, ou da travestilidade. Mais ainda, ao se falar de um indivíduo que está classificado numa das sexualidades não hegemônicas, haverá a tendência de insistir e prolongar o processo de confissão, no sentido de obter elementos para decifrá-lo, classificando-o progressivamente com mais rigor na medida em que ele vai confessando sua “verdade”. A confissão como modelo de obter a “verdade” acerca de um indivíduo é uma forma presente no confessional religioso, na consulta médica, no atendimento terapêutico, na pesquisa acadêmica, na orientação educacional, etc. Daí deriva outra constatação foucaultiana importante: conhecemos para poder controlar (SEFFNER, 2014, p. 70).

Segundo Foucault em princípios do século XVII as práticas sexuais “não procuravam segredos” havia um “discurso sem vergonha”, frouxo,” “transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incomodo e escândalo, entre risos dos adultos: os corpos ‘pavoneavam’” (FOUCAULT, 2018, p.7).

Se compararmos com o século XIX, muito mudou, a burguesia vitoriana passa a cuidar dessas distinções e cuidadosamente encerra a sexualidade. “Muda-se para dentro de casa. A família conjugal confisca. E absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legitimo e procriador, dita a lei impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade [...]” (FOUCAULT, 2018, p.7). Não queremos que nossas

crianças sejam expostas a pornografia, tão pouco a exposição de predadores sexuais, porém sabemos que há uma exposição exacerbada de elementos sexuais que despertam a curiosidade e a sexualidade de qualquer um(a) em diferentes idades, os meios de comunicação são exemplos nítidos.

No período vitoriano o “quarto dos pais” era o único lugar reconhecido da sexualidade e para fins de procriação (FOUCAULT, 2018, p.8). “As crianças, por exemplo, sabem-se muito bem que não tem sexo: boa razão para interditá-las, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venha a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado” (FOUCAULT, 2018, p.8).

“Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, se não nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro” (FOUCAULT, 2018. p.8). Estamos no século XXI e percebemos que se arrastam elementos e comportamentos do século XIX. A sexualidade desviante deve ser mantida as margens em guetos.

**FIGURA 38-** Desenho - (cisheterossexualidade: ato sexual)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Fig. 38 representa um ato de relação heterossexual. Foi encontrada em um dos muros na lateral da escola. A imagem foi encravada com um tipo de objeto pontiagudo, provavelmente a ponta cega de um compasso, um prego ou algo do tipo.

A cisheteronormatividade, também pode ser notada nas representações das práticas sexuais, a maioria dos grafitos desta categoria ilustra o ato sexual entre um homem e uma mulher. O prazer, dito normal, é esboçado pelos adolescentes como sendo o heterossexual e o ato sexual, entre pessoas do mesmo sexo, é menosprezado.

A ação pedagógica escolar, em termos de gênero e sexualidade, decididamente tem que abandonar o ar de “catecismo” que em geral tem, dando margem a “sermões”,

“condenações morais”, “denúncias de abusos”, e tomar o caminho do diálogo, reconhecendo inclusive que, se o aluno pensa assim, é também porque em nossa sociedade existem milhares de dispositivos pedagógicos, na mídia, na cultura popular, na música, que lhe mostram essas atitudes como boas alternativas de vida (SEFFNER, 2011, p.568)

Segundo Michel Foucault “a partir do século XVII” o sexo deixa de ser tido como “[...] um tabu, mas algo de que somos intensamente estimulados a falar e que utilizamos o tempo todo para classificar (e julgar) as pessoas que conhecemos (e mesmo aquelas que pouco conhecemos)” (FOUCAULT, 1980 apud SEFFNER, 2014, p.69). Fator perigoso pois nos obrigada a confessarmos nossas preferências sexuais, como um tipo de criação de provas que poderá ser usada contra nós, ou seja, contra todos(as) aqueles que confessarem não estar em conformidade com as normas cisheteronormativas e cristã.

Existem, historicamente, dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo. Vimos o da nossa civilização: a “*scientia sexualis*”, a verdade do sexo, uma forma de poder saber, ligada a confissão. Mas sociedades numerosas, como a China, o Japão, a Índia, Roma, as nações árabes e muçulmanas, se dotaram de uma “*ars erótica*” (FOUCAULT, 1990). Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência (SEFFNER, 2014, p.73).

Enfim, “fazer sexo é bom porque dá prazer, e não porque gera filhos ou mantém a saúde” (SEFFNER, 2014, p.73). Nesse sentido, associa-se o desejo sexual ao paradigma heterossexual:

[...] o surgimento do *scientia sexualis*, a definição dos indivíduos não mais através de um dado fisiológico (o aparelho genital), mas através de uma categoria psicológica que é o desejo sexual, contribuiu para impor nos homens um quadro heterossexual apresentado, ele também como uma forma natural de sexualidade. Assimilando a sexualidade, e seu bloco de jogos, de desejos, de prazeres da reprodução humana, o paradigma heterossexual se impôs como linha de conduta para os homens (WELZER-LANG, 2001, p.467).

O mesmo autor ainda coloca que “[...] o heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade. O heterossexismo toma como dado que todo mundo é heterossexual, salvo opinião em contrário” (WELZER-LANG, 2001, p.467-468).

Connell (1995), no entanto, abre um leque discursivo um tanto diferenciado ao relatar que “é possível que estejamos testemunhando agora, como resultado dessa interação global, a criação de novas formas de masculinidade hegemônica” (CONNELL, 1995, p. 193). Uma vez que sabemos que “as condições para a hegemonia estão mudando, com o crescimento do feminismo mundial, a estabilização de novas formas de sexualidade e a criação de uma economia global” (CONNELL, 1995, p.193).

Connell ainda afirma que

[...] não existe razão alguma para suspeitar que o predomínio desse tipo de masculinidade possa significar qualquer coisa de bom para as mulheres. Uma das notáveis instituições da nova ordem mundial é o turismo sexual internacional - mais claramente, a prostituição das mulheres da periferia para satisfazer os homens dos países industrializados. Uma das consequências é uma crise emergente de HIV nos centros do turismo sexual (como na Tailândia, por exemplo, um pequeno país que é agora considerado como um dos epicentros da próxima onda de pandemia da AIDS). (CONNELL, 1995, p.193).

De acordo do Fernandes (2020), a Tailândia apresenta turismo sexual extremamente abusivo e explorador. Há mulheres, transexuais, homossexuais abordando e disputando turistas de diferentes nacionalidades oferecendo serviços de massagens e sexo, em busca por dinheiro; são comuns golpes diversos, incluindo clonagem de cartões de crédito.

Grossi (2004, p.29) nos diz ainda que “se pegamos o exemplo dos ‘homens hegemônicos’, estes que estão no topo, no alto da escala de sucesso social, observamos que eles são extremamente competentes profissionalmente, mas muitos deles continuam sendo machistas [...]” isso é visto em decorrência da “[...] própria forma que percebem as mulheres como um objeto de exposição que os auxilia na imagem de poder” (GROSSI, 2004, p. 29).

Em relação as políticas da masculinidade nos Estados Unidos “[...] têm surgido quatro tipos diferentes de masculinidade. Todas elas têm sua base estrutural nas relações de gênero” (CONNELL, 1995, p.194): 1- a Terapia da masculinidade, ou “movimento dos homens” voltada para questões emocionais “um movimento de ‘recuperação’ psicológica, dirigido ao desconforto sentido pelos homens heterossexuais e às suas incertezas sobre gênero” (CONNELL, 1995, p.194). “Os clientes dos terapeutas da masculinidade são, em grande parte, brancos, classe média e, frequentemente, de meia-idade. Eles sentem que estão numa situação problemática e que são injustamente acusados como culpados pelas feministas” (CONNELL, 1995, p.194).



Todos eles dizem que é a vez dos homens ganharem a atenção que o feminismo conseguiu para os problemas das mulheres. Alguns gurus acham que o problema básico é o fracasso por parte dos pais (homens) em iniciar seus filhos na verdadeira masculinidade; outros pensam que o fracasso é das mulheres (CONNELL, 1995, p.194).

A finalidade e “[...] efeito prático da terapia da masculinidade é fazer com que os homens se voltem para dentro de seus próprios problemas e deixem de colocar energia na mudança social” (CONNELL, 1995, p.194). Através dessa terapia há uma oferta de “[...] absolvição da culpa que o feminismo ainda suscita entre os homens e um tipo de ‘esfera separada’, na qual os homens podem perseguir seu próprio projeto de redescoberta” (CONNELL, 1995, p.194).

No entanto, nós sabemos que “os próprios empresários globalizados continuam com a ilusão, e a publicidade é poderosíssima neste sentido, de que eles vão continuar tendo uma mulher em casa, uma família, um lar que não deixa de ser construído nos mesmos modelos que a gente chamaria no Brasil de modelos tradicionais” (GROSSI, 2004, p.29), em outras palavras não há previsão de mudanças significativas.

A segunda política é o lobby das armas “[...] a política que exalta o poder dos homens e segue, de forma explícita, uma pauta política antifeminista” (CONNELL, 1995, p.195). “Considerando os altíssimos índices de violência doméstica que assolam o Brasil, a possibilidade de que cada vez mais cidadãos tenham uma arma de fogo dentro de casa tende a vulnerabilizar ainda mais a vida de mulheres em situação de violência” (IPEA, FBSP, 2019, p. 42).

Os esportes televisionados, os filmes de "ação" de Hollywood, os desenhos animados e os quadrinhos dos super-heróis, os romances de aeroporto, os jogos violentos de videogame, os conjuntos de brinquedos plásticos infantis, tudo isso insiste de forma incessante na superioridade corporal dos homens e no seu domínio da tecnologia e da violência (CONNELL, 1995, p.195).

Mas não se limita aí, “existe uma agenda da masculinidade do lobby das armas também no culto do empreendedor capitalista implacável [...]” (CONNELL, 1995, p.195). Segundo o Atlas da Violência de 2019, referente a crimes contra mulheres houve “[...] crescimento mais

acentuado nos últimos dez anos [...] na taxa homicídios dentro das residências, com o uso da arma de fogo, que cresceu 29,8% (IPEA, FBSP, 2019, p.40).

A terceira refere-se a liberação gay, referindo-se aos movimentos gays surgidos na década de 70, onde os gays eram fortemente apontados e estereotipados, sofrendo preconceitos, com esses novos movimentos passaram a se organizar. “A política dos homens gays tem sido reorganizada em torno da AIDS. Ao construir essa resposta, as comunidades gays têm dado uma impressionante demonstração da capacidade de afeto, de solidariedade emocional e de ação coletiva dos homens face à crise e à violência” (CONNELL, 1995, p.195). Embora saibamos que se trate de um movimento criativo e de relevância crítica cultural contrário a masculinidade hegemônica. “Resta ver se ele terá a capacidade de construir respostas duradouras à violência homofóbica, ao HIV e à AIDS e à nova direita cristã” (CONNELL, 1995, p.195-196).

O quarto movimento político denominado Política de saída ou política transformativa. “Ela busca sair das estruturas patriarcais atuais (daí o termo ‘movimento anti-sexista dos homens’), mas ela também tenta transformar as formas existentes de masculinidade. Ela partilha muitos objetivos com a política gay” (CONNELL, 1995, p.196), buscando escapar da identidade de gênero (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013). Suas arenas são públicas e privadas “[...] incluindo uma revolução de gênero em certas casas, nas quais os homens participam de uma divisão igualitária no cuidado das crianças e no trabalho na cozinha, e até na Igreja, e as mulheres assumem um papel igualitário [...]” (CONNELL, 1995, p.196) em relação as decisões e recursos. “[...] Também é resultado de pesquisa bastante difundido o fato de que certas masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras” (CONNEL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 262).

Em relação aos interesses dos homens “todas as formas de política da masculinidade envolvem uma relação com o feminismo. Quer essa seja uma relação de rejeição, ou de coexistência cautelosa ou ainda de apoio caloroso, esse é o centro emocional dos debates atuais” (CONNELL, 1995, p.196).

“Nos países capitalistas ricos, a renda média dos homens é aproximadamente o dobro da renda média das mulheres. O acesso político dos homens é dez vezes maior que o das mulheres [...]” (CONNELL, 1995, p.197), “os homens controlam os meios de violência, na forma de armas e de forças armadas” (CONNELL, 1995, p.197). Nas malhas da masculinidade hegemônica empresarial as mulheres não tem grande abertura. “A nova indústria internacional do vestuário e as linhas de montagem de microprocessadores, por exemplo, são arenas de um sexismo extremo. A violência contra as mulheres não tem, comprovadamente, diminuído”

(CONNELL, 1995, p.197). Para mais informações consultar o Atlas da violência 2019 (IPEA, FBSP, 2019). “Apenas em 2017, mais de 221 mil mulheres procuraram delegacias de polícia para registrar episódios de agressão (lesão corporal dolosa) em decorrência de violência doméstica [...]” (IPEA, FBSP, 2019, p. 42), esses números podem estar subestimados pois muitas vítimas têm medo ou vergonha de denunciar o agressor.

Nos meios midiáticos “[...] se pode observar nos principais ídolos do esporte brasileiro, sempre acasalados com ‘modelos’, mulheres que correspondem totalmente ao modelo ideal de feminilidade contemporâneo” (GROSSI, 2004, p.29), numa relação de poder, a mulher é patrimônio do masculino.

Os homens que tentam desenvolver uma política em apoio do feminismo, sejam eles gays ou heterossexuais, não têm uma tarefa fácil. É provável que sejam ridicularizados por muitos outros homens e por algumas mulheres - é quase um chavão jornalístico que as mulheres desprezam os Homens Sensíveis da Nova Era (CONNELL, 1995, p.198).

“Não penso que os homens que buscam reformas progressistas da masculinidade podem esperar se sentir confortáveis, enquanto vivermos num mundo marcado por violência e desigualdade vinculadas ao gênero” (CONNELL, 1995, p.198). Nesse processo de constituição da identidade masculina inclui-se a “dominação masculina” e a “subordinação feminina” inevitavelmente (GROSSI, 2004, p.29).

[...] No Brasil: homens honrados, homens sensíveis, novos pais, homens desempregados, etc. Algumas destas “novas” masculinidades se afastam do modelo tradicional de força que definia o homem. Nestes novos modelos seria valorizada a inteligência, a sensibilidade e a capacidade de lidar com novas tecnologias (GROSSI, 2004, p.29).

Connell (1995) nos chama a atenção para “uma nova política do gênero para os homens significa novos estilos de pensamento, incluindo uma disposição a não ter certezas e uma abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-la” (CONNELL, 1995, p.205). Em outras palavras muito há que ser feito, um logo caminho a ser percorrido entre a constituição do masculino e do feminino e sendo assim “no dia em que fotografias com homens carregando armas se tornarem raras e fotografias com homens empurrando carrinhos de bebê se tornarem

comuns, aí saberemos que estamos realmente chegando a algum lugar” (CONNELL, 1995, p.205).

## 2.1– PEDAGOGIA CULTURAL DA MASCULINIDADE E MASCULINIDADE TÓXICA

Refletirmos por meio de expressões em grafitos escolares elementos da “pedagogia cultural da masculinidade” (LIMA; COUTO, 2018) e da masculinidade tóxica hegemônica, uma vez que encontramos recorrências de grafitos. Acreditamos haver indícios de que ela pode ser uma chave de leitura interessante para pesquisas acadêmicas, trabalhos futuros em escolas e na formação de professores(as). A masculinidade tóxica pressiona homens a se constituírem em determinados padrões socioculturais cisheteronormativos.

No processo educacional incluem-se a transmissão de normas socioculturais arraigadas, entre as quais ser macho, se reproduzem no convívio social. Esse processo inclui o modo de viver a masculinidade. Parece ter surgido e instalado um tipo de “pedagogia cultural da masculinidade” conforme nos sugere Lima e Couto (2018, p. 125).

**FIGURA 39** – Desenho - (heteronormatividade: masculinidade)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Nas Fig. 39 e Fig. 40 e Fig. 41 é possível identificarmos traços da pedagogia cultural da masculinidade, uma vez que as normas sociais, ditam padrões de beleza masculina e de saúde, ou seja, a prática de determinadas atividades físicas. Os homens e mulheres podem fazer uso de atividades físicas, afinal os benefícios são inquestionáveis. O que questionamos e chamamos a atenção refere-se ao discurso de dominação que “habita corpos” e que “os corpos, na verdade, carregam discursos como parte de seu próprio sangue” conforme citou Judith Butler (BUTLER *in* PRINS; MEIJER, 2002, p. 163, apud LOURO, 2018, p.73).

De acordo com Lima e Couto (2018), na década de 70 do século XX surge a “pedagogia cultural da masculinidade” ou o culto ao corpo.

Neste período, os gays, especialmente americanos, elaboraram uma pedagogia cultural de masculinidade ancorada em uma imagem esportiva, superviril e machista que fugisse das imagens e estereótipos do gay afeminado ou bichas. Uma estratégia para afirmar esse modelo foi esculpir o corpo em academias. A promoção do músculo foi uma maneira de enfrentar e resistir à violência homofóbica da época e também, pouco mais tarde, de mostrar que o corpo, forte e musculoso, mais belo e desejável, não estava infectado com o HIV-AIDS. O slogan repetido em toda parte era que músculo é saúde (LIMA, COUTO, 2018, p.125).

O *slogan* reverbera. No entanto no que refere-se a HIV-AIDS, “[...] hoje, no entanto, com a mudança dos padrões epidemiológicos da doença, são os homens hétero e bissexuais os mais atingidos e também aqueles que têm demonstrado maior resistência às campanhas de prevenção” (GROSSI, 2004, p.9).

Homens e mulheres devem seguir os padrões corporais esperados para um corpo de homem e para um corpo de mulher, incluindo seus desejos em direção ao sexo oposto deve ser canalizado e não desviado dessa linha naturalizada.

A “[...] cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero [...]” (LOURO, 2018, p.69-70) resquícios da linha de pensamento lombrosiana (RAGO, 2011).

No entanto, uma ressalva se enquadra aqui, o estereótipo de que para ser homem e macho, tem que ser forte, viril, ágil, gostar de futebol, praticar esportes, inclusive os considerados radicais caso contrário o adolescente será visto como delicado, frágil e *gay*. E ser homossexual é não estar em conformidade com a norma dominante natural. Fragilidade e delicadeza, são atributos pertinentes ao campo das mulheres e não do masculino. Muitos jovens inteligentes, aplicados e que evitam atividades físicas e valorizam áreas acadêmicas são considerados *nerds* e também podem ser vítimas de retaliações e *bullying* (AUAD, 2012; LOURO, 1997; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013).

**FIGURA 40** – Desenho - (heteronormatividade: músculos)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na atualidade beleza corporal masculina é valorizada, alguns com excesso. Os homens que se cuidam em demasia são os metrossexuais, não obrigatoriamente são gays. Há homossexuais conhecidos como *barbies* conforme citam Lima e Couto (2018).

Essa tendência de homogeneização das homossexualidades e dos corpos resultou no aparecimento dos chamados gays à americana, conhecidos no Brasil como as *barbies*. Exemplo dessa masculinidade viril é percebido no grupo Village People, os *macho men*, que utilizavam, em suas apresentações, fantasias que expressavam símbolos e tipos de virilidade: policial, índio, cowboy, soldado, bombeiro, encanador, pedreiro, lenhador, jogador de futebol, motociclista, etc. (LIMA, COUTO, 2018, p.125).

Este modelo de homem, macho e viril, Fig. 39. Fig. 40 e Fig. 41 foge aos estereótipos de feminilidade tendem a serem praticados e estimulados, aproximam-se aos padrões cisheteronormativos. Tornamo-nos homem, o gênero nos impõe (LOURO, 2008). Os tipos exóticos que diferem a tais normas tendem a ser abolidos.

**FIGURA 41-** Desenho - (heteronormatividade)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

No universo LGBTQIAP+ há situações discursivas em que homossexuais buscam e assemelham-se fisicamente aos padrões cisheteronormativos declaram em salas de bate-papo e

em aplicativos para relacionamentos homoafetivos (*hornet, grinder, scruff*, etc) que não tem nada contra os(as) afeminados(as), mas se autodeclaram não serem e nem curtirem gays afeminados(as), isso indicia preconceito declarado dentro da própria comunidade.

Ninguém é obrigado(a) a formar parcerias, nem gostar de outrem afeminado(a) ou não. As preferências sexuais são livres, porém cabe o respeito as identidades sexuais distintas.

Além disso, há aqueles grandes-homens que apresentam estruturação funcional masculina, por meio do processo de dominação, não apenas do homem sobre a mulher, mas de um homem sobre os outros semelhantes. Os meios dessa grandiosidade estão fortemente relacionados ao dinheiro, a honra, o “status de poder”, sendo que todos que possuem virilidade tem ou podem ter poder sobre mulheres e sobre outros homens, ocorrendo a “hierarquia masculina” (WELZER- LANG, 2001, p.466). Atrelado a isso encontramos fatores que perpassam e arrastam-se ao longo da história, da colonização, do patriarcado e do machismo hegemônico (CHAUÍ, 2001; SEGATO, 2012; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013).

Vivenciar a masculinidade, segundo Connell e Messerschmidt (2013) é como um modo de direção e controle, mesmo que não consciente, está associada a (re)produção, ao provimento de práticas que se associam à sexualidade viril e descontrolada, sentimentos de uso rígido da força e demonstração de insensibilidade. Mas, a masculinidade na concepção de Connell e Messerschmidt (2013) é variável. Dentre os modelos de masculinidade encontra-se atreladas ações tóxicas. Ela é proposta por meio de um enquadramento normativo cultural de se vivenciar a masculinidade, incitada pelo patriarcado, machismo e a misoginia que impõem um modelo único de ser e estar homem cis.

Há que se ressaltar preocupações para propor rupturas no contexto da formação de masculinidades tóxicas, conceituada por ser o ideal cultural da masculinidade, é repressiva, apresenta status de agressão, brutalidade, força, hipersexo e vulnerabilidades emocionais devem ser evitadas, “[...] a supressão de sentimentos, encorajamento da violência, falta de incentivo em procurar ajuda, até coisas ainda mais graves, como perpetuação encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo” (CONFORT, 2017, p.1), fazem parte do repertório da masculinidade tóxica.

Os movimentos sociais no âmbito dos estudos de gênero lançam um olhar crítico sobre sofrimentos na criação e educação dos meninos e seus pares, cujos desdobramentos resultantes da masculinidade tóxica se arrastam, ao longo da vida e, vitimizam muitos(as) devido a condução e transmissão dessas normas socioculturais (WELZER-LANG, 2001).

De acordo com Swain (2009), as verdades historicamente produzidas como realidade universal/natural, inquestionáveis, pautadas no “sempre foi assim”, podem e ocultam falsas

evidências e devem ser colocadas em questionamentos: “em outros termos, seu caráter de verdade inquestionável firma-se na medida de sua constante asserção, nos discursos que se fazem no cotidiano, na produção e difusão artística e científica” (SWAIN, 2009, p. 123). Referente às questões de gênero e sexualidade, o binarismo homem e mulher cisgêneros, estão incluídos como quesitos obrigatórios na manutenção da sociedade patriarcal, masculina cisheteronormativas hegemônica.

Segundo Preciado (2008) no futuro

a heterossexualidade será tão somente uma estética farmacopornográfica como qualquer outra (ou muitas), que poderá ser imitada, exportada e apreciada, mas que já se apresentaria como modelo falido e decadente em nossas sociedades contemporâneas. Para ela, a heterossexualidade está fadada a desaparecer e em seu lugar haverá uma proliferação de produção de corpos e de prazeres desviantes, outrossim, igualmente submetidos às regulações farmacopornográficas (CAMARGO, RIAL, 2010, p.369).

Diante dessas contingências, o processo educacional aufere discussões e reflexões para aquilatar as mazelas que produz a cisheteronormatividade. A educação pode ser um espaço de problematização das assimetrias/desigualdades produzidas pela cisheteronormatividade. Pode ofertar, com isso, instrumentos para valorizar o respeito as miríades de possibilidade identitária de vivencia da sexualidade que divergem dos padrões binários cisheteronormativos.

Na concepção de Jimena Furlani (2009), os processos educacionais escolares auxiliam na construção da personalidade, no caráter, constituindo cidadãos(ãs) conscientes de seus direitos, deveres, respeitando a vida, a dignidade, a diversidade humana, o próximo em suas subjetividades. Por conta disso, justifica-se que a instituição escolar preocupada com as desigualdades de gênero pode propor um trabalho que desconstrua a manutenção de tais práticas.

Além de advogar a importância das instituições escolares na desconstrução desse modelo, movimentos de mulheres e feministas por meio de suas teóricas desestabilizaram essas estruturas cisheteronormativas que se acreditavam eternizadas na longa duração.

Bourdieu (2017, p. 8), nos faz “lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas, tais como a Família, a Igreja, a Escola [...]” Este autor é contra as forças históricas de des-historização, arrazoando uma orientação mobilizadora visando (re)por em marcha histórica a resistência das mulheres, das minorias e dos direitos igualitários políticos e sociais.



Os processos de constituição da masculinidade tóxica transmitidos pela família, religião, medicina, política perpassam o ambiente escolar e a convivência social. Questionamos: nascemos homens ou nos tornamos homens? Existe uma essência para a disposição dos corpos de homens? As teorias feministas ilustram as divergências entre a masculinidade, feminilidade e as interseccionalidades relativas à produção cisgênera.

Na obra o *Segundo Sexo* ao observarmos a frase: “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p.9), Butler ao refletir sobre Beauvoir faz inferências ao verbo “tornar”, “[...] sob o prisma da ambiguidade. Para Butler, esse verbo aponta também para uma determinação passiva, construída por ‘um sistema personificado de linguagem patriarcal e falocêntrica’, o que requer uma indagação sobre os mecanismos específicos dessa construção” (SANTOS, 2010, p. 120). Pensamos então, será que algo semelhante ocorre no processo de formação e construção da masculinidade? Será que não se nasce homem, torna-se homem? parafraseando Beauvoir (1980). A determinação passiva pode existir para os homens? Acreditamos que a resposta seja afirmativa (LOURO, 2017).

Na masculinidade tóxica pressupõe-se a repetição de atos de poder, força, virilidade, ignorar sentimentalidades, não usar vestimentas na cor rosa, ser “cabra macho”, competidor, intimidador, “rústico, bruto e sistemático”, ser líder, atlético e provedor da família.

No entanto, as expressões exacerbadas de força e potência masculina podem ser expressões de medo, impotência, diante de um universo novo, desconhecido, que foge a zona fálica de conforto (LACAN, 1978), daqueles inseridos nos padrões hegemônicos da cisheteronormatividade e cegos pela masculinidade tóxica cristalizada. Aos homens fica vedado verbalizar, nomear, discutir sobre sentimentalidades, ocultando em profundas camadas medos, angustias, incertezas.

É inegável o processo de dominação hegemônica do masculino sobre as identidades distintas, sobre o feminino, negros(as) e LGBTQIAP+, daí importa discutirmos sobre “masculinidade tóxica” e seus malefícios ao masculino, ao macro, ao micro entorno social e as vidas que valem.

Os conceitos de gênero masculino e feminino, entendidos como produções culturais apenas binárias, carecem ser repensados, refletidos, ampliados. Envolve repensar num viés flexível, valorizando os direitos de igualdade e diferença entre os múltiplos gêneros.

É válido ressaltar que somos influenciados por processos discursivos, cisheteronormativos, políticos, religiosos, embasados no binarismo de gêneros, que prega ser o verdadeiro, inquestionável e único. Aqueles(as) que vivem em discordância, reforçam a degeneração, estão em “pecado”, deverão ser repreendidos(as), inferiorizados(as),

violentados(as) e extintos(as). Porém se houvesse a extinção das variantes contrárias e resistentes a masculinidade hegemônica, como ela se manteria em sua torre de vidro? Fragilizada?

Os homens heterossexuais devem apresentar esforços para provar a sociedade o quanto são machos o tempo todo. Há um medo constante em ter sua masculinidade questionada, confrontada, evitam chorar, o contato físico ou abraçar outros homens, sentem necessidade em falar que são pegadores e aprecia genitália feminina, a virgindade masculina deve ser evitada, o número “24” é motivo de piadas por representar o veado no jogo do bicho, homem com masculinidade frágil evita tocar no próprio anus, com medo de tornar-se homossexual e até descuidam da própria saúde.

Muitas vezes, não nos damos conta de que somos ensinados, a reproduzir preconceitos por meio de nossa própria família, religião, políticas, mídias, grupos sociais e pela escola. Traz preocupações para o ato profissionalizado da escola em se preocupar com o reflexo de demandas sociais que a invadem e por conta de interditos morais, não se colocam na dinamicidade da organização do trabalho pedagógico.

Deve haver valorização de políticas públicas que visem refletir sobre a desconstrução de preconceitos, agregar aos processos de formação de professores(as), para a formação de cidadãos críticos, conscientes de seus direitos, deveres, subjetividades, valorizar o respeito pela vida, dignidade e diversidade humana.

Os grafitos refletem a hipervalorização do masculino reinante. As representações estão relacionadas ao que o senso comum dita como norma social de gênero cis-masculina. Inclui o uso de cigarros, drogas, consumo de bebidas alcoólicas, homens viris sexualmente e apresentam traços de violência, agressividade na maioria das vezes. Há a centralização do pênis (Fig. 42, Fig. 43 e Fig. 44) eretos, com duas bolas grandes, simbolizando os testículos, sugere a importância em se ter bulhões (saco escrotal) e ser reprodutor.

**FIGURA 42 – Desenho - (Pênis)**



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Figura 42, encontrada em uma carteira escolar, traz uma representação masculina, roupas justas, ombros largos, cintura delgada, indiciando práticas de atividades físicas, força, braços fortes, cabelos abastados, topete, olhar direcionado a um pênis grande, grosso, ereto, quase do tamanho da figura masculina. A glândula peniana toca a pedra lapidada, não sabemos se é diamante, vidro ou outro material. A pedra pode simbolizar uma vulva.

Os grafitos simbolizando pênis são constantes, associados a algo valioso, que se almeja manter junto a si. Para Lacan (1978) o falo é um significante, representa algo que o homem possui e teme perder. As mulheres ao descobrirem que não o tem, tornam-se circulantes, no campo do falo ou fora dele. Elas enveredam por caminhos que ultrapassam os limites do universo fálico masculino. O homem busca satisfazer seu desejo, procura prender, subjugar, inferiorizar a mulher e tudo que se assemelha a elas, por meio da dominação.

De acordo com Lacan (1978) o falo não é apenas inveja do pênis masculino pelas mulheres, mas sim o desejo de cada ser humano em possuir aquilo que não se tem, que nos falta, que nos foi negado, negligenciado e que desejamos ter e gozar. O falo ao adentrar o espaço do vazio a ser preenchido, causa-nos satisfação temporária, deixando em nós outros vazios, incompletudes, nos pulsionam a busca por satisfações outras. O falo, portanto é um “[...] significante privilegiado dessa marca onde a parte do *logos* se une ao acontecimento do desejo” (LACAN, 1978, p.269).

Na Fig. 42 o pênis pode representar o desejo pelo poder que os meninos pequenos ou crescidos, almejam manter junto de si. Afinal, para ser pertencente ao clã dos machos deve possuir pênis, preferencialmente grande, duro, itens essenciais para viver em uma sociedade machista, cisheteronormativa hegemônica.

O sujeito quer ser amado pelo que é, aquilo que é vivo do ser encontra seu significante ao receber a marca do falo, dando razão ao desejo, “[...] a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade [...]. É pelo que ela não é que ela quer ser desejada ao mesmo tempo que amada” (LACAN, 1978, p.271). Podemos entender que o significante do falo é o desejo de algo ou alguém que nos escapa, que nos falta, que não está completo e até invejamos.

De acordo com Preciado (2008)

[...] o controle do mecanismo cíclico excitação-frustração-excitação e de sua infinita repetição, que é justamente o motor do farmacopornismo em escala global. Está em cena, então, uma cooperação masturbatória entre corpos insatisfeitos, insaciáveis – que buscam hormônios, cocaína, pênis, vaginas, ânus – e novas formas de produção da repetição do mecanismo na contemporaneidade (CAMARGO, RIAL, 2010, p.370).

Um continuo ciclo em busca pela satisfação fálica do desejo.

O órgão genital masculino, sendo o diferenciador primeiro e externo da masculinidade passou a receber em nossa sociedade a condensação e projeção de órgão simbólico do falo. Discursos contribuem com a manutenção da anatomia humana genital condensando o falo como pênis, porém falo não se resume a anatomia.

O falo é significante da potência em se buscar pelo que lhe falta. O falo pode simbolizar um carro, uma arma, cargo empregatício, a esposa pode ser o falo do marido, o marido o falo da esposa, o bebê pode ser o falo da mãe ou do pai, o(a) parceiro(a) gay pode ser o falo do(a) outro(a), um celular pode ser o falo para alguém. O corpo sarado pode ser um exemplo de falo.

O falo é um elemento central, inclusive para se entender as questões de gênero e sexualidade na sociedade. Temos, portanto, um tipo de sujeito determinado pelo falo (homem) e um sujeito parcialmente determinado pelo falo (mulher). Um busca algo fálico no outro, ou para se manter no poder ou para alcançar esse poder equitativo e igualitário que lhes falta.

Lacan (1978) entende que o desejo é algo velado. As proibições e sansões sociais tendem a produzir controle nos indivíduos, restringem impulsos de vergonha sociogenética, transformando-se em hábitos mesmo em esfera privada. Impulsos, tabus, proibições, negativa do prazer, sentimentos gerados de vergonha e repugnância no interior do indivíduo (ELIAS, 2011, p.181) são comuns, muitas vezes, validados, incentivados por parceiros em grupos de camaradagem ou *brotheragem* de modo tóxico. As expressões de medo, ansios, angústias, ansiedades, situações estressantes que podem contribuir para a disfunção erétil, consumo excessivo de pornografia, ejaculação precoce, entre outros problemas que poderiam ser discutidos e acolhidos pelos amigos, porém o que prevalece é a chacota. Estes comportamentos confirmam que homem não deve demonstrar fragilidades imperando o silêncio no sofrimento (ABDO, 2014).

Homens geralmente falam sobre superficialidades, ocultam, negligenciam mazelas, dúvidas, incertezas, não compartilham de problemas pessoais com outros homens, pois isso poderia ser entendido como sinal de fraqueza.

Sabemos que as identidades hegemônicas ou identidades de poder foram promovidas em patamares sociais e intelectuais elevados, em diferentes contextos ditatoriais, com o objetivo de anular outras subjetividades, identidades, discursos políticos e/ou religiosos. A presença constante de discursos hegemônicos, controle observacional panóptico, controle pelo poder, ocasionando a internalização destes discursos nos constroem como sujeitos sociais

(FOUCAULT, 2014, 2018). Portanto, são importantes as propostas que buscam compreender os processos e práticas inferiores, as experiências dos sujeitos subalternos, a possibilidade de construção de identidades não hegemônicas e as contribuições antidiscursivas que resistiram e negociaram com as camadas elevadas, prestando atenção especial às diferentes formas de resistência e ação formuladas a partir da subalternidade.

Nesse viés discursivo, a masculinidade tóxica tem encontrado um campo promissor. Segundo Confort (2017),

[...] a “Masculinidade tóxica é uma descrição estreita e repressiva da masculinidade que a designa como definida por violência, sexo, status e agressão, é o ideal cultural da masculinidade, onde a força é tudo, enquanto as emoções são uma fraqueza; sexo e brutalidade são padrões pelos quais os homens são avaliados, enquanto traços supostamente ‘femininos’ – que podem variar de vulnerabilidade emocional a simplesmente não serem hipersexuais – são os meios pelos quais seu status como ‘homem’ pode ser removido” (CONFORT, 2017, p.1).

A masculinidade tóxica é prejudicial inclusive para aqueles(as) que a vivenciam, pois traz riscos, infelicidade e até a morte. Ela pode proporcionar aos homens comportamentos agressivos, Fig.43, doenças, “[...] pode fazer com que homens briguem mais com outros homens, abracem discussões desnecessárias e até se coloquem em risco em determinados ambientes de trabalho, como fábricas, por exemplo” (CONFORT, 2017, p.1).

O grafito, Fig.43, encontrado no tampo de uma carteira escolar, ilustra um ato de agressão. As setas indicam a suposta vítima, seguidas pelas palavras “matar, MATAR”, as letras em caixa alta sugerem o aumento da agressividade, da raiva aos gritos.

**FIGURA 43** – Desenho e escrita –(MATAR)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

As iniciais W e G podem ser indicativos das iniciais dos nomes daqueles(as) que também desejam a morte da vítima. As duas setas destinadas a suposta vítima parecem endossar essa suposição. Pensamos em morte pois está explícito o verbo matar, escrito duas vezes. No grafito, a imagem que representa “Felipe” encontra-se com as mãos na região do pescoço da suposta vítima. Observamos no canto inferior esquerdo da Fig. 43 uma imagem aparentemente de costas para o(a) leitor(a) e de braços entreabertos, não sabemos se é alguém que busca ir ao auxílio da vítima, se é um(a) incentivador(a) para que a agressão, (crime) aconteça, se é uma vítima que se encontra desfalecida e/ou sem vida estirada ao chão.

A masculinidade tóxica estimula comportamentos agressivos. Os grafitos podem ser representações de atos de violência e agressividade, nem sempre verbalizados oralmente. Outrossim, não está nítido, mas na parte esquerda temos representações do pênis, e este soma-se enquanto símbolo fálico deste modelo de masculinidade. Numa interpretação imagética, podemos afirmar que a linguagem da virilidade se faz presente em inúmeras imagens grafitadas. Possuir pênis e associar a uma arma ou a força viril representam o poder (falo), não o instituído, mas aquele que insiste em se instituir via práticas discursiva de verdades universais naquele cotidiano.

A violência é algo preocupante. No Brasil, os dados estatísticos do *Atlas da Violência 2019* (IPEA, FBSP, 2019) indicam que entre 2007 e 2017 foram registradas 618 mil pessoas vítimas de homicídio, 92% das vítimas eram homens. 76,9% dos homicídios de homens ocorreram por meio de armas de fogo.

Tendo o exposto acima, é possível inferirmos que

[...] o homem, principalmente aquele inserido em um ambiente hostil, cresce em uma sociedade que o cobra constantemente sobre seu papel de “homem”. Um “homem” precisa ser forte, não pode ter medo, não deve ter inseguranças, precisa mostrar para todos que é “homem” e, por isso, não pode ter “frescuras” (CONFORT, 2017, p.1).

Será que tivemos a oportunidade de conversarmos com nossos pais ou cuidadores sobre o que é ser homem? Como é ser homem? Há riscos, anseios, medos? Precisa ser agressivo e violento para ser homem?

[...] continua a ser a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre masculinidades. Essa ideia básica se manteve firme nos últimos 20 anos de experiência investigativa. Padrões múltiplos de masculinidade têm sido identificados em muitos estudos, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais. Também é resultado de pesquisa bastante difundido o fato de que certas masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras (CONNEL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 262).

Nesse interim, percebemos que o currículo educacional é um valioso território em disputas (ARROYO, 2011). A invisibilização das temáticas gênero e sexualidade nos documentos de base curriculares nacionais, estaduais, municipais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018; PARAÍSO, 2018) é algo preocupante. Atualmente, no Brasil, impera um discurso político de direita extremista, religioso, arcaico que busca anular a sexualidade, questões de gênero em educação. Acreditamos ser importante abordagem desses temas nos processos de formação de professores(as).

Negar ou empurrar tais temáticas para debaixo do tapete é algo preocupante, pois há indícios claros de que são temas latentes, pertinentes e de interesse dos(as) jovens que frequentam nossas escolas. Os grafitos de temas gênero e sexualidade são indicativos dessa pulsão. A hegemonia cisheteronormativa contribui na manutenção da masculinidade tóxica.

No campo hegemônico ocorrem mecanismos, punitivos, castrativos que ensinam e modelam os gêneros no binarismo sexual biológico, masculino e feminino, tendo ambos que encaixar em determinados atributos pré-estabelecidos para ser homem e mulher heteronormativos.

A virgindade masculina é quase um crime, portanto espera-se que o masculino pratique sexo com o maior número possível de parceiras e evite sentimentalidades. A negação imposta ao masculino em relação a demonstração de sentimentalidades pode ocasionar falta de incentivo em procurar ajuda psicológica e médica, pode haver o encorajamento de atos de violência, misoginia, homofobia, estupro e racismo.

Símbolo de masculinidade e virilidade é possuir um pênis grande e ereto. A Fig. 44 ilustra isso, o coito interrompido em ato masturbatório. Em tempos de pandemia parece ter havido um aumento em número de gravidez, aumento no consumo de pornografia, pois a pornografia e a masturbação são vias de prazer, alivia tensões. A mão masturbatória também é um órgão de prazer (PRECIADO, 2008). O anus feminino é alvo a ser atingido pelo jato seminal. Aliás, a figura feminina está em posição de passividade e submissão ao masculino,

representa um objeto ou animalização da fêmea destinada a ser montada pelo macho viril. Desde que os envolvidos estejam em comum acordo, não há problema.

**FIGURA 44** – Desenho – (Masturbação heterossexual)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

No entanto, Swain (2009, p.124) observa e critica a necessidade de coerência do sexo, desejo e sexualidade cultural do humano, que dita como ordem natural humana, o corpo biológico, com suas particularidades, atrelada ao político, definindo o comportamento normal, criado pelo social, em direção a heterossexualidade reprodutiva e legítima.

Tão enraizada estava esta certeza da divisão sexual binária assimétrica e hierarquizada, que a ausência das mulheres como sujeitos políticos nos discursos da história, da filosofia – eixos do saber sobre o humano – não era sequer notada, até a eclosão dos feminismos contemporâneos (SWAIN, 2009, p.124).

Haveria lugares para as mulheres em outros setores do universo masculino? O desejo pelo corpo feminilizado tende a ser objetificado e negociado “[...] tanto para a reprodução quanto para o prazer sexual masculino – casamento ou prostituição – aparecem como moeda de troca, como seres a serem apropriados e utilizados socialmente, já no alvorecer das culturas, segundo algumas tradições” (SWAIN, 2009, p.124). O corpo feminino tem sido usado como recurso de posse, dominação, poder, violência psicológica e física e em guerras. Os corpos femininos de mulheres e jovens, em contextos bélicos são violentados e estuprados por homens (SWAIN, 2001; SWAIN, 2009; SEGATO, 2012). No Brasil, estamos distante dessa realidade bélica, entretanto, há constante e crescente registros de violência doméstica contra mulheres,



cometido principalmente por seus companheiros, incluindo casos de feminicídios, mesmo em tempos de pandemia causada pelo vírus COVID-19<sup>2</sup> na atualidade.

Os corpos definidos como femininos sofrem coerções por dispositivos de sexualidade, sedução, alimentam as indústrias de cosméticos, moda, regimes, linhas de produtos *light*, cirurgias plásticas, meios para rejuvenescerem, exigindo modelos incompatíveis com a maioria realística das mulheres, sempre buscando atender ao olhar de outrem. As mídias e outras instituições bombardeiam as mulheres “[...] por um conjunto de pedagogias sociais – educação, religião, tradições, ciência, televisão, cinema. São as tecnologias de gênero (DE LAURETIS, 1987) que instituem e assujeitam corpos e mentes à imagem da ‘verdadeira mulher’: mãe, esposa, bela, jovem, sedutora” (SWAIN, 2009, p.125).

A masculinidade tóxica leva a maioria dos homens a tornarem-se emocionalmente restritos, não sabem lidar com sentimentos e emoções de modo decente, os obrigam a desempenharem papel de macho alfa, como se fosse um “bitbullzinho no cio”, ferocidade e virilidade concatenadas. O machismo causa nos homens a sensação de superioridade fazendo com que inferiorizem as mulheres e todos os corpos ou comportamentos que delas se assemelhem. Homens, em sua maioria, não sabem expressar sentimentos, acabam destruindo famílias, mulheres e a eles mesmos. A construção do padrão para ser homem influencia nos cuidados com o corpo e na saúde dos homens.

Muitos homens deixam de procurar ajuda médica, por achar que não precisam, ou por medo ou inseguranças. Estima-se que no Brasil surjam 65.840 novos casos de tumor em próstatas, em 2020 (MS, INCA, 2020, p.1). Eles deixam de realizar anualmente exames preventivos como o de câncer de próstata (CP). O CP é um “[...] tumor que afeta a próstata, glândula localizada abaixo da bexiga e que envolve a uretra, canal que liga a bexiga ao orifício externo do pênis” (MS, 2020, p.1).

Uma proposta de combate seria o processo de nomeação e expressão de sentimentos, proporcionar espaços, momentos de expressar sentimentalidades masculinas, muitas vezes silenciadas. A criação de grupos, rodas de conversas para que aqueles que queiram verbalizar, expressem suas angústias, medos, incertezas possam expressarem-se e serem ouvidos, possam ter voz e também ouvir os anseios e angústias do(s) outro(s), para tentarmos dissolver elementos

---

<sup>2</sup> Desde fevereiro de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) passou a chamar a doença causada pelo novo coronavírus de Covid-19, que significa COrona VIRUS Disease ou seja, doença do coronavírus, e o número 19 refere-se ao ano de 2019 quando foram divulgados pelo governo chinês os primeiros casos, em dezembro de 2019, na cidade Wuhan, na China (www.portal.fiocruz.br de 17/03/2020).

tóxicos dessa masculinidade hegemônica cisheteronormativa. Para que o estresse e as cobranças da masculinidade no presente não se transformem nas ansiedades futuras.

Percebemos que os grafitos são um meio de comunicação latente daquilo que é proibido. Carecem debates educativos e inclusão sobre questões de gênero e sexualidade e da masculinidade tóxica nos planos educacionais nacionais, estaduais e municipais. Trabalhar temáticas sobre questões de gênero, sexualidade, e masculinidade tóxica em sala de aula na atualidade são desafios a serem enfrentados, dentre inúmeros outros percalços.

A superioridade declarada e mantida por meio da força, agressão, atos de preconceitos, pelo fato do(a) outro(a) não se semelhar ao masculino macho cisheteronormativo. Parece ser algo afrontoso e inconcebível.

Os atributos da masculinidade estão presentes em todo o território nacional brasileiro, vivemos em um mundo globalizado, machista e heteronormativo, a masculinidade tóxica tem reinado.

Há uma normatização discursiva sobre ser homem, macho, viril, nos é passada desde o nascimento, se tem pênis é menino, não tem pênis é menina. Ambos irão crescer, deverão procriar e para isso aconteça é preciso estar em direção ao sexo oposto. Não deve haver alterações nesse binarismo. No entanto, percebemos outros modo de vida a essa norma. Trata-se de seres desviantes, homossexuais, transexuais, que não encaixam nos padrões hegemônicos. Seriam eles(as) aberrações, diferentes, doentes, inadequados (as), precários(as), desajustados (as) anormais? Não somos todos(as) seres humanos? Afinal, não somos todos(as) dignos(as) de respeito, direitos e prerrogativas sociais igualitárias? Somos todos(as) iguais perante as leis, ou não?

Devemos refletir, questionar, dissolver falácias discursivas que tendem a impor um único meio para se vivenciar identidades de gênero e sexualidade (FOUCAULT, 2014, 2018; FAIRCLOUGH, 2016; VAN DIJK, 2017). A masculinidade tóxica vem impregnada de violência, agressividade, isso reflete no cotidiano sociocultural.

Uma sugestão sobre os processos de questões sobre a masculinidade, estudos de gênero e sexualidade é o filme/documentário “O silêncio dos homens” (PAPODEHOMEM, 2019) que aborda questões sobre ser homem, combate a masculinidade tóxica, levantam questões importantes sobre ser e estar homem. Aponta organizações, grupos masculinos que vão na contramão da masculinidade tóxica.

O documentário apresenta dados de pesquisa sobre o ser homem, suas emoções, competições, provas de masculinidade, códigos sociais ameaçadores que até matam homens. Demonstram dados estatísticos sobre os prejuízos, mortes e danos que a masculinidade tóxica

causa ao homem. O silenciamento de homens vítimas de abuso sexual infantil, uso abusivo de álcool, drogas, violência contra mulheres, negros(as), LGBTQs, dificuldades em conversar com amigos sobre seus medos. Apresentam sugestões de grupos de homens que encontram para discutir sobre a masculinidade tóxica e sobre suas dificuldades em ser homens em meio as exigências impostas pela masculinidade hegemônica. Vale a pena ser abordado com família, professores(as) e alunos(as).

Neste clima há aqueles(as) que trabalham em ambiente escolar e sentem-se incapazes e não conseguem levar adiante uma ação concreta que possa ajudar os(as) alunos(as) a encontrarem um caminho que possam falar da masculinidade tóxica, sexualidade e gênero como um caminho humano e de realização pessoal.

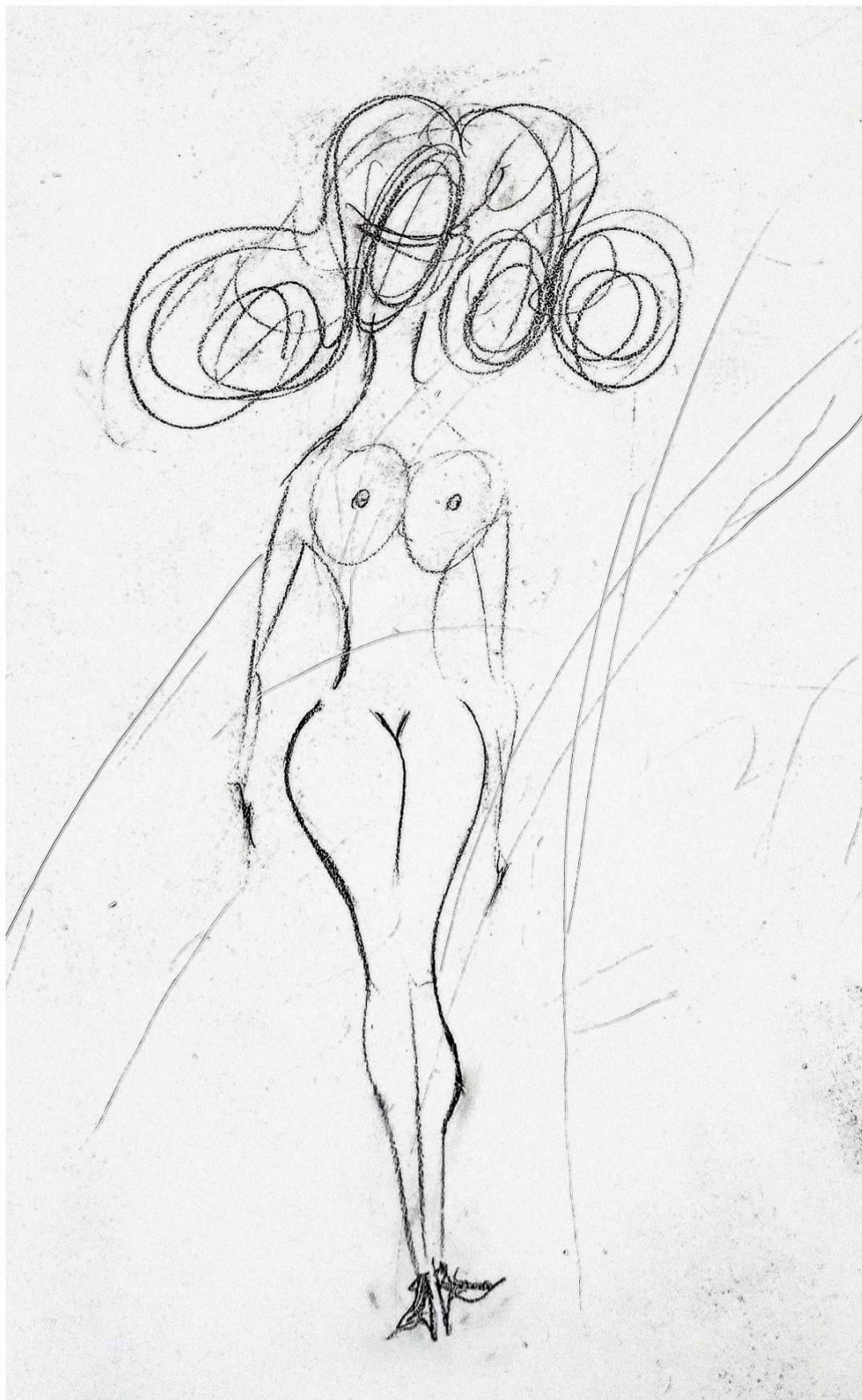
Há uma constante cobrança para ser homem, incluindo, a potência e desempenho sexual, tipo de carro possuir, vestimentas, aparência, não demonstração de sentimentos, não usar determinadas cores de roupas (rosa), afastar-se dos estereótipos de feminilidade e homossexualidade.

O não expressar seus sentimentos pode levar a males, ansiedades, depressão, problemas de saúde. O não cuidar da saúde, pode levar ao câncer inclusive o de próstata, pulmão, cardiopatias, e não conseguir compartilhar com pessoas que poderiam auxiliá-los. O maior número de violências, de pessoas encarceradas, de homicídios, acidentes de trabalho e de trânsito são de homens. A masculinidade tóxica mantém essas engrenagens a todo vapor.

Por fim, avaliamos que o ato de grafitar de maneira específica relacionada a sexualidade e de gênero dentro do âmbito escolar não só demonstra uma fragilidade dos órgãos responsáveis em abordar o tema de maneira sadia e com mecanismos de discussão social, como demonstra o despreparo de tais intermediários que possam falar deste tema de maneira que despertem não só a curiosidade, mas o interesse em dialogar com esse “problema” que chamamos de sexualidade. Os altos escalões ainda preferem negar e até proibir a reflexão pública sobre essa realidade. Vale refletirmos e discutirmos que sexualidade e gênero nos atravessam ao longo da história, economia, política, moral, religião, família e educação/escola.

O processo educacional, além de transmitir conhecimentos acumulados pela humanidade, envolver nuances variadas, incluindo ser homem e ser mulher em sociedade. Envolve a divulgação de valores, experiências, impõe e estabelece normas e regras, dita modelos dos bons costumes, cuidados para si e para com os(as) outros(as). A educação deve ofertar instrumentos para valorizar o respeito, auxiliar na construção da personalidade, caráter, constituindo cidadãos conscientes de seus direitos, deveres, respeitar a vida, a dignidade e a diversidade humana, o planeta, o próximo e suas subjetividades.

Na sessão 3 abordaremos alguns elementos da construção da feminilidade e de suas sexualidades. Assim como autores(as) que lançam luz aos(as) marginalizados(as), aos movimentos feministas de lutas libertarias oriundos da década de 1960. As mulheres então passaram a se expor e se mostrarem mais, deixando transparecer contornos que antes não eram tão definidos, passaram a tomar as rédeas de suas vidas, quebram certos paradigmas e tabus como veremos a seguir.



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

### **SESSÃO 3- A CONSTRUÇÃO DO FEMININO E SUAS SEXUALIDADES**

A condição da mulher encontra-se em um patamar cultural de inferioridade em relação ao homem. Segundo Margareth Rago relata em entrevista à revista Pernambuco, publicada em 01 julho de 2020, os anarquistas denunciaram microfascismos desde o início do século XIX, impondo modelo de família nuclear que envolve a mulher, mãe durante 24 horas por dia. A partir do século XIX foi consolidada e desenvolvida a teoria da “degenerescência”, que consiste em impor um alto preço as mulheres devido ao seu processo gestacional e maternal, em que as mulheres perderiam neurônios, portanto seu campo de atuação deveria ser limitado ao privado, não poderia ser engenheira, escritora, etc., deveria viver para a prole e para a família, estigmatizando assim, mulheres, negros(as), indígenas, presos, loucos, etc. (NASCIMENTO, 2020a, p.8).

No município de Pontalinda-SP na década de 1940 e anos subsequentes “a maior preocupação dos pais era preparar os filhos para o casamento, que acontecia logo cedo. Dificilmente, uma moça deixava para casar depois dos vinte anos” (FERREIRA, 2013, p.66).

Meninos e meninas acompanhavam os pais em atividades na roça. “Chegando em casa, meninas e moças ajudavam a mãe nos afazeres domésticos. Os meninos, após cuidarem dos animais dando água e comida, ou realizando outros afazeres, como partir lenha, desfrutavam de momentos de lazer, do jogo de bola de meia [...]” (FERREIRA, 2013, p.68), por exemplo, tais brincadeiras duravam até não mais conseguirem ver a bola ou a mãe chamar para ir jantar e tomar banho.

À noite, depois do jantar era comum a prática de visitas, que não ultrapassavam as dez horas da noite. Eram apreciados jogos de baralhos, ouvir rádio, uma roda no terreiro na frente da casa onde se tocava música de viola, muito apreciadas pelas moças. “Nessa hora, a brincadeira de passar anel, talvez, fosse aquela da qual as moças mais participavam. Era uma maneira de as moças poderem pegar nas mãos dos rapazes” (FERREIRA, 2013, p.70).

A moral era o maior mecanismo de repressão para inibir a libido natural.” A moça que praticasse adultério, ou apenas praticasse um namoro considerado mais avançado para a época, era motivo para que outros pais não deixassem suas filhas manterem amizade e, muito menos, seus filhos se casarem com elas. Por isso, todas essas brincadeiras eram sempre policiadas pelos mais velhos, que de um lado do terreiro, contavam casos de assombração, aterrorizando as crianças (FERREIRA, 2013, p. 70).

Percebemos aqui uma narrativa androcêntrica de Ferreira, pois atos punitivos e de vigilância centravam-se no feminino. Em seus relatos, os casos na época em que ocorressem

atos de liberdade sexual, alguns pais levarem as moças em cidades maiores para “entregar sua filha a uma casa de prostituição” (FERREIRA, 2013, p.71).

Hodiernamente muitas mudanças ocorreram em relação aos comportamentos de mulheres e seus posicionamentos sociais e políticos. Porém, aspectos da repressão sexual daquela época deixaram fissuras na sociedade pontalindense.

No Brasil, até recentemente, matava-se a mulher por honra e a justiça considerava o argumento da honra como verdadeiro e legítimo, “(...) tanto que praticamente absolvem os homens que matam suas mulheres” para lavar a honra, por ter recebido “gaia” (terem sido traídos) (GROSSI, 2004, p.12).

Somente a partir de 22 de setembro 2006 com o advento da Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006 – a Lei Maria da Penha visa punir atos de violência contra a mulher e posteriormente a Lei do feminicídio aprofunda esse regulamento jurídico.

Temos inúmeros exemplos no noticiário jornalísticos e ainda exemplos musicais no cancionário brasileiro que ilustram esse processo de violações, no qual a mulher é morta pelo companheiro em nome da honra, por ele ter levado gaia. Damos destaque a música “O Ipê e o Prisioneiro” de José Fortuna (1944) (ANEXO 2). Vejamos o excerto abaixo:

[...] Vejo em seu tronco cipó parasita te abraçando forte  
Enquanto te abraça, suga a tua seiva, te levando à morte  
Assim foi comigo, ela me abraçava depois me traía  
Por isso a matei e agora só tenho sua companhia [...] (FORTUNA, 1944).

Um outro exemplo, no excerto abaixo, da música “Cabocla Tereza” (1944) (ANEXO 3) de João Batista da Silva, cujo nome artístico é João Pacífico (letra) e Música de Raul Torres. Os versos abaixo abarcam o feminicídio.

[...] O meu sonho nesse oiá  
Paguei caro meu amor  
Pra mór de outro caboclo  
Meu rancho ela abandonou.

Senti meu sangue fervê  
Jurei a Tereza matá  
O meu alazão arriei  
E ela eu vô percurá.

Agora já me vinguei

É esse o fim de um amor  
Esta cabocla eu matei  
É a minha história, dottor. [...] (PACIFICO, TORRES, 1944)

Definiu-se em nossa cultura que um homem honrado é aquele que tem uma mulher de respeito, recatada, controlada, pura, maternal, etc. Mas é papel da mulher o poder de manter a honra do marido, caso contrário ele perde a sua honra. Claudia Fonseca no texto “Cavalo amarrado também pasta” analisa a questão da honra no Brasil pelo viés mediterrânico. “Como a honra masculina depende exclusivamente das mulheres, os homens precisam controlar as mulheres: um pai tem que controlar suas filhas; um marido tem que controlar sua mulher” (GROSSI, 2004, p.12). Entretanto, a mulher por meio da “fofoca” pode por “em dúvida o valor masculino: a honra” do marido (GROSSI, 2004, p.12).

Esse imperativo da honra masculina e feminina valorou o homem cisheteronormativo e branco como o centro. No entanto, o projeto moderno ignorou um olhar as margens, chamadas de minorias: mulheres, gays, negros, jovens. “Vale ressaltar que a posição central é uma invenção, não é uma posição ‘naturalmente’ dada, é, sim, uma posição historicamente construída como tal. A noção de centro passa a ser desafiada e contestada, na contemporaneidade, por muitas frentes” (LOURO, 2006, n.p.).

Não se trata propriamente, ou não se trata somente, de pôr em questão o sujeito masculino, branco, heterossexual. É mais do que isso: o que se passa a questionar é toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação que, associada a esse sujeito, usufruiu, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável e abrangente, a posição privilegiada em torno da qual tudo mais gravita (LOURO, 2006, n.p.).

Pensando nisso, Louro (2006, n.p.) cita “Linda Hutcheon, uma teórica canadense”, que nos relata: “[...] foi o desafio à noção de centro, em todas as suas formas. ‘Se o centro não vai continuar’, diz ela, ‘viva as margens!’”. Houve uma ruptura e mudança de paradigma, passando-se então a olhar para as margens, ou seja, aos marginalizados. Grossi (2004) compartilha desse pensamento, segundo ela “o gênero se constitui em cada ato da nossa vida, seja no plano das idéias, seja no plano das ações. O tempo inteiro a gente está constituindo o gênero no nosso próprio cotidiano” (GROSSI, 2004, p. 9).



Os estudos de gênero são uma das consequências das lutas libertárias dos anos 60, mais particularmente dos movimentos sociais de 1968: as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os black panthers, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil. Todos esses movimentos lutavam por uma vida melhor, mais justa e igualitária, e é justamente no bojo destes movimentos "libertários" que vamos identificar um momento-chave para o surgimento da problemática de gênero, quando as mulheres que deles participavam perceberam que, apesar de militarem em pé de igualdade com os homens, tinham nestes movimentos um papel secundário. Raramente elas eram chamadas a assumir a liderança política: quando se tratava de falar em público ou de se escolher alguém como representante do grupo, elas sempre eram esquecidas, e cabia-lhes, em geral, o papel de secretárias e de ajudantes de tarefas consideradas menos nobres, como fazer faixas ou panfletar (GROSSI, 1998, p.1-2).

O exposto acima nos convida a pensar “[...] agora nos rituais de construção de feminilidade, que, como já falamos, são menos violentos que os masculinos, pois eles não precisam separar as mulheres do mundo feminino, mas sim reforçar este vínculo pelo aprendizado das regras deste mundo” (GROSSI, 2004, p.9).

Sendo assim,

[...] ao falarmos em centro, teríamos de pensar, aqui, em todas aquelas formas de cultura e de sujeito que ocupam o lugar central, o lugar que serve de referência para os demais – e essa posição foi ocupada, historicamente, pelo homem branco ocidental, heterossexual e de classe média urbana. Em seguida, teríamos de pensar no conjunto de movimentos sociais e também teóricos que, na contemporaneidade, vêm desafiando essa posição, ou seja, os movimentos empreendidos por aqueles grupos que, tradicionalmente, foram colocados nas margens: as mulheres, os negros, as chamadas minorias sexuais e minorias étnicas, os jovens. O que parece muito expressivo na pós-modernidade é justamente esse voltar-se na direção das margens e das fronteiras, um certo afastamento em relação à posição central e às ideias que lhe são associadas, tais como as idéias de origem, de universalidade ou de unidade (LOURO, 2006, n.p.).

Por esse viés é possível observarmos então que as minorias passam a ser vistas, ouvidas e analisadas. Incluindo dentre outros, a mulher e suas subjetividades. Segundo Louro (2006, n.p.) ao citar Linda Hutcheon sobre as “transformações que vivemos desde a segunda metade do século XX” na

[...] década de 60, muitas (...) questões foram bruscamente trazidas à tona, quando o político e o estético se fundiram na chamada contracultura.... Os negros e as feministas, os etnicistas e os gays, as culturas nativa e do “terceiro mundo” não formam movimentos monolíticos, mas constituem diversidade de reações a uma

situação de marginalidade e excentricidade percebida por todos (HUTCHEON, 1991, p.89-90, apud. LOURO, 2006, n.p.).

Surgindo assim como palavra de ordem a “diferença”. As mulheres passam então a exibir certos atributos e comportamento de feminilidade. No século XXI, “[...] pensemos na pluralidade. As diferenças não são binárias, são múltiplas”, conforme observou Louro (2006, n.p.) e acrescenta que

[...] ser uma mulher solteira, o que se constituía, até alguns anos atrás, em motivo para lástima ou para vergonha (lembra-se da solteirona, a “tia” virgem e encalhada?), passou a ser, agora, sinônimo de mulher independente, desimpedida, autônoma. Pode-se supor que quem vive sozinho (homem ou mulher) tenha escolhido voluntariamente essa condição e não tenha sido relegado a ela. Ser solteiro ou estar solteiro passou a ter glamour. A condição é associada com maior possibilidade de consumo e de mobilidade e, o que é muito importante, não implica, de modo algum, ausência de vida amorosa ou sexual ativa. (Tudo isso valendo agora para as mulheres tanto quanto valeu antes para os homens) [...] (LOURO, 2006, n.p.).

Nesse interim olhares sobre as feminilidades múltiplas, bem como de suas sexualidades. Muitas mulheres passaram a se expor e mostrar contornos que antes não eram tão definidos. Estamos nos referindo aquelas mulheres que tomaram novos rumos em suas vidas. Aquelas que quebraram certos paradigmas e tabus. Mulheres que passaram a viver sua sexualidade, passam a ter um ou mais companheiros, ou companheiras, ou ambos.

Para ilustrar esse processo construído do feminino temos a *drag queen* que monta seu corpo e se constrói mulher em um processo “paródico”, conforme Louro (2006) nos apresentou. Entendemos a *drag queen* como um ato de performatividade, ou expressão artística, já mulheres transexuais se identificam, se veem como mulheres, vivenciam. A feminilidade é múltipla na pós-modernidade.

Segundo Grossi (2010)

[...] os anos 60 constituem um período de grande questionamento da sexualidade: a pílula anticoncepcional passa a ser comercializada, a virgindade enquanto valor essencial das mulheres para o casamento começa a ser amplamente questionada, e se começa a pensar mais coletivamente, no Ocidente, que o sexo poderia ser fonte de prazer e não apenas destinado à reprodução da espécie humana. (GROSSI, 2010, p.2).

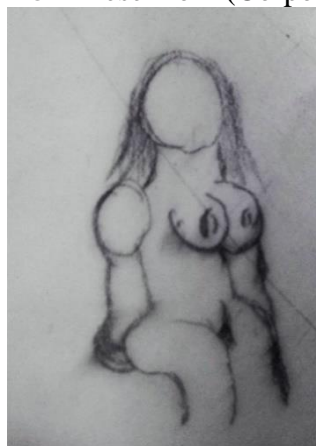
Grossi (2004, p.5) afirma ainda que “o fato de haver machos e fêmeas biológicos é só uma questão de contingência, contingência que pode ser mudada graças às novas tecnologias médicas que permitem subverter a ordem “natural” deste corpo”. Por meio de “operações de mudança de sexo permitem tirar ou pôr seios, fazer ou tirar um pênis, construir uma vagina, etc” (GROSSI, 2004, p.5).

Nos 13 capítulos do *Testo Yonqui* da (pós)feminista Beatriz Preciado (2008) nos chama atenção para o conceito de farmacopornografia, dominante que estamos inseridos e não nos damos conta.

[...] A autora lembra o caso das pílulas anticoncepcionais, inventadas e maciçamente divulgadas no meio do século XX com o que considera ser a fachada de controle de natalidade. A pílula feminina sempre funcionou, desde sua descoberta, não como uma técnica de controle da reprodução, mas de produção e controle de gênero, de acordo com Preciado. E mais: como foi elaborada para reproduzir tecnicamente os ritmos dos ciclos menstruais – ou seja, “imitar tecnicamente a natureza” – a autora sugere uma analogia: assim como as “drag queens” são homens biológicos que desempenham uma forma visível de feminilidade e as “drag kings” são mulheres biológicas que teatralizam uma forma de masculinidade, a pílula seria uma “bio-drag”, uma espécie de travestismo somático, ou ainda, “produção farmacopornográfica de ficções somáticas de feminilidade e de masculinidade” [...]. O que se produz não é algo externo (estilo, vestimenta, comportamento social), mas um processo biológico (CAMARGO, RIAL, 2010, p. 368).

Na figura 45 podemos então identificar alguns elementos que marcam as características impressas a um corpo feminino, como sinais de aceitação e adequações a um determinado gênero (feminino).

**FIGURA 45** – Desenho – (Corpo feminino)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Nesse grafito inscrito em uma carteira escolar, feito com o auxílio de um lápis, as linhas são arredondadas e as curvas sugerindo elementos de sensualidade e feminilidade. Observamos reforços em algumas linhas como podemos observar no ombro, nos braços, pescoço, seios e pernas. Há aquelas que são mais ousadas nas questões afetivas, sensuais e outras mais reservadas e contidas, mas todas a seu modo vivem suas feminilidades.

Na figura 45 identificamos cabelos longos, seios avantajados, cintura relativamente fina em relação aos quadris, quadris largos, pernas fechadas, corpo sentado, mãos não aparentes, provavelmente colocadas na parte de traz, em corpo em posição semi-perfil, demonstrando sutilmente pelos pubianos. Essa imagem sugere a postura, comportamento, posicionamento tradicionais de uma mulher, ainda em condições de nudez. Bourdieu (2012) observou em sua obra “A Dominação Masculina” que os pares de oposição como fechado e aberto são atribuições para diferentes gêneros. Seu estudo foi sobre a distribuição da moral sexual e de outras atividades na sociedade cabila demonstrando a sua estrutura:

[...] arbitrária em estado isolado, a divisão das coisas e das atividades (sexuais e outras) segundo a oposição entre o masculino e o feminino recebe sua necessidade objetiva e subjetiva de sua inserção em um sistema de oposições homólogas, alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/ mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado) etc., que, para alguns, correspondem a movimentos do corpo (alto/baixo//subir/descer, fora/dentro// sair/entrar). Semelhantes na diferença, tais oposições são suficientemente divergentes para conferir, a cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida da sobredeterminação pelas harmonias, conotações e correspondências (BOURDIEU, 2012, p. 16).

Os corpos enquanto construções materializam os elementos que se espera dele enquanto gênero (masculino/feminino) trazendo consigo, não apenas caracteres biológicos e anatômicos. Trazem imbricados uma rede de construções agregadas aos corpos tais como: “uma continuidade entre sexo-gênero-sexualidade.” (LOURO, 2018, p.74).

Para Louro, ocorre assim uma, “lógica binária pela qual o corpo, identificado como macho ou como fêmea, determina o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente, o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto)” (LOURO, 2018, p.74). Não se deve fugir ou resistir a esse padrão estabelecido, sob pena de retaliações e punições. Os corpos são criações sociais, assim como a obrigatoriedade do desejo.

Nessa perspectiva Louro (2018) afirma que

[...] o corpo possa se transformar ao longo da vida, espera-se que tal transformação se dê numa direção única e legítima, na medida em que esse corpo adquire e exhibe os atributos próprios de seu gênero e desenvolve sua sexualidade tendo como alvo o polo oposto, ou seja o corpo diferente do seu (LOURO, 2018, p.74).

Nem sempre a vida segue esse fluxo diretivo. Para Grossi (2004, p.10) “o corpo tem um papel crucial na constituição da identidade de gênero contemporânea, sendo um elemento central na constituição do sujeito”, mas o que falar então das lésbicas na pós-modernidade? Segundo Louro (2006) em relação

[...] ao mosaico de feminilidades, acrescento aquela que é vivida por mulheres que buscam parceria amorosa com outras mulheres. Como parte integrante da noção de centro, a heterossexualidade também se pretendeu inquestionável. Representada, historicamente, como a única forma de sexualidade normal e, mais do que isso, representada como a forma “natural” de viver a sexualidade, a heterossexualidade parecia “estável”. Não deveria ser contestada, quer como prática quer como conceito. Contudo, já há algumas décadas, ela vem sendo posta em xeque, cada vez mais decisivamente (LOURO, 2006, n.p.).

A ideia de que a “heterossexualidade é apenas uma das muitas possibilidades de sexualidade – ainda que ela seja aquela que compulsoriamente se pretende que todos, homens e mulheres, devam viver” (LOURO, 2006, n.p.).

Instâncias sociais e culturais como família, igrejas, escolas, leis, mídia, médicos, tendem a “afirmar e reafirmar as normas que regulam os gêneros e as sexualidades” e aqueles que se atrevem a atravessarem os “limites ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais e ou patológicos” (LOURO, 2018, p.76).

Os sinais e marcas que determinam um corpo como masculino ou feminino, possibilitam a sociedade identificar claramente “que o sujeito seja reconhecido como pertencendo a determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo” (LOURO, 2018, p.77). E ainda que possa ter direitos, reconhecimento, “realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos;” “em síntese” que seja “aprovado, tolerado ou rejeitado” (LOURO, 2018, p.77) pela sociedade. Sobre esta questão Seffner pontua:

[...] para cada espaço público há determinados modos de portar-se e vestir-se, pensemos numa praça pública e numa sala de audiências de um tribunal. No caso da escola não é diferente, ela é um espaço público, portanto deve acolher a diversidade, mas isso não impede que tenha regramentos claros em relação a roupas e comportamentos, visando demarcar suas funções. Ocorre que na hora de definir o regramento, muitas vezes a escola se vê presa no centro de um conjunto de pressões de grupos que não percebem ser ela um espaço público, querem a escola como simples aliada de princípios morais ou projetos políticos muito particulares, querem colonizar o espaço público com vieses privados, o que é especialmente válido para as confissões religiosas (SEFFNER, 2011, p.565).

A laicidade passa a ser ignorada. O ser humano é naturalmente curioso, na fase da adolescência e da puberdade a descoberta de prazeres emergem. A pornografia por meio da internet, vídeos e imagens circulam em aplicativos nos celulares nos bolsos e bolsas dos adolescentes. A cultura televisiva e midiática contribuem nesse processo de (re)descoberta dos corpos, partes ocultas e proibidas são exploradas, seguidas ou não de afetividades.

O grafito da figura 46 é um dos exemplos sobre a curiosidade nessa descoberta do corpo do outro (feminino). Trata-se de uma figura feminina, apresenta lábios carnudos, seios avantajados e amostras, vestida apenas com uma peça de roupa que tapa a parte inferior do corpo.

**FIGURA 46** – Desenho – (corpo feminino)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Uma outra leitura nos permite identificarmos duas linhas paralelas que saem dos dois triângulos localizados nos mamilos, podendo insinuar algum tipo de biquíni ou fita isolante, prática comum no verão com a finalidade de bronzeamento corporal feminino, realizado geralmente em quintais e lajes.

A Fig. 47 é um outro exemplo de como a feminilidade é representada pelos adolescentes.

**FIGURA 47** – Desenho – (Modelo de feminilidade)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Os “sujeitos de gênero e de sexualidade são, sempre, formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos” (LOURO, 2018, p.80). Sendo assim Louro nos chama a atenção sobre essas normas construídas arbitrariamente uma vez que “alguns sujeitos as repetem e reafirmam e outros delas buscam escapar” (LOURO, 2018, p.82).

Dentre os sinais que os corpos trazem na imagem 47, destaca-se o culto ao corpo, ao belo e a magreza, enfim, um corpo “sarado”. Elementos do capitalismo associado as mídias, apostam em acessórios, cosméticos, intervenções cirúrgicas, equipamentos de academia para citar alguns dos recursos que ampliam e reafirmam os padrões pré-estabelecidos de gênero e sexualidade.

A sociedade em que vivemos produziu mecanismos que a todo instante associam a sexualidade aos mais diversos temas. Ficamos nervosos quando crianças começam a perguntar sobre sexo, mas escolhemos roupas, produtos de beleza, até mesmo carros ou alimentos mergulhados em algum grau de apelo sedutor, em que a sexualidade está fortemente envolvida (FELIPE & GUIZZO, 2003; SABAT, 1999, apud SEFFNER, 2014, p.70)

Na figura 47 acessórios como braceletes adornos na perna direita da figura feminina apresentada, dialogam com os adornos do braço esquerdo, um tipo de faixa ou bandana na frente, tapando os olhos e compõe seu *look*, os cabelos são lisos e volumosos; as vestimentas são justas, possibilitando a visão das curvas e da sensualidade, atributos que as mulheres devem possuir. “[...] Hoje a mulher deve se produzir na academia, tal como mostram os exemplos paradigmáticos das modelos, mulheres cobiçadas pelos homens poderosos, como os

esportistas” (GROSSI, 2004, p.10). O quadril feminino da mulher brasileira tende a ser um pouco maior que o busto.

Como a escola deve proceder em relação as vestimentas e sexualidade. Seffner (2011) observa que:

[...] cobra-se da escola uma postura de “contenção” nas questões de sexualidade dos alunos, mas os programas de auditório, novelas, músicas, revistas, ambientes virtuais e literatura juvenil trazem constantemente provocações, o que torna difícil acertar a medida. Temos uma explosão de meninas divulgadas pela mídia como modelos e manequins, em trajes provocantes, menores de idade ou já maiores, mas nitidamente aparentando corpos quase que de criança (SEFFNER, 2011, p.564).

“Os corpos considerados ‘normais’ e ‘comuns’ são também, produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos” (LOURO, 2018, p.80).

Há

[...] uma lógica heteronormativa rege a sequência que presume que, ao nascer, um corpo deva ser designado como macho ou como fêmea, o que implicará, por conseguinte, assumir o gênero masculino ou feminino e, daí, expressar desejo por alguém de sexo/gênero oposto ao seu.” (LOURO, 2018, p.88).

Para Guacira Lopes Louro (2018), Michel Foucault (2014, 2018) promoveu uma mudança paradigmática quando se dispôs a examinar a dinâmica do poder e afirmou que este funcionaria numa espécie de rede, exercido a partir de múltiplos pontos, que, simultaneamente, também produziam resistências (LOURO, 2018, p.90). Na multiplicidade de formas corporais e comportamentos para o feminino emergem nos grafitos diferentes representações.

**FIGURA 48** – Desenho – (Corpo feminino)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador



A figura 48 expõe um corpo feminino, despido, nádegas e seios abastados, cintura fina. Parece ser a preferência nacional de padrão de beleza feminina. Esse corpo pode ser esculpido em academias, por meio de procedimentos médicos hormonais, intervenções cirúrgicas. Se for *drag queen* poderá “fabricar” o corpo por meio de vestimentas, supressões e adições de elementos, maquiagens e vestimentas para que a mulher surja parodiando a construção de feminilidade tão almejada e admirada. Afinal, para uma *drag*, “o feminino: ela o admira e, em alguma medida, o apropria; mas o modo como realiza esses movimentos implica e supõe a crítica e a subversão” (LOURO, 2006, n.p.).

A figura 48 nos apresenta um provável corpo feminino, vestindo uma espécie corpete trançado nas costas e calcinha. As costas da figura estão voltadas ao leitor, a parte frontal está direcionada a um possível homem, de sobrancelhas largas e arqueadas, sorriso largo e olhos esbugalhados, sugerindo estar apreciando a parte frontal do corpo feminino e demonstra contentamento ao que vê.

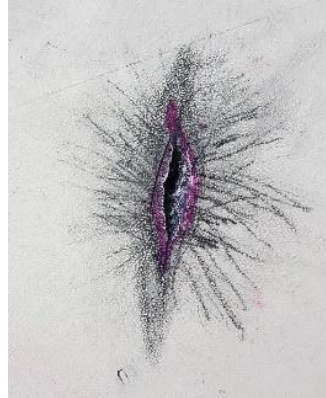
**FIGURA 49** – Desenho – (Olhar para o corpo feminino)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

É possível inferir na imagem 49 que se trata de um homem adulto, com mais de 50 anos de idade, uma vez que identificamos o numeral composto “57” antecedido e sucedido pelos artigos “os”. Admirar ou manter relação com mulheres mais jovens é de certa forma apreciado e até esperada culturalmente no Brasil, salvo as exceções. Muitos desses encontros sexuais são caracterizados como “crimes de abuso sexual infantil e de pedofilia.”

Na figura 50 é possível identificarmos uma fenda na madeira do tampo de uma carteira. A mesma serviu de inspiração para a construção de uma vulva.

**FIGURA 50** – Desenho - (vulva)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Tal fissura com entalhe profundo serviu de mote para a realização de acréscimos que sugestionam a imagem de um órgão sexual feminino. É possível identificarmos os grandes lábios que receberam destaque de uma coloração diferente, assemelhando ao roxo ou avermelhado. Com auxílio de lápis preto foi adicionado em todo o entorno acréscimos de possíveis pelos pubianos afim de completarem o desenho. Em nossa pesquisa encontramos apenas oito imagens desse órgão isolado.

Na figura 51 podemos observar a palavra “buceta” escrita com uso de corretivo na lateral do tampo de uma carteira. Tal palavra tem uso frequente, encontramos vinte e três vezes escrita em locais diferentes, carteiras, cadeiras, muros e paredes.

**FIGURA 51** – Escrita – (Expressão para órgão feminino)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Apesar da tentativa de vulgarizar o aparelho genital feminino, há uma gama de possibilidades para vivenciar a feminilidade de cada um(a). É possível ser romântica, ingênua, avançada, moderna, pegadora, sexual, recatada, gostar de homem, gostar de mulher, gostar de ambos. Vivenciar os prazeres de seu corpo, ou fabricar um corpo feminino como as *drags* (LOURO, 2006, n.p.).

Nessa construção do feminino “(...) há, simultaneamente, identificação e distanciamento em relação ao objeto que é parodiado. Ao repetir as supostas marcas do feminino, a *drag* estabelece, então, ao mesmo tempo, uma distância em relação a elas, deixando visível o caráter artificial de sua imitação” (LOURO, 2006, n.p.). Por meio da “ironia, ela aponta a diferença em meio à exagerada semelhança”. A *drag* admira a feminilidade “e, em alguma medida, o apropria; mas o modo como realiza esses movimentos implica e supõe a crítica e a subversão.” Sendo assim, percebemos que “a *drag* assume, portanto, que a sua feminilidade é deliberadamente fabricada. Nela fica evidente o caráter construído do gênero” (LOURO, 2006, n.p.).

Na sequência deste fértil campo de multiplicidade feminina, não podemos deixar de relatar uma justificativa masculina em nome da santificação da mulher companheira, traindo-a em nome da honra dela. Relacionado a essa dicotomia encontramos a expressão “filho da mãe” e a versão ofensiva “filho da p...” ilustrada na figura 52 com a inscrição “FILA DA PUTA”.

**FIGURA 52** –Escrita– (Fila da Puta)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Essa imagem foi encontrada em um muro externo da escola, entalhada com algum material de ponta dura. Para Grossi (2004) o uso dessa expressão remete a:

A própria ofensa “filho da p...” ou “filho da mãe” reflete esta dicotomia nos papéis associados ao feminino. Para o modelo mediterrâneo, é justamente no parto e na dor do parto que a mulher se constrói como mais mulher, e o sofrimento acaba se tornando uma questão central para a construção da feminilidade (GROSSI, 2004, p.14).

“Na tradição cristã que vinha desde os tempos da Colônia, a prostituta estava associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato” (DEL PRIORE, 2014, p.89), portanto toda e

qualquer posição de liberdade sexual feminina ou orgiaca estaria relacionada a um futuro de miséria profunda, sarjeta, doença e morte precoce.

“Putá” sinônimo de “podre” ou fruto estragado, cumpre um papel importante nessa tríade. Ao prestar seus serviços, satisfaz o homem de família, pai e provedor, auxiliando na manutenção do casamento entre a “mãezinha” e o “paizinho”, mantendo a família politicamente correta e unida.

Grossi nos relata que Marit Melhus dá exemplos clássicos do marianismo “de como as mulheres mexicanas de um pequeno povoado estudado por ela constroem o seu modelo ideal de respeito e virtude sobre o modelo da Virgem Maria” (GROSSI, 2004, p.14), pois ela era pura e “[...] nunca teve relações sexuais na sua vida e inclusive engravidou sendo virgem” (GROSSI, 2004, p.14). No “Brasil, país marcado pela influência de várias levas de imigração mediterrânea (espanhóis, italianos, gregos, libaneses, judeus do Magreb, etc.)” esse modelo também se reflete. Segundo Luiz Tarley de Aragão há uma “[...] contradição emocional que este modelo de mãe venerado pelos filhos – sobretudo pelos filhos homens – traz para as relações de gênero no Brasil” (GROSSI, 2004, p.14). O autor conta a seguinte história:

[...] quando um rapaz, um jovem casadouro, vai procurar uma companheira, uma mulher para acasalar-se, ele vai se guiar pelo desejo sexual; no início do casamento, o amor é marcado pela sexualidade, mas, logo que ocorre a primeira gravidez, esta mulher passa a ocupar simbolicamente outro lugar para este homem. Quando ela se torna mãe, o homem vai deixar de vê-la como uma mulher jovem, desejável, companheira e vai passar a vê-la como uma mulher sagrada, porque ela se tornou mãe como sua própria mãe, que ocupa no seu imaginário um lugar sagrado, intocável. A mãe deste modelo é assexuada como a Virgem Maria (GROSSI, 2004, p.14).

O rapaz ao defrontar-se “[...] com a sua mulher tornada mãe e para ele isso se torna um problema complexo” (GROSSI, 2004, p.14). Associado a linguagem carinhosa que atua no inconsciente, causando como solução resultante na transformação da “[...] mulher, ex-companheira, na ‘mãezinha’” (GROSSI, 2004, p.14) e ele será o paizinho. Ao se tratarem assim, a sexualidade (desejo) na mulher já deixou de existir e ela passou a ser mãe, sagrada sendo assim “[...] não se pode fazer sexo – e é uma das razões que os homens casados alegam ao procurar prostitutas ou prostitutos. Isto é o que se conceitua dentro do campo da honra, de dupla moralidade, ou seja, para um homem é perfeitamente possível ter uma mulher em casa e procurar outras na rua [...]” (GROSSI, 2004, p.14) sem culpa, pois ele está respeitando a sua mulher- mãe-sagrada e paga por sexo com as(os) prostitutas(os).

Os preceitos das sexualidades vividas no casamento, às vezes, distam das imagens recolhidas na escola de Pontalina, pois ali pululam representações diversas nos alertando para a necessidade de compreensão dos anseios juvenis. É notório que as imagens do feminino são geralmente olhares do masculino, no qual elas figuram como objeto de desejo. Acreditamos que algumas imagens que são grafitadas pelas estudantes figurem feminilidades múltiplas as vezes hegemônicas, mas também aquelas que constroem um novo jeito de viver o feminino.

Nesta pesquisa foi possível observarmos a quantidade superior dos grafitos referentes a masculinidade, uma vez que superam as temáticas de feminilidade e de homossexualidade em número quantitativo, isso reflete na quantidade de páginas e comentários referentes a feminilidade na Sessão 3 e homossexualidade na Sessão 4, se comparado a Sessão 2 referente a Masculinidade. Talvez se esta pesquisa fosse realizada por uma mulher pudesse ter tomado um outro recorte, teria um outro prisma.



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

**SESSÃO 4- A SEXUALIDADE E O GÊNERO CONSTRUÍDO E DESCONSTRUÍDO  
NOS GRAFITOS ESCOLARES**

Os grafitos escolares observados ilustram e refletem algumas representações sociais do universo LGBTQIAP+. Na sociedade que vivemos, fomos preparados para acreditar na supremacia dos homens em relação as mulheres e dos que delas se assemelham. Tudo que diferente do cisheteronormativo for deve ser evitado. Reproduzimos de modo implícito e explícito, pois assim nos foi ensinado.

Antonio Bispo dos Santos (2015) discute a cosmofofia, processo no qual se tem horror a certas vidas, daí colonizar, sequestrar suas forças, submeter os seus desejos, as relações de domínio , em que alguns devem ser eliminados(as) ou submeterem seus corpos. Animalizar alguns para blindar os corpos dos brancos heterossexuais. Deixar a terra habitável só para alguns, a base é o colonialismo, utilizando a necropolítica.

Segundo o viés da necropolítica (MBEMBE, 2018) a vida das pessoas nas malhas do proletariado, em situações de precariedade, sofrem pela carência de ações sociais, políticas públicas equitárias, prevalece a pauta do controle para morte da população, mantendo um controle patriarcal e hegemônico no poder (CHAUÍ, 2001). As pessoas encontram-se em condição mínimas e precárias para sobreviverem (BUTLER, 2019). O sistema público de saúde nacional não dá conta da demanda em números de leitos e falha na excelência no atendimento, há inúmeras regiões com carência de profissionais de saúde, médicos, medicamentos, condições dignas de moradia, saneamento, transporte público, salário mínimo digno, aposentadoria digna, entre outros. E por que há tanta preocupação com o gozo alheio? Com questões referentes ao gênero e sexualidade?

A auto-etnografia de Beatriz Preciado “[...] propõe-se a ler criticamente a realidade da sociedade contemporânea sob uma perspectiva sexopolítica, onde o sexo e a sexualidade convertem-se no centro da política e da economia [...]” (CAMARGO, RIAL, 2010, p.365). portanto, o capitalismo abarca gênero, sexo, sexualidade e nos modela ao consumismo.

O que era, até então, considerado por alguns como uma “sociedade do controle”, para ela passa a se designar sociedade farmacopornográfica, na qual o controle emerge de dentro do próprio indivíduo. Nessa nova ecologia política não teríamos mais o controle frio, calculado, disciplinar e arquitetônico do panóptico de Jeremy Bentham, explicitado por Michel Foucault , mas sim um “controle pop” implantado no próprio sujeito através de uma plataforma viva de órgãos, fluxos, neurotransmissores e formas de agenciamento, que seriam, ao mesmo tempo, suporte e partes de um programa político – novamente aqui encontramos influência deleuziana (CAMARGO, RIAL, 2010, p. 365).

O regime farmacopornográfico, alimenta-se de dois pólos auto-sustentados: “[...] a farmacologia (tanto legal quanto ilegal) de um lado, e a pornografia, de outro[...]”. A produção farmacopornográfica se mantém pelo seu teor narcoticosexual (CAMARGO, RIAL, 2010, p.365).

#### O corpo polisssexual vivo

[...] não é produto de um corpo pré-discursivo, como diria Judith Butler (2003), e nem teria seus limites contidos no envoltório da pele. O corpo não pode ser entendido hoje fora dos ditames da tecnociência e, portanto, essa entidade é entrecortada por milhares de fibras óticas, pixels e nanômetros. Trata-se, em realidade, de um tecnocorpo. Convocará Donna Haraway e a definição de tecnobiopoder para explicar porque essa nova tecnoecologia suplanta o biopoder de Foucault, justamente por exercer poder e controle de todo organismo tecnovivo interconectado. O que na leitura foucaultiana é biopoder, para Haraway é tecnopoder. E Preciado concorda (CAMARGO, RIAL, 2010, p.366).

Todos(as) somos influenciados(as) pelo regime farmacopornográfico, o chip do tecnopoder é implantado em nossa mente, o corpo obedece independente do gênero, identidade sexual e raça. Com o advento da combinação de estrógenos e progesterona, em 1947, surgindo a pílula anticoncepcional, rompe-se a ficção heterossexual entre sexo e reprodução de modo micromolecular e técnico. Há uma fissura na institucionalidade do corpo panopticamente observado, agora se carregar no bolso ou na bolsa uma pílula de biopoder de controle reprodutivo. Antes habitávamos lugares que nos observavam e nos controlavam, permanecemos atrelados a isso, porém agora estamos habitados pelo biopoder, ele está em nós (PRECIADO, 2008).

A interpretação referente a homossexualidade, na atualidade, é oriunda de ideias estereotipadas, perpassando pelas noções de doença (homossexualismo), perversão, castigo, anormalidade, aberração (VERBICARO SOARES, 2019, p.153).

Louro (2018) reflete sobre a pedagogia da sexualidade no processo do corpo educado, pois ali se inscreve expressões, códigos e linguagens não apenas privadas, mas também expressões sociais, políticas, históricas, culturais, onde se exercita relações de poder, celebram-se e vigiam-se os corpos nos processos de educação. Os corpos sofrem alterações culturais, históricas, os desejos mudam, há distintas possibilidades de prazer, novas intervenções médicas e tecnológicas podem contribuir com essas mudanças.

A nomeação de um corpo recém-nascido, “é um menino ou é uma menina” pode ser entendida como uma espécie de viagem que se desenvolve ao longo da existência do sujeito. A



filosofa Judith Butler argumenta que há normas regulatórias, sobre uma série de enunciados, discursos, atos, estratégias e práticas performativas. A categoria gênero é algo feito por atos sequenciais, repetidos, que aparentam ser algo naturalizado. A feminilidade e a masculinidade também se fazem através de repetições de atos, gestos e estabilizações do corpo (LOURO, 2017).

Na viagem pela vida qualificam os heróis, as heroínas viajantes, sujeitos legítimos(as), corpos que importam, obedientes as normas que regulam a cultura e desqualificam aqueles(as) que cruzam fronteiras proibidas, que desviam da rota, enveredam por caminhos improváveis (LOURO, 2017).

Pretende-se que a viagem que assim se inicia siga uma sequência, ou seja, uma rota, precisa e coerente entre sexo- gênero-sexualidade. O sexo (definido como macho ou como fema) deverá indicar um gênero (masculino ou feminino) e implicar uma única forma de desejo (dirigida ao sujeito de sexo/gênero oposto) [...] (LOURO, 2017, p.75).

O ato de nomear o corpo acontece nos moldes de uma lógica binária, supõe sexo um dado anterior a cultura, de caráter a-histórico e inaugura a masculinização (LOURO, 2017, p. 75). Como pensar em mudá-lo? Há um complexo processo para fazer o corpo masculino ou feminino. Somos constituídos homens e mulher, nos tornamos (LOURO, 2008).

A violência miúda do dia a dia tem efeitos sociais e materiais, discrimina, exclui, aparta seu alvo dos grupos sociais, retira direitos, transforma o sujeito em tabu, inimigo, promove o distanciamento, o contágio moral, restando “[...] refúgio na solidão ou tentar encontrar outros igualmente desprezados” (LOURO, 2017, p.66). A segregação em parceria com a violência influenciam aqueles(as) que se percebem não heterossexuais a criarem estratégias e a ficarem em silêncio, disfarçar, esconder seus desejos condenados, negar, a desaparecer. “A dissimulação e a mentira podem ser algumas das primeiras aprendizagens feitas na escola” (LOURO, 2017, p. 69).

As pessoas que não se encaixam aos padrões hegemônicos cisheternormativos são vistas como desviantes, variações não-hegemônica, pois transgridem às normativas cisheteronormativas, transitam em campos que fogem aos padrões do conforto moralista, religioso, político, machista dominante, são consideradas pessoas em identidades marginalizadas, rejeitadas, em situação de vivências precárias (BUTLER, 2019), muitas vezes impedidos(as) de existirem em sociedade, vítimas de violências LGBTfóbicas e/ou transfóbicas tendo vidas ceifadas (GGB, 2020; ANTRA, 2020). Muitos(as) Lésbicas, Gays,

Bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, e mais (LGBTQIAP+) são assassinados(as) por serem considerados desviantes e diferentes, mesmo em contexto de isolamento social em decorrência de pandemia.

Entendemos ser empobrecedor condensar no termo “gay” a miríade de identidades e expressões de sexualidade humana, distinta das normas cisheteronormativas. Cada letra na sigla LGBTQIAP+ representam seguimentos das várias expressões de identidades sexuais, é um indicador de existência, de pertencimento a um grupo, pode proporcionar visibilidade identitária divergente, possibilita organização grupal, política e luta por direitos sociais. O empoderamento em poder existir, ter voz, lugar de fala, as identidades LGBTQIAP+ são variáveis contrárias as normas culturais hegemônicas, podem ter direitos a mudança de nomes (nome social), intervenções cirúrgicas para redesignação sexual se assim o quiserem.

A sigla LGBTQIAP+ vem sofrendo alterações, acréscimos e pode sofrer alterações futuras. Antes era usada a sigla GLS (Gays, lésbicas e simpatizantes) foi alterada pois apresentava proximidade com a dominação masculina e machismo, masculinidade sobrepondo-se ao feminino, mesmo na comunidade LGBTQIAP+, por isso a necessidade de alterações.

A homossexualidade provoca estranhamentos. Nós devemos refletir sobre como vivenciamos a experiência do masculino e das variações não-hegemônicas? Como isso nos atravessa? Que sentimentos e emoções a homossexualidade nos causa e por quê? Nós somos empáticos(as), acolhedores(as)? Respeitamos as diferenças identitárias? A escola e o currículo cumprem o papel de acolher e respeitar as diferenças e identidades sexuais?

A masculinidade tóxica é uma norma cultural incitada pelo patriarcado, machismo e impõem um modelo único de ser e estar homem, não podendo desviar. O macho não deve demonstrar sentimentalidades, deve apresentar sexualidade exacerbada, agressividade, gostar de futebol, ser bruto etc. Os desejos sexuais, se diferente for, melhor que sejam anulados. A masculinidade tóxica pode contribuir com a cultura do estupro, da sexualização e violências domésticas. Sexo deveria ser para perpetuação da espécie humana, discurso fortemente divulgado por pessoas de direita extremista. As falácias impregnadas de preconceito compactuam com a precariedade da vida daqueles(as) que nascem e encontram-se desviados(as) aos padrões cisheteronormativos (BUTLER, 2019).

A educação escolar é um campo poderoso de prática para liberdade, no qual professores(as) não partilham apenas conhecimentos acumulados pela humanidade, podem “participar do crescimento intelectual e espiritual dos(as) nossos(as) alunos(as). Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos” (hooks, 2013, p.25), de modo holístico, profundo, íntimo, engajado, transgressor, crítico, criativo que foge a rotina da linha de produção

em massa, modifica quem recebe e quem doa, professores(as) alunos(as) e a sociedade são agraciados.

A educação pode ofertar instrumentos para valorizar o respeito as miríades de gêneros que divergem aos padrões cisheteronormativos. Os processos educacionais escolares auxiliam na construção da personalidade, no caráter, constituindo cidadãos(ãs) conscientes de seus direitos, deveres, respeitando a vida, a dignidade, a diversidade humana, o(a) próximo(a) em suas subjetividades.

As pessoas LGBTQIAP+ diferem das normas, presentes na sociedade e na escola. Como os meios escolares lidam com essa demanda? Acolhendo, de modo holístico, valorizando a pessoa em suas expressividades e subjetividades? De acordo com Junqueira (2010) isso nem sempre acontece.

Forças contrárias às sexualidades não hegemônica atuam na construção social, ainda polêmica na educação e nas instituições escolares, principalmente pela multiplicidade de visões, crenças, tabus, interditos e valores daqueles(as) que nelas estão inseridos (BRASIL, 2001; SCHINDHELM, 2011; SEFFNER, 2011, 2014).

A forte ancoragem em modelos hegemônicos de gênero em relação as sexualidades foram criações, nas quais afirmações e exclusões fazem parte desse processo. As práticas científicas principiaram essas modulações conforme nos aponta Grossi (2010):

[...] a ciência que aprendemos desde a escola reflete os valores construídos no Ocidente desde o final da Idade Média, os quais refletem apenas uma parte do social: a dos homens, brancos e heterossexuais. Sempre aprendemos que Homem com H maiúsculo se refere à humanidade como um todo, incluindo nela homens e mulheres. Mas o que os estudos de gênero têm mostrado é que, em geral, a ciência está falando apenas de uma parte desta humanidade, vista sob o ângulo masculino, e que não foi por acaso que, durante alguns séculos, havia poucas cientistas mulheres (GROSSI, 2010, p.4).

Grossi nos alude que “grande parte das mulheres queimadas como ‘bruxas’ pela Inquisição eram mulheres que faziam ciência e lidavam com plantas e processos de cura” (GROSSI, 2010, p.4). Adentrar a campos opostos da determinação patriarcal implicava na eliminação do feminino, pois fluíam para além do papel social a elas imputado.

O desenho das configurações de gênero implica na execução de papéis generificados e nesse sentido estes devem ser entendidos pelo viés teatral “ou seja, uma representação de um personagem. Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada

cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra” (GROSSI, 2010, p.6). Gênero, portanto deve ser entendido como uma “construção cultural coletiva” que engloba atributos do masculino e do feminino.

Nesse viés as *drags queens* e *drags kings* são montagens performáticas, remuneradas ou não, afinal qualquer identidade de gênero pode montar-se *drags* e performar-se, não obrigatoriamente precisam apresentarem conflitos de identidade de gêneros, como acontece com as mulheres e homens transsexuais.

A fixidez desses papéis implica em conflitos referentes aos desejos, as atrações e preferências individuais referentes as sexualidades, pois a norma hegemônica cisheteronormativa dita e obriga que se tenha atração e desejo pelo sexo oposto ao seu. Sendo assim como classificar, definir as sexualidades desviantes? Diante de um modelo político de gestão de corpos e desejos, mulheres e homens que querem viver sexualidades não-heterocentradas são estigmatizados(as) como pessoas anormais, acusadas de corromperem seus gêneros.

O normal tem como função ao mesmo tempo definir o indefinido e este passa a ser qualificado a partir da norma. A norma torna-se referência para tudo o que escapa a ela. Todos(as) precisam estar em suas respectivas classificações, em seus respectivos quadrados. Nesse sentido o conceito de normalidade deve ser dinâmico e não estático. “Normalizar é impor uma exigência a uma existência” (CANGUILHEN, 2006, p.109), estabelecendo o que é normal e direito, sugerindo o que precisa ser consertado, endireitado, normalizado e redesignado.

Porém, entendemos que essa distinção se trata de uma construção acentuada no século XIX em benefício dos detentores do poder, pois esse tipo de atração entre pessoas do mesmo sexo faz parte do ser humano, desde tempos recuados. A atração sexual entre pessoas do mesmo sexo existia. Na Grécia Antiga havia relações sexuais entre homens com a função de iniciação. O prazer e desejo existia nesses amores masculinos. Na Roma Antiga a homossexualidade era tolerada desde que não houvesse afastamentos dos deveres de cidadãos para com a sociedade; não utilizassem pessoas de posições inferiores como objetos de prazer e evitasse o papel sexual passivo com subordinados, porém exceções ocorriam (BORRILLO, 2010, p.45-46).

A homossexualidade antes era denominado de sodomia “(uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir)” (LOURO, 2018, p.27). Ao observarmos pelo viés religioso, a bíblia traz exemplos dessa existência e ali mesmo repudia essa atração ou classifica como pecado cujos adeptos devem ser impedidos de herdarem o reino dos céus.

No Novo Testamento em I Coríntios, Capítulo 6 e versículo 10, encontramos a seguinte restrição “não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados,

nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus” (BÍBLIA SAGRADA, I CORÍNTIOS, 6:10, 2013, p.232).

Segundo o pastor Henrique Vieira, em entrevista a Carta Capital (2019) a bíblia vem sendo interpretada em fragmentos, descontextualizados, numa visão eurocêntrica, invisibilizando as bases originais da fundação e finalidade bíblica, tem sido interpretada por um viés da colonização e dominação das mentes. Vieira relata que Jesus transparece no rosto daqueles(as) que sofrem, sendo assim, uma mulher trans, ou homem trans, um(a) negro(a), um homossexual, lésbicas, indígena podem assemelham ao filho de Deus. Jesus é a expressão central do amor para com os que sofrem, os(as) oprimidos(as). Na época que os textos bíblicos foram escritos, destinavam-se a um povo em condições precárias, restritivas de terras e contínuas explorações, empregar isso a comunidade LGBTQIAP+ atual, a nosso entender é algo que foge ao princípio exemplar do amor de Cristo.

Ainda no Novo Testamento em Romanos capítulo 1 e versículos 26 e 27 encontramos punição e repulsa pela união entre pessoas do mesmo sexo:

Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro (BÍBLIA SAGRADA, ROMANOS, 2013, p.209-210)

A bíblia tem sido interpretada pelo viés eurocêntrico e colonizador invisibilizando as interpretações e leituras de base sobre o tempo, local que as escrituras foram feitas e a população que se destinava (CARTA CAPITAL, 2019).

Como combater pautas conservadoras e incluir pautas emancipadoras do evangelho, abordando questões de gênero, combate ao preconceitos e injustiça social? Seria isso possível? A nosso entender são temas que pulsam nos evangelhos e a igrejas parecem querer fazer calar. O cristianismo associou-se ao conservadorismo, hegemônico e atrelado ao discurso de poder, impondo, esquecendo-se de questões sociais, de justiça e da existência das massas populacionais oprimidas. O Deus que aparece na bíblia está voltado para os povos e entre as massas populacionais. Jesus caminhava e vivia entre a plebe, entre pessoas e corpos oprimidos que peregrinavam pelo deserto, Ele não compactuava com os ricos e dominadores. O olhar

eurocêntrico busca silenciar essa vertente (CARTA CAPITAL, 2019). Daí oprimir, colocar as mulheres e todos(as) pertencentes a LGBTQIAP+ como inferiores. Parece haver um discurso hegemônico histórico patriarcal declarado que perpassa, como um divisor entre o homem cisheteronormativo superior contrário a homossexualidade pautada no(a) pecador(a) e inferiorizado(a).

Ao observarmos Margareth Mead (1988), no começo do século XX, ao sair do ocidente, concluiu em seus estudos que havia posicionamentos distintos entre homens e mulheres, inclusive em relação a sexualidade. Em três tribos diferentes na Nova Guiné observou que em uma delas as mulheres eram mais aguerridas e os homens mais passivos. Em outra tribo ocorria o inverso e na terceira havia a fusão de ambos. Enfim, havia papéis muito distintos e uma alternância e convivência entre os diferentes grupos. No entanto cientistas ocidentais tendem a ver pelo prisma que lhes é conveniente (GROSSI, 2010, p.6), possibilitando as interpretações de interesses particulares do masculino como sendo dominante e superior.

As hierarquias são proferidas nos discursos dominantes tecendo uma associação intrínseca entre sexualidade e gênero como se fossem indissociáveis. Daí surgem os critérios que “[...] costuma-se classificar indivíduos que mantêm relações sexuais e/ou afetivas com outros do mesmo sexo como homossexuais, uma categoria que remete imediatamente, no imaginário ocidental, à ideia de doença, perversão ou anormalidade” (GROSSI, 2010, p.9). No entanto, parece haver um consenso no qual a sexualidade é um termo amplo que envolve emoções, sentimentos, comportamentos, subjetividades de cada ser humano e não se trata aqui do ato sexual - “sexo”, ou do órgão sexual, sexualidade vai muito além, percorre e acompanha cada ser humano ao longo da vida (MACHADO; PICCOLO, 2010).

Historicamente observa-se que no ocidente com o advento do Iluminismo novas divisões se impõem como os papéis de gênero e suas distinções entre o masculino e o feminino, entre os espaços públicos e o privados. Esses papéis são determinados biologicamente se contrapondo a cultura. No entanto, referente a identidade de gênero, esse projeto moderno ignorou o envolvimento do “sentimento individual de identidade” (GROSSI, 2010, p.8).

Diante de um movimento histórico e de construções de categorias explicativas em relação as questões de gênero, pontuou-se que sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais), como nascemos com pênis ou vagina. A identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada, como ele(a) se vê e se apresenta. A sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e

sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos (GROSSI, 2010, p.12), desejo, afetividade e atração.

Também o heterocentrismo constitui categorias. Ele distingue os dominantes, que são os homens ativos, penetrantes, e os outros, aqueles(as) que são penetrados(as), logo dominados(as). E é claramente a homofobia que se aplica àqueles(as), homossexuais, bissexuais, transexuais, desvalorizando-os(as) porque eles(as) não adotam, ou são suspeitos de não adotarem, configurações sexuais naturais (WELZER-LANG, 2001, p.468).

Diante dessas assertivas as identidades de gênero constroem-se diante da percepção de cada indivíduo diante de si e da sociedade com ajustes e conflitos. A existência de inadequações, se processam em meio a transições, flexibilidades e alternâncias entre ambos os sexos (macho e fêmea). Pessoas que não se adequam em relação ao biológico e ao seu psicológico são denominados de transgêneros, transexuais e travestis e aqueles que estão em conformidade, ou seja, adequados entre genitália e posicionamentos psico-sócio-cultural são denominados de “cisgêneros”.

Neste processo surgem questionamentos e posicionamentos reflexivos que observam outras práticas sexuais e afetivas. A teoria *queer* é uma delas.

Os(as) ativistas *queer* se definem como *anti-assimilationistes* e querem agrupar todos aqueles e todas aquelas, que adotam as identidades sexuais e/ou identidades de gênero em diferença com as normas heterossexuais: gays, lésbicas, transgêneros, bissexuais... Grupos que contestam o próprio fato de serem colocados em categorias. Também criticam ao mesmo tempo o binarismo homem e mulher e o heterossexismo da classificação dessas próprias categorias. A análise *queer* visibiliza uma parte das mudanças já realizadas (WELZER-LANG, 2001, p.473).

No final do século XX, com as novas tecnologias de reprodução abalou-se a crença de que a reprodução é um dom de Deus, derivado de um intercurso sexual entre um homem e uma mulher. Surgem questionamentos e Grossi (2010) acredita ser “[...] importante salientar que a sexualidade – isto é, as práticas eróticas humanas – é também culturalmente determinada” (GROSSI, 2010, p.9).

Percebemos que

[...] no final do século XIX, por exemplo, pensava-se que o desejo sexual era uma característica masculina e que as mulheres copulavam apenas para as necessidades de reprodução da espécie e da família. O prazer feminino era percebido como perigoso e patológico, sendo que passividade e frigidez eram considerados comportamentos femininos “naturais”, portanto ideais. Hoje, com as inúmeras contribuições da Psicanálise e dos movimentos de libertação das mulheres, o desejo e o orgasmo

femininos não são mais vistos como pecaminosos ou ‘antinaturais’. Vemos, portanto, que os valores associados às práticas sexuais são marcados historicamente (GROSSI, 2010, p.10).

Algo semelhante “[...] ocorreu em relação a práticas erótico-sexuais entre indivíduos do mesmo sexo que, em inúmeras culturas do planeta, são vividas e experimentadas como possíveis e não ‘anormais’” (GROSSI, 2010, p.10). No século XIX, em virtude do advento da Medicina, a homossexualidade foi considerada anormalidade e doença. De lá para cá foram ocorrendo mudanças lentas e gradativas para positivar essas relações. Com o advento dos movimentos feministas na década de 1960 e 1970 surgiram os questionamentos e posicionamentos significativos em relação as “minorias” e aos gays e somente em 07 de maio de 1990, a homossexualidade deixou de ser listada como doença saindo dos manuais de medicina.

O debate no campo da Psicanálise corroborou nesse processo, desde que Freud formulou a hipótese de que todo indivíduo é portador da bissexualidade psíquica, ou seja, da possibilidade de desejar tanto indivíduos do mesmo sexo quanto do sexo oposto. Poucos, no entanto, foram os psicanalistas, como Lacan e seus seguidores, que buscaram compreender as práticas sexuais não exclusivamente heterossexuais (GROSSI, 2010, p.10).

Na sociedade que estamos inseridos nos deparamos com inúmeros preconceitos em relação as sexualidades não hegemônicas, ou seja, aquelas que diferem das normas e não são preferência da maioria cisheterossexual. Sabemos que a sexualidade é campo central de conhecimento e disputa política, ligada ao que é “normal” e ao que é “desvio”, sendo o desviante incorreto, diferente, torto e desprezível (SEFFNER, 2014). Na figura que segue temos alguns indícios desse desprezo.

**FIGURA 53** – Desenho - (Homossexualidade: preconceito/violência)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador



Diante do uso da violência simbólica ao atribuir o nome “viado” e da violência física representada pela arma questiona-se a negação da existência de outras possibilidades de afetos e desejos. Há ainda um “X” sobre os dois personagens indicativo de algo proibido, como se a homossexualidade fosse algo proibido e os gays deveriam ser eliminados. Existe uma relação histórica entre o uso de armas, a violência e a masculinidade. Zimmermann (2017) aponta que violência deriva da palavra latina *vis* e significa a força exercida contra alguém. “No plural *vis* designa os órgãos sexuais do homem e as forças militares [...] e por extensão a força policial, isto é, ao uso das armas como forma de relação entre as pessoas” (ZIMMERMANN, 2017, p.29). Percebe-se aí também uma associação entre a violência, a masculinidade e o falo.

Como essa associação se cristalizou? Por que algumas vidas não merecem ser vividas? A rigidez nos esquemas de pensamento binário e de modelo heterossexual aceito é corroborante dessa violência? Os discursos LGBTfóbicos funcionam mediante a censura de seu próprio exercício libidinal?

Grossi (2010) reflete sobre a classificação das sexualidades não hegemônicas e questiona como classificar, então, segundo o gênero, por exemplo, os homossexuais masculinos, as travestis, as *drag queens*? Se não são homens, como se costuma dizer, são mulheres? E as lésbicas, as mulheres travestidas – os travestis –, os *drag kings*<sup>3</sup>? A que gênero pertenceriam? Existiria um terceiro gênero, no qual se poderiam colocar todos estes indivíduos desviantes? Como se sentem estes indivíduos? (GROSSI, 2010, p.11). Poderíamos classificá-los como gente ou seres humanos(as).

Afinal somos todos(as) passíveis de direitos, respeito pelo que somos e como somos? O artigo 1º, da Constituição Federal de 1988 prevê a igualdade e proteção da dignidade humana (SENADO FEDERAL, 2018) nem sempre seguida.

Nas instituições escolares também nos deparamos com sexualidades alternativas, sexualidades periféricas, sexualidades marginais, sexualidades não hegemônicas e minorias sexuais. Porém, nestas instituições as práticas de sexualidade hegemônica, ou seja, normal, a cisheteronormatividade será a aceita pela sociedade. Ser heterossexual significa estar em um “campo de práticas tidas como normais, lícitas, saudáveis” para poder escolher os melhores cargos, ter melhores salários, ser superior, autônomo ter “potência sexual, iniciativa, prestígio” (PETRY; MEYER, 2011 apud SEFFNER, 2014, p.74). Segundo Seffner: “para ser mais direto,

---

<sup>3</sup> Mulheres que se montam (vestem) de homens e atuam performaticamente.

é necessária na escola uma preocupação em falar da sexualidade como construção cultural e política, tanto quanto falar dela com como algo do terreno da biologia” (SEFFNER, 2014, p.73).

É verdade que a contestação pelas feministas da dominação masculina fez com que alguns temessem o aparecimento de um modelo único (*L'un est l'autre*), da androginia indiferenciada? É justamente o contrário que aparece, no caso dos homens: *transgenders*, *transgêneros*, *drag queens*, *SNAG*, *gender fuckers*... são alguns destes exemplos. Opostos à dualidade dos modelos de masculinidade e de feminilidade, as críticas masculinas do sexismo e/ou da homofobia e/ou do patriarcado/viriarcado veêm aparecer novos modelos, múltiplos, nos quais as lutas internas das relações sociais de sexo encontram outros espaços de debates (WELZER-LANG, 2001, p.472). De acordo com a entrevista de Margareth Rago podemos inferir aqui as práticas da filoginia. “A palavra filoginia vem do grego *philos* (amigo) e *gyne* (mulher), e designa o amor às mulheres, enquanto seu oposto, a misoginia, traduz a aversão a elas” (NASCIMENTO, 2020b, p. 1). O discurso da misoginia tem imperado e carece ser refletido e diluído.

Mudar nossos paradigmas críticos, pelo menos aceitar que se juntem análises anti-sexistas e não heteronormativas, oferece instrumentos para desconstruir nossas representações unívocas, muito frequentemente uniformes, dos homens e do masculino. A escuta dos homens, das mulheres que hoje vivem, encenam ou sugerem outros tipos de sexualidade, de gênero que contribuem para isso (WELZER-LANG, 2001, p.474) e podem coabitar na terra.

As discussões sobre sexualidades e gêneros possibilitam uma pluralidade de pensamentos e de formas de viver suas subjetividades com valorização do respeito as diferenças existentes.

A partir da segunda metade do século XIX, as pessoas homossexuais passariam a ser categorizadas e nomeadas “como desvio da norma, e seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação” (LOURO, 2018, p.27), sendo exposto a violência e rejeição social.

Instituições como a justiça, as igrejas, os grupos conservadores e os grupos emergentes irão atribuir a esses sujeitos e suas práticas distintos sentidos. Com isso trava-se uma disputa de “significado moral” entre os que apoiam como normalidade e aqueles que entendem como “caráter desviante, a anormalidade ou inferioridade do homossexual” (LOURO, 2018, p.28). Essas atribuições se fizeram refletir socialmente:

[...] a conquista destes direitos não significa a retirada de direitos a outros que já os possuem. Ao contrário, trata-se de “esticar” direitos já existentes, que agora passam a incluir sujeitos que deles estavam privados, em razão de uma preferência sexual

específica. Verificamos que muitos direitos, especialmente aqueles ligados à constituição de família, valiam apenas para os sujeitos heterossexuais. Em nome da igualdade, agora se estendem estes direitos a indivíduos que manifestam outras preferências sexuais e de gênero. Isso nos indica que, para além de campo de conhecimento, a sexualidade é campo de disputa jurídica, ou, dito de outro modo, os conhecimentos gerados no campo da sexualidade são utilizados na disputa pública por direitos e constituição de identidades (SEFFNER, 2014, p.69).

Do “Movimento de Libertação Homossexual no Brasil” criado em 1975, participam intelectuais que foram exilados, artistas levando adiante suas “inquietações políticas feministas, sexuais, ecológicas e raciais que então circulavam internacionalmente” (LOURO, 2018, p.28). Isso vai tomando corpo.

No Brasil partir da década de 1980 a temática da homossexualidade, passa a ser discutida em grupos nas universidades com apoio nas teorizações de Michel Foucault (LOURO, 2018, p.31). Observa-se que “reintegrando formas de sexualidade em geral qualificadas de ‘passivas’, não-penetrantes, a análise é obrigada a questionar o que esconde o discurso atual, como o discurso, dito sábio ou militante, que reproduz valores homofóbicos e sexistas” (WELZER-LANG, 2001, p.474). Mas, os bancos das escolas de Educação Básica, assim como muitos professores carecem de cursos de formação continuada e de material formativo.

Nos grafitos escolares, a homossexualidade é apresentada sob uma ótica depreciativa, incluindo xingamentos, destinados aos grupos LGBTQIAP+. Muitos grafitos representam que a homossexualidade é algo feio e anormal. Nestas imagens, o mecanismo de censura atua para intensificar a eficiência do discurso de poder. Se a escola não trabalha o tema, muitas vezes silenciado, reprimido, mas latente e presente nas carteiras escolares, pode gerar violências físicas e simbólicas. Na figura que segue temos um exemplo dessa violação:

**FIGURA 54** – Desenho – (preconceito)



Fonte: acervo do pesquisador.

A Fig. 54 encontrada em uma carteira com o nome Luis Eduardo “XXXXXX”, apresenta exposição ou denúncia em relação a homossexualidade do outro, por não pertencer a norma hegemônica. Este tipo de grafito pode estar referindo-se a algum colega da escola ou a algum professor. Aqui acreditamos ter a intencionalidade expositiva, depreciativa, de cunho preconceituoso. A autoria do grafito denuncia que Luis Eduardo seja homossexual, “é viado”, complementada pelas ilustrações de dois pênis ejaculando.

Percebemos uma fixidez centralizada do pênis em nossa sociedade e nos discursos presentes. A Fig. 54 indicia a condição de identidade sexual do indivíduo, se ele não confessar outros o farão por ele, como se fosse um crime, ou algo do tipo. Vivemos em constante vigilância e os(as) alunos(as) reproduzem esses comportamentos, mantendo as engrenagens do patriarcado cisheteronormativo atuante.

No geral, algumas posturas LGBTfóbicas e transfóbicas são justificadas a partir das noções de sexo. Certas identidades e expressões de gênero são consideradas contrárias a natureza humana. Tais ideias generalizadas procuram identificar e afirmar sua origem biológica como natural, para as normas sociais definidas coletivamente. Portanto, deslegitimam aqueles(as) que não se identificam nos parâmetros de identidade normativos associados ao sexo. Isso nos soa como produções ideológicas particulares que recortam, tomam um fragmento como o todo, julgam ser o natural e ignora, ou busca anular a natureza da espécie humana no mundo. Essas ideologias ecoam em discursos médicos, biológicos, científicos, religiosos, políticos, mas nem por isso são verdades absolutas que justifiquem a discriminação, a violência embasada no gênero.

O grafito indicia a centralidade do sexo em nossa sociedade. Denúncia e expõe as preferências sexuais dos indivíduos. O privado, subjetivo tende a ser exposto ao público, um comportamento retrogrado, caracterizando a supremacia hegemônica. Esse tipo de exposição, não engrandece, visa ferir, denegrir a imagem e a moral do indivíduo, por meio de xingamentos, *bullying*, meios ofensivos, agressivos e prenunciam alertas aos demais: quem se enveredar pelo caminho desviante da homossexualidade sofrerá retaliações. Estejam preparados(as)!

Afinal, “aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados ‘próprios’ de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes [...]” (LOURO, 2018, p.80) e devem ser punidos, serão rotulados como minorias, por serem considerados(as) desviantes. “Talvez sejam suportados, desde que encontrem seus guetos e permaneçam circulando nesses espaços restritos” (LOURO, 2018, p.80).

Durante a segunda Guerra Mundial, 1941 a 1945, militares norte-americanos suspeitos ou considerados homossexuais eram encaminhados para São Francisco na Califórnia, para uma espécie de repartição militar que decidiria sobre o destino desses(as) militares. Quase 10 mil gays e lésbicas ali foram dispensados(as) e muitos(as) ficaram pela cidade. Nos anos 70 houve migrações de homossexuais para lá. Atualmente cerca de 15% da população de São Francisco é de homossexuais, tornando-se a capital mundial gay (URBIM, 2016).

Seffner pontua que “as informações sobre a vida sexual de um indivíduo, suas preferências e seus modos de vida sexual, eventualmente suas ‘taras’, são uma parte vital do que levamos em consideração na hora de julgar os indivíduos. É o chamado sexo rei [...]” (SEFFNER, 2014, p.69). Sobre essas violências Louro (2006) evidencia que:

movimentos organizados das chamadas “minorias” sexuais, bem como campos de estudo teóricos (os estudos gays, os estudos lésbicos, a teoria queer) têm denunciado os processos de submetimento e marginalização que homens e mulheres homossexuais experimentaram e experimentam, bem como têm demonstrado o caráter construído dessa e de todas as demais formas de sexualidade. Acentua-se, agora, a idéia de que a heterossexualidade é apenas uma das muitas possibilidades de sexualidade – ainda que ela seja aquela que compulsoriamente se pretende que todos, homens e mulheres, devam viver. Como já disse antes, o centro continua exercendo seu poder de atração. E aqueles e aquelas que dele se afastam são desviantes. É claro que esses já existiam em outras épocas, mas hoje eles e elas estão mais organizados e, evidentemente, muito mais visíveis (LOURO, 2006, n.p.).

De acordo com Vilela (2017) a homofobia propagada nas salas de aulas e o silenciamento de muitos(as) professores(as) e das instituições escolares, podem colocar em risco a vida escolar e a própria vida do(a) estudante, que desmotivado(a) e vítima de ofensas diárias, pode deixar de frequentar a escola. Estes(as) adolescentes, muitas vezes não tendo a quem recorrer, podem até tentar o suicídio, ou podem ser mortos nas ruas. No entanto, na escola pesquisada não deparamos com tais situações.

Nos séculos XIX e XX a moralidade, a religiosidade e a medicina consideraram a homossexualidade como anormalidade e doença (homossexualismo). A Associação Americana de Psicologia (APA) na década de 1970 e a Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1993 orientavam profissionais de saúde que a orientação sexual homossexualidade não deveria mais ser considerada um transtorno da sexualidade humana. Com o advento dos movimentos feministas na década de 1960 e 1970 surgiram questionamentos e posicionamentos

significativos em relação as “minorias<sup>4</sup>”, incluindo os gays. No Brasil o Conselho Federal de Psicologia (CFP), seguindo orientações e diretrizes da APA e da OMS, por meio da Resolução 1/1999 normatiza e altera dos manuais nosológicos o termo homossexualismo para “homossexualidade” pois não se trata de doença ou perversão.

Segundo Louro (2017) relata que há estratégias e técnicas abusivas que intencionam recuperar os seres desviantes (homossexuais), ou então salvá-los, por estarem em pecado. Estes deveriam ser reeducados em serviços especializados, “[...] por padecerem de desordem psicológica ou por pertencerem a famílias desestruturadas; e ainda mantê-los distantes e a salvo das más companhias” (LOURO, 2018, p.81). Há homossexuais tanto entre famílias nucleares, estruturadas financeiramente como em constelações familiares distintas carentes ou não. Como e por que tratar (curar) pessoas se homossexualidade não é doença? O que precisa de tratamento é a ideologia preconceituosa.

Podem ocorrer processos de formação dos(as) professores(as) em educação em sexualidade, implantação transversal de discussão, reflexão e questionamento imprescindíveis para o envolvimento de toda a comunidade escolar, incluindo os pais, mães e responsáveis dos(as) alunos(as) no sentido de valorizar o respeito e acolhimento das diferenças.

As instituições escolares podem ampliar a noção de conhecimento de todos(as) a respeito do mundo que vivem, disseminando valores e hábitos de coexistência, urbanidade e acolhimento das diferenças, fazendo seu papel formativo institucional. Porém, imputar à escola a resolução dos problemas da sociedade, não é possível. Especialistas discutem essa impossibilidade há décadas. Os preconceitos LGBTfóbicos e/ou transfóbicos muitas vezes são derivados da própria educação familiar, que essencialmente, se mescla a outras e inclusive no espaço escolar.

O trabalho de Vilela (2017) dialoga com muitas das colocações de Barbosa (1984) e de Sperling (2011), e traz ainda informações pertinentes sobre o universo adolescente, da sala de aula e conseqüentemente da escola. Estes dados podem contribuir para ações futuras que visem proporcionar um ambiente acolhedor, de reflexão e questionador de valores impostos pela sociedade, a respeito da sexualidade destes jovens. Para tanto, se faz necessário que haja diálogo entre os agentes educadores e os(as) estudantes e que a escola não silencie assuntos como a homossexualidade, orientação sexual e questões de gênero nos currículos escolares, assuntos estes, importantes na formação de pessoas conscientes de sua sexualidade.

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma atribuição valorativa imputada a um determinado grupo sob um olhar dominante.

Os(as) adeptos(as) as linhas foucaultiana e butleriana entendem que os corpos são criações sociais, por haver uma “[...] premissa, bastante consagrada, costuma afirmar que determinado sexo (entendido, neste caso, em termos de características biológicas) indica determinado gênero, e este gênero, por sua vez, indica ou induz o desejo” (LOURO, 2018, p.74).

Lacan (1966) observou as homossexualidades masculina e feminina e suas criações sociais:

[...] poderíamos acrescentar, neste ponto, que a homossexualidade masculina, conforme a marca fálica que constitui o desejo, constitui-se na vertente deste, e que a homossexualidade feminina, em contrapartida,[...], orienta-se por uma decepção que reforça a vertente da demanda de amor. Estes comentários mereceriam ter maiores nuances mediante um retorno à função da máscara, na medida em que ela domina as identificações em que se resolvem as recusas da demanda (LACAN, 1966, p.702).

Segundo o excerto acima Lacan (1966, p.702) comenta que a homossexualidade feminina, “[...] orienta-se por uma decepção que reforça a vertente da demanda de amor.” No referente ao desejo nas tramas que o falo exerce. Seria uma espécie de vertente da pulsão do desejo, concatenado nas tramas inconscientes e/ou primitivas do indivíduo.

Como já dito, vivemos em tempos cujas as manifestações de preferências e condições sexuais tendem cada vez mais serem expostas, declaradas, vindas a público.

**FIGURA 55** – Desenho – (Homossexualidade feminina)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A figura 55 sugere a atividade sexual lésbica. Louro (2006, n.p.) apresenta “um estudo realizado por Nádja Meinerz para sua dissertação de mestrado em Antropologia Social,

defendida em 2005, na UFRGS, e intitulada *Entre mulheres: estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios*” (MEINERZ, 2005 apud LOURO, 2006, n.p.). Nessa dissertação Nádia colhe relatos de um grupo de jovens mulheres lésbicas, classe média, sobre suas feminilidades. Elas circulavam por muitos lugares na cidade “[...] usualmente não se fixavam em guetos homossexuais tradicionais” (MEINERZ, 2005 apud LOURO, 2006, n.p.). E também “não havia entre elas a preocupação política de anunciarem sua condição de lésbicas [...]” (MEINERZ, 2005 apud LOURO, 2006, n.p.), embora saibamos que “numa cultura como a nossa, em que a amizade entre mulheres se expressa com gestos de afeto mais explícitos e desembaraçados, é tênue a linha que separa a amizade da parceria sexual. Tudo pode ser mais ambíguo [...]” (MEINERZ, 2005 apud LOURO, 2006, n.p.). Percebemos que em nossa cultura a amizade entre mulheres é aceita quase naturalmente mas esse tipo de proximidade entre homens é vista com ressalvas.

“A construção do feminino, neste grupo específico de mulheres, se faz numa constante negociação entre esses extremos, afirma Nádia. Para elas, a transgressão da sexualidade não implica, necessariamente, um rompimento com as fronteiras de gênero” (LOURO, 2006, n.p.).

Instalou-se um certo tipo de hipocrisia referente a homossexualidade. “Por trás da rigidez, há sempre alguma coisa escondida; em inúmeros casos, uma vida dupla” (MARTEL, 2019, p. 11). Estas palavras são do Papa Francisco que tem criticado um seguimento importante dentro da Igreja e do Vaticano, por serem conservadores “gays homofóbicos” que criticam homossexualidade, mas levam uma vida dupla. Pregam uma coisa e fazem outra (MARTEL, 2019). No campo da política brasileira há uma linha direitista conservadora contrária aos homossexuais em nome da moral e da família cristã.

A homossexualidade se faz presente e resistente a duras penas.

**FIGURA 56** – Desenho – (Homossexualidade: sexo anal)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador



A Fig. 56 estava sobre uma carteira e ilustra uma relação sexual homoafetiva com destaque para a ejaculação ou secreções expressas em ambos os pênis eretos. Indiciando coito e o não uso de preservativos. “No Brasil, de 1980 até junho de 2019, foram registrados 633.462 (65,6%) casos de aids em homens e 332.505 (34,4%) em mulheres” (MS, 2019, p.18), a partir de 2010 houve um aumento de casos de aids em homens. Em relação a exposição em indivíduos com 13 anos ou mais idade “[...] a principal via de transmissão em 2018 foi a sexual, tanto em homem (78%) quanto em mulheres (86%) [...]”, entre os homens o predomínio de exposição homo/bissexual (40,3%), superando a proporção de casos heterossexuais notificados (38,7%) (MS, 2019, p.26). No Brasil em 2018 a principal via de transmissão de HIV/AIDS foi a sexual tanto para homens quanto para mulheres a partir dos 13 anos de idade, a região Sudeste e Centro-Oeste apresentaram predomínio de exposição homo/bissexual (46,5% e 42,8% respectivamente), nas demais regiões o predomínio foi heterossexual (MS, 2019, p.26).

A existência de plasticidade nas relações afetivas e sexuais, mostra-se e nega-se. Welzer-Lang (2001) relata que nas cadeias “[...] encontramos os estupradores dos homens, pois ativos e penetrantes não vivem como homossexuais” (WELZER-LANG, 2001, p.468). A hierarquia tradicionalmente é ali estabelecida “[...] entre o ‘fodido’ e o ‘fodedor’” (WELZER-LANG, 2001, p.468), uma vez que sabemos que o primeiro será recriminado socialmente por transgredir a ordem ‘natural’ das coisas, devido a dualidade feminina (dominado) e masculino (dominante) por isso que “[...] em algumas culturas, só é considerado um ‘verdadeiro veado’ aquele que se deixa penetrar e não aquele que ‘penetra’” (WELZER-LANG, 2001, p.468).

Há homens e mulheres que se intitulam cisheterossexuais, conservadores, “monogâmicos”, porém são bissexuais e buscam por relacionamentos paralelos, seja com: homoafetivos, bissexuais, heterossexuais dando vazão aos seus desejos. Não há desabono na busca pela satisfação e felicidade sexual. O dano está na hipocrisia em apontar preconceituosamente as condições e escolhas dos(as) outros(as), impor a construção cisheteronormativa como natural e única. As pessoas devem ser livres para fazerem suas escolhas, parecerias, constituírem suas afetividades e subjetividades. Desde que os(as) envolvidos(as) estejam em comum acordo, podem desenvolver relacionamentos monogâmico, heterossexual, bissexual, homoafetivo, trisal, poliamor ou não.

As práticas sexuais, em comum acordo entre os(as) envolvidos(as), são naturais, saudáveis, esperadas, exceto envolvimento criminal, violências, abusos contra crianças e adolescentes, necrofilias, estupros os(as). A sexualidade pode ser experienciada. A hipocrisia moralizante deve ser combatida. O desejo sexual é latente no ser humano. O medo em ser

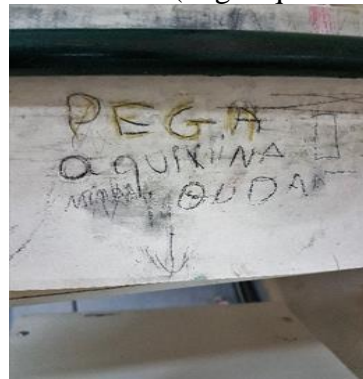
apontado, julgado faz com que muitos(as) pessoas sufoquem seus desejos sexuais e impedem a plenitude da sexualidade e felicidade de outros(as).

Sobre a construção da masculinidade nas relações homossexuais Grossi (2004) destaca marcas corporais e comportamentais:

[...] o antropólogo brasileiro Roberto da Matta conta uma brincadeira que era feita quando ele era jovem, no interior de Minas Gerais, onde um jovem perguntava para o outro: “Tem pente aí?”, passando a mão nas nádegas do amigo para ver se havia um pente no bolso da calça. A ação que um homem verdadeiro tinha que fazer era dar um salto e não deixar que tocasse nas suas nádegas. A partir deste exemplo, ele reflete sobre o que significa para um homem brasileiro controlar as suas nádegas para não ser penetrado. Porque se o cara deixar que toque ali, já é um indício que ele gosta de ser tocado por outro homem. É incrível como as nádegas no Brasil são poderosas nesse lugar para um homem ser o passivo (GROSSI, 2004, p. 6).

A passagem descrita e analisada por Grossi e a figura 57 “pega aqui na minha bunda” nos alude sobre as capilares manobras discursivas presentes nos processos de constituições das masculinidades na sociedade brasileira. Tal cuidado com as nádegas masculinas diz respeito ao homem heterossexual apenas?

**FIGURA 57** – Escrita – (Pega aqui na minha bunda)



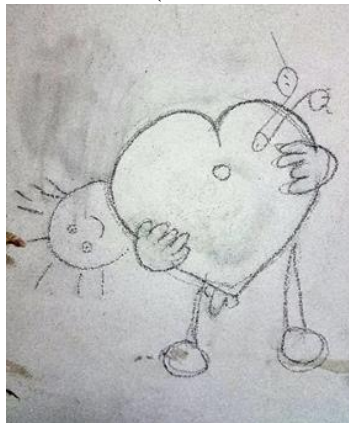
Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na Fig. 57 também nos remete a brincadeira do pente citada por Roberto da Matta, na qual o desejo em tocar ou possuir a bunda do(a) outro(a) é algo que instiga a curiosidade e o desejo. É um tipo de jogo, pois o adolescente ao deixar-se tocar nas nádegas indica uma homossexualidade confessada.

Nas palavras de Grossi (2004, p.6), no Brasil “[...] um homem que é homem, deve inclusive comer uns ‘veados’, pois o que o faz ser considerado homem é a posição de atividade

sexual, de penetração. Na nossa cultura, a atitude considerada ativa é a penetração sexual.” No entanto, esse mesmo homem cuidadoso com suas nádegas pode ser apreciador de outras nádegas masculinas, permanecendo na identificação de heterossexual.

**FIGURA 58** – Desenho – (Homossexualidade masculina)



Fonte: Acervo fotográfico do pesquisador

A figura 58 nos chamou a atenção pelo fato do personagem exibir o ânus e há um pênis próximo. Trata-se de uma imagem representativa de quanto a temática deve ser trabalhada mesmo: os glúteos no formato de coração, sugerem a possibilidade de que relações sexuais anais também possam ser expressões de amor, pensando no campo das representações.

O poema abaixo de Adélia Prado, reflete sobre o “objeto de amor”, fascínio, adoração, dádiva, preciosismo, beleza poética, representado pelo “cu”, nos proporciona, contemplação, agradecimento e amor por essa dádiva. Vejamos:

OBJETO DE AMOR  
 De tal ordem é e tão precioso  
 o que devo dizer-lhes  
 que não posso guardá-lo  
 sem a sensação de um roubo:  
 cu é lindo!  
 Fazei o que puderdes com esta dádiva.  
 Quanto a mim dou graças  
 pelo que agora sei  
 e, mais que perdôo, eu amo. (PRADO, 2015, p. 240)

A palavra “cu” é apresentada de modo poético. Há várias expressões em ambiência escolar e no cotidiano social que identificamos a palavra “cu” de modo não lírico. Conforme ilustram as figuras 59 e 60.

**FIGURA 59** – Escrita/ desenho – (“Toma no cu”)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Fig. 59 encontrada no tampo de uma carteira. Expressão equivalente a “foda-se”, “vai a merda”, etc. pode expressar alívio de tensões ou gerar raiva e tensões, depende do contexto de empregabilidade. As palavras “viado”, “caralh...”, “pint...”, “fud...” “bucet...” e “cu”, são comuns na ambiência escolar.

**FIGURA 60** – Escrita – (Cú grátis)

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na figura 60 encontramos atrás do encosto de uma cadeira escolar os dizeres “cú grátis”, provavelmente escrito com intenções de piadas e gracejos, insinuando que quem ali estiver sentado(a) põe à disposição seu ânus de forma gratuita. Nos remete as brincadeiras semelhantes ao uso do pente no bolso de trás da calça entre os jovens masculinos de Minas, lembrando que o rapaz para ser macho deveria defender suas nádegas, não deixando ser tocado nelas.

Adolescentes tem curiosidades pelas nádegas e pelo ânus. Talvez tenha relação com a fase anal freudiana, afinal, entendemos que o ânus é uma zona erógena, de expurgação das impurezas corporais e evacuar é algo prazeroso. Logo é possível entender que relação sexual, ou brincadeiras anais sejam motivo de curiosidade, interesse, excitação e desejo dos jovens.

Pode impor algum prazer em causar desconforto ou dor a outro(a) por meio da penetração anal, num jogo de dominante x dominado(a), ativo x passivo, superior e inferior.

As sexualidades não hegemônicas se fazem presentes e colocadas em evidência. Elas quebram os silêncios, os binarismos, resistem e clamam por respeito as diferenças de identidade sexual. A escola deve prezar pelo respeito a diversidade, valorização do humano, mostrando que as diferenças sexuais existem e coabitam nossa sociedade, prevalecendo atributos laicos.

Para Seffner (2014) essas temáticas deveriam ser tratadas de modo natural pois fazem parte do processo de vida. O respeito pelas diferenças deve ocorrer e ser mantido. As diferenças sexuais identitárias devem ser acolhidas, respeitadas para que crimes de LGBTfobias e transfobia sejam combatidos e evitados.

Há estratégias circulantes de controle e vigilância sexual que nos perseguem, atendendo ao universo de valores cisheteronormativos, machistas, hegemônicos, que atendem aos interesses da burguesa capitalista.

A homossexualidade põe em xeque as bases das famílias tradicionais cristãs e do patriarcado. A pedagogia social da sexualidade é reforçada por discursos de líderes políticos, religiosos, pelo machismo e por discursos LGBTfóbicos. Há microfascismos presentes nas relações conservadoras e autoritárias (NASCIMENTO, 2020).

Homossexuais, mulheres transexuais são estigmatizados(as), estão em situação de inferioridade, maior que a condição feminina cisheteronormativa. Os gays que apresentam proximidade com a feminilidade, são tidos(as) como membros de passividade, submissão, tratados(as) como “mulherzinhas” podem sofrer atos de LGBTfobia: agressões, abusos, serem invisibilizados, mortos, rechaçados, tendo direitos sociais negados. O homossexual masculino que se assemelham aos padrões cisheteronormativos, assim como lésbicas, transexuais masculinas por apresentarem atributos de masculinidade, podem sofrerem menos retaliações sociais e culturais, porém preconceitos existem e não há garantias totalizantes.

Em uma sociedade machista como a nossa, deseja-se ter ou ser homens poderosos, viris, destemidos, truculentos, violentos, bélicos, homens machos e fálicos. Os discursos machistas, de inferiorização do(a) outro(a) condensam a função fálica, colocando os homens e mulheres que não se encaixam nos padrões de masculinidade hegemônica como menos homens.

A presença constante de discursos hegemônicos, controle observacional panóptico dos corpos e comportamentos, controle pelo poder, ocasionando a internalização destes discursos que nos atravessam e nos constroem como sujeitos sociais (FOUCAULT, 2014, 2018). São importantes as propostas que buscam compreender os processos e práticas “inferiores”, as experiências dos sujeitos subalternos, a possibilidade de construção de identidades não

hegemônicas e as contribuições antidiscursivas que resistiram e negociaram com as camadas elevadas, prestando atenção especial às diferentes formas de resistência e ação formuladas a partir da subalternidade.

Em relação a temática homossexualidade há desenhos de rostos (Fig.61) e corpos masculinos relacionados ao culto do corpo masculino, belo, musculoso, seguindo padrões de masculinidade hegemônica, cisheteronormativa e cristã.

**FIGURA 61** – Desenho – rosto masculino/pênis



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Há discursos que pregam que ser homem bonito, que cuida da pele, do corpo, da roupas, do cabelo, das unhas tem relação direta com o universo dos gays, são direcionados a eles xingamentos de bichas, frescos, frutinhas, afeminados. Os dois pênis na Fig. 61 podem indiciarem que homem belo é homem gay. Nesse viés, os homens que demonstram cuidado para com a companheira, filhos(as), cuidar das tarefas de casa são considerados menos machos, pois aproximam-se da fragilidade, feminilidade, sentimentalidade, homossexualidade e são motivos de chacotas.

Demetriou discute o crescimento da visibilidade da masculinidade gay nas sociedades ocidentais. Isso fez com que se tornasse possível para muitos homens heterossexuais se apropriarem de “partes e pedaços” dos estilos e das práticas de homens gays e construïrem uma nova configuração híbrida de prática de gênero. Tal apropriação enfumaça a diferença de gênero, mas não enfraquece o patriarcado (DEMETRIOU, 2001, apud CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p.261).

De acordo com Connel e Messerschmidt (2013, p.261) as práticas masculinas heterossexuais em proximidade com algumas práticas gays talvez sejam aproveitadas criando um híbrido de masculinidade, porém ainda é cedo para estamos convencidos de que a hibridização descrita seja hegemônica, além de um sentido local. “Mesmo que a masculinidade e a sexualidade gay estejam em um processo de crescente visibilidade nas sociedades ocidentais

– testemunhado pela fascinação com personagens gays masculinos em programas de televisão como *Six Feet Under*, *Will and Grace* [...]” (DEMETRIOU, 2001, apud CONNEL, MESSERSCHMIDT, 2013, p.261). Os avanços são considerados limítrofes, não há universalidade ainda.

A Fig. 62 abaixo, encontrada em um carteira, nos faz refletirmos sobre processos mentais de dominação da masculinidade patriarcal, cisheteronormativa, hegemônica.

**FIGURA 62** – Desenho – figura humana



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Nos processos da pedagogia cultural da masculinidade, a Fig. 62 ilustra que estamos à mercê de normas discursivas hegemônicas. Percebemos uma figura humanoide, provavelmente deitado, sobre uma espécie de maca, ou mesa, talvez cirúrgica. Os indicativos das duas mãos são marcadas por um tipo de prumo de pêndulo ou (seta), semelhante ao pêndulo que aparece no ombro (esquerdo da figura), estrutura semelhante com o jogo da forca ou enforcado, podemos ler a palavra “viado”, campo de visão à direita da imagem, verificamos um pênis grande no canto inferior esquerdo, cuja a glândula peniana está sobre a o pêndulo indicativo, no local da mão direita da figura (canto inferior esquerdo).

Há uma mão, saindo de um punho de camisa, quatro dedos direcionados a quatro pontos (círculos) na frente da figura (lóbulo frontal). Essa mão posicionada na frente da imagem, pode sugerir uma arma de fogo, quatro projéteis sendo lançadas, causando quatro orifícios na testa, ou talvez seja procedimento de lobotomia, tortura para mudança mental e comportamental. Percebemos traços pontilhados, nos dois olhos, sugerindo lágrimas, dor e sofrimento. As linhas, no pescoço da figura, podem sugerir lâminas.

No campo de interpretações talvez seja indicativo de LGBTfobia, crime contra a homossexualidade, pois visualizamos a palavra “viado”, pênis avantajado e até forçar processos “curativos” para alguém que não é doente, como “a cura gay”. Trata-se de um olhar distorcido de algum(a) adolescente reprodutor(a) desse tipo de discurso pregado em nossa cultura misógina, machista, cisheteronormativa hegemônica, que não nos permite pensarmos fora do quadros do binarismo.

Os grafitos são um meio de comunicação latente daquilo que é proibido.

**FIGURA 63** - Desenhos- sol, lua, homem, pênis



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A Fig. 63 encontrada em um tampo de carteira traz a representação de uma figura supostamente masculina, com barba e bigode, possivelmente sem camisa, com um pênis próximo a região de sua boca, encostado na barba. Nos chamou a atenção no desenho, os símbolos representados pelo sol e pela lua. Nos infere a interpretações relativas a possibilidade de circulação, flexibilidade da sexualidade e a fluidez do gênero butleriana (BUTLER, 2003), bissexualidade ou multissexualidades. Nos faz lembrar ainda dos versos da marchinha de carnaval “Maria sapatão” de João Roberto Kelly, muito tocada em 1981 e popularizada pelo Chacrinha. Entendemos que a bissexualidade (atração sexual por homem e mulher) tenha certa proximidade a teoria *queer*, referente a circulação, transitoriedade entre os dois polos, porém o *queer* anseia a quebra dos rótulos e das nomenclaturas classificatórias, lança o nada, o impensável e inexistente .

A música “Masculino e Feminino” de Pepeu Gomes (1983) chama atenção para essa questão “ser um homem feminino, não fere o meu lado masculino”, entendemos que o inverso também pode ser aceito. Afinal, ambos, masculino e feminino podem coabitarem um mesmo corpo (BUTLER, 2003).



Ser um homem feminino  
 Não fere o meu lado masculino  
 Se Deus é menina e menino  
 Sou masculino e feminino (GOMES, 1983)

O perigo principia em procedimentos de super-valorização de uma teoria, ou vontade em detrimento de imposições colonializantes aos outros(as). A superioridade declarada e mantida por meio da força, agressão, atos de preconceitos, pelo fato do(a) outro(a) não se assemelhar ao masculino macho cisheteronormativo parece ser considerado algo afrontoso e inconcebível.

Ambos irão crescer, deverão procriar e para que isso aconteça é preciso estar em direção ao sexo oposto. Não deve haver alterações nesse binarismo. No entanto, percebemos outros modo de vivenciar essas normativas, que não encaixam nos padrões hegemônicos. Podemos refletir, questionar, dissolver falácias discursivas que tendem a impor um único meio para se vivenciar as identidade de gênero e de sexualidade (FOUCAULT, 2014, 2018; FAIRCLOUGH, 2016; VAN DIJK, 2017).

Louro (2001) nos chama atenção para os estudos sobre os estudos da teoria *queer* que visam combater o conceito de que o correto é ser heterossexual. Butler (2003) critica o binarismo heterossexual e homossexual. A sexualidade constitui o ser humano em sociedade. Louro busca investigar como podemos colocar a teoria *queer* nos currículos, como agir, como romper com o tradicional? Seria isso possível ou seria uma utopia a ser pensada?

Pensar o impensável, a teoria *queer* possibilita contestar o pensar, ser subversivo(a), profano(a), fazer os(as) alunos(as) a pensarem possibilidades. Será que o Estado almeja alunos(as) cidadãos(ãs) críticos(as) e pensantes? Repensar o ser e descobrir novas formas de prazer, uma pedagogia e um currículo *queer*, trabalharia com a precariedade de das identidades e como o(a) outro(a) é constituído(a).

A teoria *queer* na escola seria trazer o diferente para perto, para dentro da escola. Ampliar no sentido de integração os que se enquadram ou não na escola. Como agir com a teoria *queer* na escola e no currículo? Será que alguém já aplicou isso na educação? Ou estamos no campo da utopia?

Até o presente momento, temos mais provocações do que certezas. A teoria *queer* possibilita aprofundar, isso. Seria possível flexibilizar tudo? De acordo com a teoria *queer* é possível circularmos de um lado ao outro (heterossexual x homossexual) ou ficarmos no meio (bissexual) ou sermos fluídos no campo das identidades e sexualidades. Nós parece ser uma

tarefa complicada para aceitação, essa flexibilidade, maleabilidade e fluidez. Afinal de contas nossa mente ocidental é feita por polos distintos, por sermos seres pautados no binarismo. Para nossa mente existe apenas dois polos, o certo e o errado. Percebemos certas dificuldades na compreensão e manuseio laboral com o pós-estruturalismo e com a pós-sexualidade.

Estamos lidando com algo extremamente utópico, mal damos conta de lidar com gênero, se é hétero ou homo, raça, se é preto ou branco devido a fixidez de questões em nosso modo ocidental binário de pensar. O *queer* é anárquico, esmigalha as estruturas, é quase que o nada, pois o *queer* é um vir a ser, um significante, sementes lançadas ao solo. Nos questionamos: será que as pessoas saberiam lidar com o vazio? Com a ausência de quadros nominativos onde tudo precisa estar encaixado e ordenado? Letras foram sendo acrescentadas a sigla LGBTQIAP+ para que pessoas possam ter visibilidade e direitos a existirem.

Nessa linha, os conceitos de gênero masculino e feminino, entendidos como produções culturais binárias, carecem serem refletidas, respeitando princípios e direitos de equidade entre as múltiplas manifestações de identidade sexuais e de gêneros, repensar os conceitos da masculinidade tóxica arraigada no patriarcado, machismo, cisheteronormativo.

A homossexualidade é inata, portanto cabe o respeito por quem se é! Direito a existir, como se é. Respeito a multiculturalidade, a autonomia de pensamento, a uma educação libertaria (HOOKS, 2013).

Somos fortemente influenciados e conduzidos por processos discursivos, imperativos, hegemônicos, cisheteronormativos, políticos, religiosos, embasados no binarismo sexual, julga ser o natural, inquestionável e único. Aqueles(as) que vivem em discordância, estão em “pecado” e deverão ser repreendidos(as), castigados(as), punidos(as), inferiorizados(as), violentados(as), extintos(as).

Por fim, avaliamos que o ato de grafitar de maneira específica relacionada a sexualidade e de questões de gênero dentro do âmbito escolar não só demonstra fragilidade dos órgãos responsáveis em abordar o tema de maneira sadia e com mecanismos de discussão social, como demonstra o despreparo de tais intermediários(as) que possam falar destes temas de maneiras que despertem o interesse em dialogar com esse “problema” que chamamos de sexualidade.

Talvez se houvessem na ambiência escolar e nos currículos espaços inventivos de liberdade que proporcionassem a problematização, a desconstrução e possibilitassem a felicidade desses jovens tais manifestações teriam outro direcionamento ou recorte. Talvez apresentariam posicionamento crítico, político, consciente de sua posição de cidadão a ser respeitado pelo que é, assim como respeitaria as diferenças dos(as) outros(as). Esperamos que

“[...] com suas sexualidades, conquistem uma identidade social, e que se transformem em pessoas com direito à CIDADANIA” (COSTA, 1985, p. 206).

Estamos nos referindo ao campo da “utopia foucaultiana”, na esperança de que sejam cavadas e alargadas heterotopias que possibilitem o respeito as diferenças e que a hegemonia sexual masculina tóxica seja questionada, problematizada, repensada e dissolvida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os apontamentos nos levam a crer que estamos em uma sistemática discursiva cisheteronormativa. Ao nascer todos os corpos devem se encaixar ao binarismo: masculino ou feminino. Os corpos apresentam nuances, peculiaridades dos atributos dos gêneros e obrigatoriamente pressupõe-se que se expressem desejos por alguém do sexo oposto ao seu. Esse modelo nos obriga via discursos institucionais e alhures a termos corpos, comportamentos, sentimentos, afetividades, enfim subjetividades pré-determinadas.

O discurso patriarcal cisheteronormativo hegemônico conduz, normatiza a sexualidade humana, o gênero e nos coloniza. Discursos centralizam o falo desde cedo na vida do menino e da menina, valorizando a masculinidade, por um viés tóxico e colocando a feminilidade como algo fragilizado, submisso, passivo que deve ser evitado pelo masculino.

A construção nominativa da heterossexualidade, bissexualidade e homossexualidade, existem e podem coabitarem mas não deveriam sobreporem-se, julgando-se superiores umas às outras. Afinal, o que pôs a sexualidade como identidade primária na nossa sociedade? Quebras se fazem necessárias, sobretudo, na corrente biopolítica e das práticas discursivas abusivas relativas ao gênero, sexo e sexualidade.

Vivemos em um mundo globalizado, a tecnobiopolítica e a cosmofobia nos atravessa. As tecnologias midiáticas corroboram com isso; somos induzidos a ter corpos e comportamentos docilizados e dispostos a sacrifícios à uma tribo eleita, composta de homens brancos, machistas, racistas e heterossexuais. Os discursos proferidos por instituições mantenedoras do biopoder hegemônico circulam. A vida, o amar, sexuar, corpo, gênero, sexualidade são construções culturais (im)postas a nós.

Devemos então, viver em uma pátria sem lei? A resposta pode ser negativa. No campo do gênero e da sexualidade melhor que não houvesse hierarquização, supremacia e nem pátrio poder.

Ao nascermos as tecnologias de gênero binário nos obrigam a vivenciar nossa sexualidade, a nos comportarmos e a consumirmos produtos de homem e de mulher. Esses binarismos atravessaram séculos e do cartesianismo adentraram as teorias estruturalistas. Nas religiosidades também, afinal para atormentar as pulsões sexuais inventaram o inferno em oposição ao céu.

Sobre as tecnologias da morte temos a necropolítica. Quem deve viver e quem deve morrer? Algumas raças, identidades sexuais devem ser extintas ou marginalizadas? Por que?

Esse horror a outras vidas ocupa-se em blindar corpos brancos machistas e assim decreta-se uma guerra política de colonização que sequestra outras forças de vida para submeter a seus desejos.

Nas escolas, o gênero se faz presente e ensinamos os meninos a serem meninos e as meninas a serem meninas, os(as) vigiamos continuamente. A neutralidade, o transitório, o *queer* não existe e não deve existir.

Nos estudos *queer* torna-se possível pensarmos na educação, na sociedade o impensável, o não binário, sem classificações, o *queer*. Há meios de mudar ou extinguir a classificação de identidade sexual? Nossas carteiras identitária, certidões de nascimento, passaportes e documentos sem as marcas de gêneros? Gênero importa? Por que gera temores? A invisibilidade da temática questões de gênero e de sexualidade em documentos educacionais nacionais basilares indicam irrelevância? Por que o gênero e a sexualidade são basilares em nossa sociedade? Não teria um outro mote? Por que foram os eleitos? A quem cabe esse biopoder do controle da sexualidade?

As preocupações de bem estar comunitário, social deveriam ser de relevância maior e basilares, no entanto, surgem continuas preocupações, discursos de ódio, supremacia de gêneros, raça, preferências sexuais. Negam o direito a identidades sexuais aos viajantes desviantes e impedem que pessoas sejam como são ou dão conta de ser. Como quebrar essas estruturas? Os feminismos darão conta de modificar isso?

Os aparatos científicos tecnobiopolíticos colocam o homem heterossexual branco como um produtor de esperma coroadado, o purificador do corpo nacional, hegemônico. As sexualidades desviantes como a homossexualidade e a masturbação não são reprodutivas, não devem ser normalizadas. A necropolítica controla ainda as raças não brancas, indígenas, os(as) não heterossexuais, como a indústria regula seus meios de (re)produção.

Há professores(as) que se mobilizam, saem das zonas de conforto e criam espaços heterotópicos para trabalhar com a temática tabus, sexualidade e gênero. Lançam um olhar outro sobre o fazer prático, no cotidiano escolar. Mesmo com medo são movidos(as) pelas paixões do ensino/aprendizagem, prevalecem a resistência e a coragem. Problematizam e se abrem para lidar com as coisas do mundo que lhes tocam, trabalham para o acolhimento da diferença identitária em prol dos outros e de si.

Pais, familiares, professores(as), terapeutas, precisam de respostas para questões práticas que o adolescente coloca. Deparamos com desafios e questionamentos dos jovens que nem sempre sabemos solucionar. Os(as) professores(as) não são detentores de todos os saberes.

O ambiente escolar, nem sempre está preparado para lidar com esses(as) adolescentes, cheios de questionamentos, anseios e transgressores(as) de regras.

Nessa viagem pela vida surgem campos como a religião, política, moral que pudica a sexualidade e questões de gênero. Ocultar suas sexualidades, negar, mentir, esconder, desaparecer podem ser um dos primeiros aprendizados dos(as) jovens não heterossexuais na escola. Instituições religiosas, políticas, familiares, tecnologias médicas, farmacológicas, midiáticas (cinema e fotografia), pornografia encontram-se na linha de frente e a escola tem sido um campo poderoso a ser conquistado.

Os(as) adolescentes manifestam seus desejos, anseios, dúvidas, experiências e práticas por meio dos grafitos, deixando suas marcas no ambiente escolar. As práticas das sexualidades, sentimentos, afetividades, raramente declaradas, porém latentes são manifestadas por alguma válvula de escape. A confecção dos grafitos é uma delas. Talvez seja uma das poucas maneiras de se deixar transparecer. Muitas vezes, os grafitos passam despercebidos no cotidiano escolar.

Eis que na urdidura da pesquisa percebemos que ainda não temos muitas respostas. Mas inventar alguns sentidos e significados nos leva a não procrastinar o inevitável e inefável. Esperançosos(as), afinal todos(as) as(os) grandes pensadores(as) esperaram, que as ideias neste trabalho possam ser refletidas, debatidas e sirvam para que pessoas conquistem sua identidade sexual, tenham direito por suas performatividades de gênero em serem socialmente como são interiormente. Queremos sim, que todos esses(as) jovens grafiteiros(as) e os(as) demais dancem, amem, sexuem, beijem e sejam felizes.

## REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita. **Sexualidade Humana e seus Transtornos**. São Paulo: Leitura Médica, 2014.

ABEN. Associação Brasileira de Enfermagem - ABEn Nacional. **Revista Adolescer, compreender, atuar, acolher**, Brasília, n.3, s.d. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.html> Acesso em: 11 jul. 2020.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. 1.ed. 12. reimp. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2 ed.. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe**. Lua Nova, São Paulo, 80: 71-96, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>.

ALVES, Luana Santos. **Abrindo as portas: o que entra nos grafitos de banheiro? Um estudo comparado dos grafitos de banheiro (Monografia)**. Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17128\\_](https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17128_) Acesso em 06 de nov. 2017.

ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Dossiê dos assassinatos de pessoas trans nos anos de 2017, 2018 e 2019**. 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/> Acesso em: 13 jun. 2020.

ARROYO, Miguel. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: editora Vozes, 2011.

AUAD, Daniela. **Educar Meninas e Meninos relações de gênero na escola**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro: a literatura proibida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. São Paulo: Sumus, 1985. 144 p.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BÍBLIA SAGRADA. **O Antigo e o Novo Testamento**. Tradução João Ferreira de Almeida. 2. ed. Santo André, São Paulo: Geográfica Editora, 2013.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia. História e crítica de um preconceito**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010, 141 p.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 4 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019. p. 157-182.

CAMARGO, Wagner Xavier de; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Hormônios e micropolíticas de gênero na era farmacopornográfica. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 34, p. 363-371, June 2010. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332010000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332010000100014&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 Aug. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000100014>.

CANGUILHEM, Georges. Do social ao vital. In: CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.209-229.

CARDOSO, Adriano Rogério. Sexualidades e relações de gênero: o que dizem os grafitos na ambiência escolar. In: **I Congresso Internacional de Pesquisas e Práticas em Educação - CONIPPE**. UNESP- Assis-SP. 2018, p.1-15 Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/publicacao.asp?codTrabalho=Mjg3MzY=> Acesso em: 14 fev. 2019.

CARDOSO, Adriano Rogério; ZIMMERMANN, Tânia Regina. Cidadania sexual e “masculinidade extraordinária” apontamentos em grafitos escolares, **XII Seminário em Educação e VII Colóquio de pesquisa realizado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)**, Unidade de Paranaíba, MS, agosto de 2019a.

CARDOSO, Adriano Rogério; ZIMMERMANN, Tânia Regina. Gênero e educação, interfaces com grafitos em um ambiência escolar: possibilidades de pesquisa, **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207, v. 16, n. 3, p. 47-62, 20 nov. 2019b. Disponível em : <http://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3151> Acesso em: 3 jul. 2020.

CARDOSO, Adriano Rogério; ZIMMERMANN, Tânia Regina. Cidadania sexual e “masculinidade extraordinária” apontamentos em grafitos escolares, In: **Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora. ago. de 2020a.

CARDOSO, Adriano Rogério; ZIMMERMANN, Tânia Regina. Masculinidade e sexualidade hegemônica através de grafitos em uma ambiência escolar. Dossiê temático: Gênero, sexualidade e Diversidade, **Revista de Educação e Sociedade: Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, MS, v. 7, n. 14, p. 155-175, jan./jun. 2020b. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/8087> Acesso em: 3 jul. 2020.

CARDOSO, Adriano Rogério; ZIMMERMANN, Tânia Regina. Reflexões sobre gênero e homossexualidade em grafitos escolares, **Humanidades & Tecnologia em Revista (FINOM)** - ISSN: 1809-1628. Ano XIV, v.1, n. 20, p.142-158, jan/jul. 2020c. Disponível em:



[http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/view/998/701](http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/998/701)  
Acesso em: 3 jul. 2020.

CARDOSO, Adriano Rogério; ZIMMERMANN, Tânia Regina. Educação sexual, grafitos escolares e subjetividades juvenis. **EDUCERE - Revista da Educação**, Umuarama, v. 20, n. 1, p. 25-53, jan./jun. 2020d. Disponível em:  
<https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/7486/3924> Acesso em: 03 jul. 2020.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 9-10.

CONFORT, Maria. Você sabe o que é masculinidade tóxica? (Manual do Homem Moderno) In: **Questões de Gênero**. 26 jun. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/voce-sabe-o-que-e-masculinidade-toxica/> Acesso em 13 fev.2020.

CONNEL, Robert W. Políticas da Masculinidade. **Educação e Realidade**. vol.20, n 2. jul/dez.1995. p.185-206. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671> . Acesso em: 21 mai 2019.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, mai. 2013, p. 241-282. ISSN 1806-9584. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>>.  
Acesso em: 20 abr. 2020. doi:<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

COSTA, Ronaldo Pamplona da. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Editora Gente, 1994.

COSTA, Ana; BONFIM, Flavia. Um passo sobre o que está acontecendo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 229-245, dezembro de 2014.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

DELEUZE, Giles. **O devir-revolucionário e as criações políticas**: entrevista concedida a Antonio Negre. *Novos Estudos*, CEBRAP, v. 28, p. 67-73, 1990.

DELPHY, Christine. Patriarcado, (teorias do). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p.173-178.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. Análisis crítico del discurso. In: \_\_\_\_\_. **El discurso como interacción social**. Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000, p. 367-404.

FERNANDES, Luiz Jr. Ásia , Sudoeste Asiático, Tailândia. Turismo Sexual na Tailândia. **Boa Viagem**. 14 jan. 2020. Disponível em: <https://boaviagem.org/turismo-sexual-na-tailandia/> Acesso em: 28 jul. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Revista e aumentada. 38. impressão. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Horácio dos Reis Marques. **Trabalhadores Boias-Frias da cidade de Pontalinda-SP**. São Paulo: Editora Nelpa, 2013.p.348.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro. 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Graal, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Coleção Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 236.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. 7.ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.

FURLANI, J. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana – subsídios ao trabalho em Educação Sexual**. 3ª ed. 1ª. Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GGB (GRUPO GAY DA BAHIA) RELATÓRIO. **População LGBT morta no Brasil: mortes violentas de LGBT + no Brasil**. 2018. Disponível: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contralgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf> Acesso em: 18 Jan 2019.

GERBARA, J. A. S.; SOUZA, F. M. S. Análise do discurso de escritos em carteiras e paredes de sala de aula. **Interletras**, v.5, n.23, p.1-11, 2016. Disponível em: [http://www.interletras.com.br/ed\\_anteriores/n23/conteudo/artigos/2.pdf](http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n23/conteudo/artigos/2.pdf) Acesso em: 18 jul. 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

GROSSI, Miriam Pilar. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010).

GROSSI, Miriam Pilar. 75 Masculinidades: Uma Revisão Teórica , **Antropologia em Primeira Mão**, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSC, n. 1 (1995) Florianópolis, 2004.

GROSSI, Miriam Pilar; HEILBORN, Maria Luiza; RIAL, Carmen. Entrevista com Joan Wallach Scott. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v. 6, n. 1, p.1-12, 1998.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: uma política sexual de uma palavra. **Cafajeste. Pagu** , Campinas, n. 22, p. 201-246, junho de 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332004000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100009&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 19 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100009> .

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JODELET, Denise. (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JODELET, Denise. Les représentations sociales, un domaine en expansion. In: JODELET, Denise (Dir.). **Représentations sociales**. Paris: PUF, 1989.

JUNIOR, Jonas Alves da Silva; SILVA, Leandro Rodrigues Nascimento da. Imagens do cotidiano escolar Gênero e sexualidades nos desenhos de estudantes de uma escola pública. In: **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 28, p. 177-192, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1104/pdf> Acesso em: 29 jul. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. **Espaço do Currículo**, v.2, n.2, p. 208-230. Setembro de 2009 a Março de 2010.

LACAN, Jaques. **A significação do falo**. Campo Freudiano no Brasil. Zahar, 1966.

LACAN, Jacques. **A significação do falo**. In: *Ecrits* (Jacques Lacan Escritos). São Paulo: Editora Perspectiva. 1978. p.261-273.

LANZ, Letícia. Por que tenho medo de lhe dizer quem sou. In: In.: **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação**. RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa.(Organização). - Rio Grande: Ed. da FURG, 2018.p.49-67.

LIMA, Danillo Mota; COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogias de masculinidades e estéticas monstras no Scruff. In.: **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços**

de educação. RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa.(Organização). - Rio Grande: Ed. da FURG, 2018.p. 125-138.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. katálysis** [online]. n.spe, v.10, 2007, pp.37-45.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafão: takes, cuts, close-ups**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em revista**. N. 46. Belo Horizonte, dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guaraci, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6.ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf> Acesso em: 01 ago. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Feminilidades na pós-modernidade. **Labrys, études féministes/estudos feministas**, junho/ dezembro, 2006.Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys10/riogrande/guacira.htm> . Acesso em: 16 fev. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3.ed. ver. amp. Argos, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO, Fernanda Delvalhas. **Religiões e homossexualidades**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

MARTEL, Frédéric. **No Armário do Vaticano: poder, hipocrisia e homossexualidade**. 1 ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2019, 499 p.

MARTINS, J. B.. Pichação na escola e a construção da identidade juvenil. In: **VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED Sul**, Londrina, UEL, 2010, p.1-25. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/28321821/PICHACAO.pdf>

MBEMBE, Archille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MS. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids**. última modificação: 11 dez. 2019 - 13:44, data da publicação: 28 nov.2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hivaids-2019> Acesso em: 10 jul. 2020.

MS, INCA, Ministério da Saúde; Instituto Nacional do Câncer. **Estatísticas de câncer**. 05/02/2020 | 08h23. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/numeros-de-cancer> Acesso em: 16/02/2020.

MS, Ministério da Saúde. **Câncer de próstata: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção**. 2020. Disponível em: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/cancer-de-prostata> Acesso em: 18/02/2020.

NASCIMENTO, Leonardo. Insurgências para criar novos mundos. Margareth Rago (Entrevista). **Suplemento Pernambuco**. n. 173, p.8-9, 01 jul. 2020a, 09:29 Disponível em: [http://suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE\\_173\\_web.pdf](http://suplementopernambuco.com.br/images/pdf/PE_173_web.pdf) Acesso em: 07 jul. 2020.

NASCIMENTO, Leonardo. Margareth Rago: feminismo e anarquismo para criar um mundo novo (Entrevista). **Suplemento Pernambuco**. 01 jul. 2020b, Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/2513-entrevista-margareth-rago.html?fbclid=IwAR0c4w2xX65EG2FW4fYkEye6r4SA7plm69LrmYQUn015HEDiwBT RPWicE5o> Acesso em: 07 jul. 2020.

PARAISO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. In.: **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação**. RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Teresa. (Organização). - Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p.7-27. Disponível em: [https://7seminario.furg.br/images/livro\\_do\\_seminario.pdf](https://7seminario.furg.br/images/livro_do_seminario.pdf) Acesso em: 22 jun. 2020.

PARAÍSO, Marlucy. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, set./dez., p. 388- 415, 2016.

PICHEL, Mar. “O estupro não é um ato sexual, é de poder, de dominação”, diz Rita Segato, a feminista que inspirou “O estuprador é você”. **BBC News Mundo**, 21 dez. 2019 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50757063> Acesso em: 25 jul.2020.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloisa B. de; SZWAKO, José Eduardo (orgs). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & VERtechia, 2009. p. 116-149.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. Rio de Janeiro: Record. 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid, Editora Espasa Calpe, 2008, 324p.

QUINALHA, Renan. Os direitos LGBT sob o governo Bolsonaro. In: **Le Monde Diplomatique Brasil**. Santana do Parnaíba, SP: Plural Indústria Gráfica Ltda, Ano 12, n.143, jun. 2019, p.4-5.

RAGO, Margareth. Dizer sim a existência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Por uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 253- 268.

RAGO, Margareth. Subjetividades, feminismo e poder, ou podemos ser outras? In: PEDRO, Joana M; ISAIA, Artur C; DITZEL, Carmencita H. M. **Relações de Poder e Subjetividades**. Ponta Grossa : Todapalavra, 2011.

RAMADAN, Zacaria B.A.; ABDO, Carmita. Sexualidade: trâmites, percalços e desvarios. In: ABDO, Carmita. **Sexualidade Humana e seus Transtornos**. São Paulo: Leitura Médica, 2014. p. 17-27.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Alexsandro, RAMOS, Hugo Souza Garcia, SILVA, Ronan Barreto Rangel da. Gênero e sexualidade nas escolas: leituras que nos aproximam do campo dos direitos humanos, de alunos e professores. In.: RODRIGUES, Alexsandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos, (Org.). **Currículos, gêneros e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas**. Vitória: EdUFES, 2012. p. 165-182.

SALES, Adriana. **Travestilidades e escola nas narrativas de alunas travestis**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2012.  
<https://www.ufmt.br/ppgedu/arquivos/aa61ce3d9bdcab02d931a4421891e2d3.pdf>

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. (Como eu ensino). São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012a.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. (Coleção Primeiros Passo; 103). 32ª reimpr. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. 2.ed. São Paulo: Cenage Learning, 2018.

SANTOS, Ana Cristina Conceição. Formação de professoras(es) em gênero e sexualidades: novos saberes, novos olhares. **Fazendo Gênero 9- Diásporas, Diversidades, Deslocamentos** 23 a 26 de agosto de 2010, p.1-10, 2010.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília: INCT (Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia), UNB, 2015. Disponível em:  
[http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao\\_Quilombos.pdf](http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf) Acesso em: 31 jul.2020.

SCHINDHELM, Virginia George. A sexualidade na Educação Infantil. **Revista Aleph Infâncias**. ISSN 1807-6211, Ano V n. 16. novembro 2011.

SCOTT, Joan, Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.2, n. 16, p. 5-22, julho/dezembro, 1990.

SEFFNER, Fernando. Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 17, n. 2, p. 67-81, mai./ago. 2014.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, 336, p.561-572, maio/ago. 2011.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial , **e-cadernos CES** [Online], n.18, 2012, p. 105-131. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>; acesso em 21 abr 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1533>

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.73-102.

SLOTERDIJK, Peter. **Crítica da Razão Cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012. 720 p.

SPERLING, Christiane. **Sexo forever: corpo, sexualidade e gênero nos grafitos de banheiro em uma escola pública de Porto Alegre**, 2011. 57fs. Monografia (Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SWAIN, Tania Navarro. Os limites do corpo sexuado: diversidade e representação social. In: **Sexualidade** / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba : SEED – PR., 2009. p.121-130 . Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos\\_tematicos/sexualidade.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/sexualidade.pdf) Acesso em 21 abr. 2020.

SWAIN, T. N. Feminismo e tendências do tempo presente: mulheres em revistas "femininas". **São Paulo Perspec.** São Paulo, n.3, v.15, 2001, p. 67-81. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300010&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 21 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000300010> .

TEIXEIRA, Renata Plaza; OTTA, Emma. **Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero**. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 3, n. 2, p. 229-250, dez. 1998 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413294X1998000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X1998000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413294X1998000200004>.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem**. -- Brasília: UNESCO, 2014. 53 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227762> Acesso em: 28 jun. 2020.

URBIM, Emiliano. Por que São Francisco é a capital gay?. **Superinteressante**. Editora Abril. Publicado em 5 fev. 2011, 22h00, atualizado em 31 out. 2016, 18h51. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/por-que-sao-francisco-e-a-capital-gay/> Acesso em: 06 jul. 2020.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e Poder**; Judith Hoffnagel, Karina Falcone, organização. – 2. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

VERBICARO SOARES, Douglas. “O estudo da orientação homossexual pensado nos direitos humanos e na sociedade brasileira”. **Revista Bagoas** - Estudos Gays: gênero e sexualidades, Rio Grande do Norte, vol. 13, nº 20, p.120-163, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/15662/11962> Acesso em: 27 ago. 2019.

VILAR, Fernanda Salomão; PEREIRA, Pedro Henrique Cavano; SILVA, Tiago Elídio da. **Análise do Discurso dos Escritos de Banheiro na Universidade**. 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/a00009.htm> . Acesso em: 09 mar. 2019.

VILELA, Gabriela Jaqueline Domingues. **Um Estudo sobre representações de sexualidade e atitudes sexuais de adolescentes de uma Escola Pública**: análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares. 2017. 179fs. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2017.

VILELA, Gabriela Jaqueline Domingues; RIBEIRO, Paulo Renes Marçal. Discursos, sujeitos e educação sexual na escola. In: MOMESSO, Regina; ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva; CURCINO, Luzmara; BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; PALMA, Glória Maria. (Org.). **Das práticas do ler e escrever ao universo das linguagens, códigos e tecnologias**. Porto Alegre: Cirkula, 2014. p. 251-266.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia *Revista Estudos Feministas*, vol. 9, núm. 2, segundo semestre, 2001, pp. 460-482 Universidade Federal de Santa Catarina Santa Catarina, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38109208>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ZIMMERMANN, Tânia Regina. **Violência e Gênero em Notícias no Oeste Paranaense**. São Paulo: Paco, 2017.

ZIZEK, Slavoj. **Vivendo no fim dos tempos**. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

## FONTES

ABNT. Associação Brasileira de normas Técnicas, **NBR 14724/2011**, p.11, subitem 5.9 Tabelas. 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). 2017. 470 p. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC\\_EnsinoMedio\\_em\\_baixa\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_em_baixa_site.pdf) . Acesso em: 04 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) .Acesso em: 7 jul. 2019.



BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016**. Trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas. Diário Oficial, 24 de maio de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural: orientação sexual**. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo. **Lei n. 7.664 de 30 de dezembro de 1991**. Dispõe sobre alterações no Quadro Territorial-Administrativo do Estado de São Paulo.

BRASIL. Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo. **Lei n. 4.161 de 19 de julho de 1984**. Diário Oficial, 20 de julho de 1984. Dispõe sobre alterações no nome das Escolas do Estado de São Paulo, de Escola de Primeiro Grau de Pontalinda para Escola de Primeiro Grau Profª Zélia de Lourdes Zaccarelli Lopes.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Em vigor, 22 de setembro 2006. Lei Maria da Penha, dispõe a punir atos de violência contra a mulher.

BRASIL. Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo. **Resolução SE 22 de 26 de janeiro de 1976**. Diário Oficial, 27 de janeiro de 1976.

BRASIL. Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo. **Resolução 238 de 05 de outubro de 1987**. Diário Oficial, 06 de outubro 1987.

BRASIL. **Medida Provisória de nº 870 de 1 de janeiro de 2019**, diário Oficial, 01 de janeiro de 2019, republicado em 03/01/2019. Retira a população LGBT da lista de Políticas e Diretrizes destinadas à promoção dos Direitos Humanos.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil, São Paulo, Pontalinda**. v4.3.16.1. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pontalinda/panorama>. Acesso em: 28 jan. 2019. INSSN 1413-2478.

IPEA,FBSP. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública (org.). **Atlas da violência 2019**. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019, 116 p. Disponível em: [http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas-da-Violencia-2019\\_05jun\\_vers%C3%A3o-coletiva.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas-da-Violencia-2019_05jun_vers%C3%A3o-coletiva.pdf) Acesso em: 11 ago. 2019.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Atlas da violência 2019. Disponível em: [http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas\\_2019\\_infografico\\_FINAL.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Atlas_2019_infografico_FINAL.pdf) Acesso em: 14/02/2020.

MUSEU MEMORIAL DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS. **A História da Suástica**. Enciclopédia do Holocausto.2019. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/history-of-the-swastika> .Acesso em:15 fev. 2019.

SENADO FEDERAL. Art. 1º. **Constituição Federal**. Disponível em: [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_08.09.2016/art\\_1\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_1_.asp), Acesso em 27 ago. 2019.

## REVISTAS E JORNAIS

DA REDAÇÃO. **Jair Bolsonaro é eleito presidente do Brasil**. 28/10/2018, 19h39 - atualizado em 29/10/2018, 17h19. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-do-brasil> . Acesso em: 03 fev. 2019

DEUTSCHE WELLE . Por 30 anos, experimento em Berlim deu órfãos a pedófilos. **DW, G1**. Publicado em: 18/06/2020 10h21. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/18/por-30-anos-experimento-em-berlim-deu-orfaos-a-pedofilos.ghtml> Acesso em: 24 jun. 2020.

## IMAGENS E MAPAS

FIGURA 1- ABREU, Raphael Lorenzeto de. - **Image:SaoPaulo MesoMicroMunicip.svg**, own work Map locator of São Paulo's Pontalinda city. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pontalinda#/media/File:SaoPaulo\\_Municip\\_Pontalinda.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pontalinda#/media/File:SaoPaulo_Municip_Pontalinda.svg). Acesso em: 28 jan. 2019.

FIGURA 2 – **Mapa de Pontalinda e Região**. Disponível em: [http://www.mapnall.com/pt/Mapa-Pontalinda\\_1123219.html](http://www.mapnall.com/pt/Mapa-Pontalinda_1123219.html) . Acesso em: 28 jan. 2019.

FIGURA 3- **Foto aérea de Pontalinda-SP**. Disponível em: [http://www.pontalinda.sp.gov.br/novo\\_site/index.php?exibir=noticias&ID=32](http://www.pontalinda.sp.gov.br/novo_site/index.php?exibir=noticias&ID=32) . Acesso em: 28 jan. 2019.

## FILMES

CARTA CAPITAL. "'Deus acima de todos' é uma expressão fascista que esconde sede de poder", diz pastor Henrique. 29 out. 2029. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3fywc4K43xY> Acesso em: 05 jul. 2020.

PAPODEHOMEM. **O silêncio dos homens**, (documentário completo). publ. 29.ago.2019. tempo: 1h0013. Direção: Ian Leite, Luiza de Castro. Direção criativa: Guilherme N. Valadares. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE> Acesso em: 20 abr. 2020.

SEX Education, (Temporada 1, ep.1-8). *Sex Education* [Seriado]. Direção: Ben Taylor; Kate Herron. Estados Unidos as América, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, Distruidora: Netflix. 2019. 396 min

SEX Education, (Temporada 2, ep.1-8). *Sex Education* [Seriado]. Direção: Alice Seabright; Ben Taylor; Sophie Goodhart. Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, Distribuidora: Netflix. 2020. 420 min

## MÚSICAS

CARVALHO, Roberto de; LEE, Rita; JABOR, Arnaldo. Amor e sexo. **Balacobaco**. 2003. 3:38. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rita-lee/74440/> Acesso em: 07 jul. 2020.

FORTUNA, José. Música: **O Ipê e o Prisioneiro**, 1944. Disponível em: <https://www.letras.com.br/jose-fortuna/o-ipe-e-o-prisioneiro>. Acesso em: 26 fev. 2019.

GOMES, Pepeu. **Masculino e feminino**. Album: Autêntico Masculino e Feminino. Sony Music Entertainment (BRASIL) I.C.L. 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7FaOhTBtB8> Acesso em: 18 jun. 2020.

PACÍFICO, João (Letra) / TORRES, Raul. Música: **Cabocla Tereza**, 1944. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/joao-pacifico/389187/> Acesso em: 26 fev. 2019.

## ANEXOS

ANEXO 1- Música: *Amor e Sexo*

Album: **Balacobaco**

(2003) - Composição: Roberto de Carvalho / Rita Lee / Arnaldo Jabor.

Amor é um livro

Sexo é esporte

Sexo é escolha

Amor é sorte

Sexo vem dos outros

E vai embora

Amor vem de nós

E demora

Amor é pensamento

Teorema

Amor é novela

Sexo é cinema

Amor é cristão

Sexo é pagão

Amor é latifúndio

Sexo é invasão

Sexo é imaginação

Fantasia

Amor é prosa

Sexo é poesia

Amor é divino

Sexo é animal

Amor é bossa nova

Sexo é carnaval

Oh! Oh! Oh!

O amor nos torna

Patéticos

Sexo é uma selva

De epiléticos

Amor é isso

Sexo é aquilo

E coisa e tal

E tal e coisa

Uh! Uh! Uh!

Amor é cristão

Sexo é pagão

Amor é latifúndio

Sexo é invasão

Ai o amor

Hum! O sexo

Amor é divino

Sexo é animal

Amor é bossa nova

Sexo é carnaval

Oh! Oh! Uh!

Amor é para sempre

Sexo também

Sexo é do bom

Amor é do bem

Amor sem sexo

É amizade

Sexo sem amor

É vontade

Amor é um

Sexo é dois

Sexo antes

Amor depois

ANEXO 2- Música: *O Ipê e o Prisioneiro*  
(José Fortuna, 1944)

Quando há muitos anos fui aprisionado nesta cela fria  
no segundo andar da penitenciária lá na rua eu via  
quando o jardineiro plantava um ipê e ao correr dos dias  
ele foi crescendo e ganhando vida enquanto eu sofria

Meu ipê florido junto à minha cela,  
hoje tem altura de minha janela  
Só uma diferença há entre nós agora  
aqui dentro as noites não têm mais aurora  
Quanta claridade tem você lá fora

Vejo em seu tronco cipó parasita te abraçando forte  
enquanto te abraça suga a tua seiva te levando à morte  
Assim foi comigo ela me abraçava depois me traía  
Por isso a matei e agora só tenho sua companhia

Meu ipê florido junto à minha cela  
Hoje tem altura de minha janela  
Só uma diferença há entre nós  
Agora aqui dentro as noites não têm mais aurora  
Quanta claridade tem você lá fora!

ANEXO 3- Música: *Cabocla Tereza*

(1944) - Composição: João Pacífico (Letra) / Raul Torres (Música)

Lá no alto da montanha  
 Numa casinha estranha  
 Toda feita de sapê  
 Parei numa noite à cavalo  
 Pra mór de dois estalos  
 Que ouvi lá dentro bate  
 Apeei com muito jeito  
 Ouvi um gemido perfeito  
 Uma voz cheia de dor:  
 "Vancê, Tereza, descansa  
 Jurei de fazer a vingança  
 Pra morte do meu amor"  
 Pela réstia da janela  
 Por uma luzinha amarela  
 De um lampião quase apagando

Vi uma cabocla no chão  
 E um cabra tinha na mão  
 Uma arma alumando  
 Virei meu cavalo a galope  
 Risquei de espora e chicote  
 Sangrei a anca do tar  
 Desci a montanha abaixo  
 Galopando meu macho  
 O seu doutô fui chamar  
 Vortamo lá pra montanha  
 Naquela casinha estranha

Eu e mais seu doutô  
 Topemo o cabra assustado  
 Que chamou nós prum lado  
 E a sua história contou

Há tempo eu fiz um ranchinho  
 Pra minha cabocla morá  
 Pois era ali nosso ninho  
 Bem longe deste lugar.

No arto lá da montanha  
 Perto da luz do luar  
 Vivi um ano feliz  
 Sem nunca isso espera

E muito tempo passou  
 Pensando em ser tão feliz  
 Mas a Tereza, doutor,  
 Felicidade não quis.

O meu sonho nesse oiá  
 Paguei caro meu amor  
 Pra mór de outro caboclo  
 Meu rancho ela abandonou.

Senti meu sangue fervê  
 Jurei a Tereza matá  
 O meu alazão arriei  
 E ela eu vô percurá.

Agora já me vinguei  
 É esse o fim de um amor  
 Esta cabocla eu matei  
 É a minha história, dotor.

ANEXO 4- Música: *Masculino e Feminino*  
Album: **Autêntico Masculino e Feminino**  
(1983) - Composição: Pepeu Gomes

Ser um homem feminino  
Não fere o meu lado masculino  
Se Deus é menina e menino  
Sou masculino e feminino  
Olhei tudo que aprendi  
E um belo dia eu vi  
Que ser um homem feminino  
Não fere o meu lado masculino  
Se Deus é menina e menino  
Sou masculino e feminino  
Olhei tudo que aprendi  
E um belo dia eu vi  
Que vem de lá  
O meu sentimento de ser  
E vem de lá  
O meu sentimento de ser  
Meu coração  
Mensageiro vem me dizer  
Meu coração  
Mensageiro vem me dizer  
Salve, salve a alegria  
A pureza e a fantasia  
Salve, salve a alegria  
A pureza e a fantasia  
Olhei tudo que aprendi  
E um belo dia eu vi, uh, uh, uh  
Que ser um homem feminino  
Não...

## APÊNDICE

### GLOSSÁRIO

**Crossdresser** : trata-se de um fenômeno comum na sociedade que envolve o comportamento de fazer uso de diferentes roupas, das esperadas social e culturalmente para seu sexo anatômico. Sendo necessário ao adepto algo necessário para compor sua autoestima, seja vez ou outra ou diariamente.

Não há necessidade de alterações corporais, terapia hormonal, uso de silicone ou próteses. Não há obrigatoriedade de usos de adereços do sexo oposto para sentir excitação. Geralmente crossdressers possuem identidade de sexo masculina e não se sentem mulheres, são pessoas expressando sua sexualidade, é mais uma das formas subjetivas de expressar suas sexualidade em sociedade.

**Drag queen/ Drag King:** Drag queen é quando o homem se traveste de mulher e Drag king é quando a mulher se traveste de homem. A pessoa não vive travestida no dia a dia, monta-se (roupas, maquiagem, penteado) para uma performance artística, podendo haver exageros ou não. Não é uma expressão de gênero.

**Gênero:** o termo gênero é um conceito elaborado e difundido por pensadoras feministas que buscam desmontar o duplo procedimento de naturalidade, que julga ser inato, as diferenças atribuídas aos homens e as mulheres, sendo as desigualdades resultantes dessas diferenças inatas e imutáveis. Como se o cultural não fizesse parte disso. Inclui-se aqui a palavra “sexo” que remete a essa distinção biológica e inata. Sendo assim, as autoras feministas utilizam o termo gênero para designar o caráter cultural das distinções entre homens e mulheres e as ideias relacionadas a masculinidade e feminilidade (PISCITELLI, 2009, p.119), como algo apreendido culturalmente e não inato (HARAWAY, 2004; LOURO, 2008, 2017)

**Masculinidade Tóxica** : uma questão cultural, contaminada pelo machismo, forma de se vivenciar a masculinidade. Temos dois sexos, o masculino e o feminino que vai perpetuar a espécie. A masculinidade tóxica é uma performance da masculinidade, em um recorte que coloca o gênero masculino como hegemônico, dominante em relação o feminino e a tudo que se opõe ao masculino. O gênero masculino é o predominante. Não é possível construir relações saudáveis enquanto um for o dominador e houver dominados(as). Não pode demonstrar sensibilidades, ter sexualidade exacerbada.



O conceito de masculinidade hegemônica, originário pela convergência de ideias no início dos anos 1980 atraiu vários campos acadêmicos e um criticismo sério. Influenciou o pensamento atual sobre homens, gênero e hierarquia social. “O conceito de masculinidade hegemônica não equivale a um modelo de reprodução social; precisam ser reconhecidas as lutas sociais nas quais masculinidades subordinadas influenciam formas dominantes” (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 241). Os autores identificaram masculinidades múltiplas, sugerem reformulação dos conceitos de masculinidade precisa ser descartado tratamento.

**Poliamor :** trata-se de uma relação amorosa que envolve no mínimo 4 pessoas, ou mais, pode ser parcerias heteroafetivas, homoafetivas, bissexuais ou mista. Trata-se de uma proposta aberta que possibilita pensar e vivenciar o modo estrutural poligâmico de se relacionar e vivenciar com outros, outras, outres. Não há uma obrigatoriedade em se vivenciar, aderir a essas práticas, porém devemos estar abertos e respeitar a vivencia de cada um. Afinal, sabemos que é possível amar mais de uma pessoa. Deve-se haver regras entre os(as) envolvidos(as), todos(as) devem estar em comum acordo com a situação e ciente da existência dos(as) demais . Não se trata de orgia ou putaria, mas vivenciar uma relação poliamorosa que estejam envolvidos(as) pelo menos 4 pessoas.

**Representações Sociais:** “para Denise Jodelet (1989), na verdade, as representações sociais são uma forma de conhecimento partilhado e produzido no social, que constroem a realidade dotando-a de significação” (SWAIN, 2009, p.122).

### **Teoria Queer:**

“*Queer*, oficialmente *queer theory*, é uma teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais. Não há uma definição genericamente aceita para esta corrente de pesquisa acadêmica e forma particular de política pós-identitária. Os estudos *queer* constituem um corpus grande e variado de empreendimentos dispersos por áreas como os Estudos Culturais, a Sociologia da Sexualidade, Antropologia Social, Educação, Filosofia, Artes, entre outras. (Não seria interessante colocar citação aqui?) (LOURO, etc)” (SALES, 2012,p. 81)

**Transgênero:** o prefixo trans pode designar as pessoas que encontram-se me transito entre os gêneros (masculino e feminino). Transgridem as normas culturais impostas sobre gêneros masculino e feminino. O termo transgêneros é amplo e abarca travestis, transexuais, não binários, crossdessers e drag queens.

**Transexual:** a identidade de gênero não corresponde ao sexo biológico, ou seja homem, com órgão sexual masculino, sente-se uma mulher e vice-versa. Um homem em um corpo de mulher e uma mulher em um corpo de homem.

Esse tipo de inconformidade pode gerar sofrimento, pois a genitália não se adequa ao sentimento de pertencer, buscando cirurgias de redesignação sexual.

**Travesti:** trata-se de uma expressão de gênero, uma identidade de gênero. Faz uso de roupas e acessórios associados ao sexo biológico oposto ao seu, vivencia parte o dia ou dia a dia como sendo o sexo oposto. Pode haver mudanças de nome, trejeitos, mudança de cabelo (corte) , timbres vocais, podem fazer uso de hormônios, intervenções cirúrgicas , inclusões de silicones e próteses para mamas e nádegas. Sem obrigatoriedade de cirurgia de redesignação sexual

**Trisal:** relação afetiva, amorosa que envolve três pessoas. Os(as) envolvidos(as) devem estar em comum acordo.